

3 1761 06894670 6





ROTEIRO DE GOA A DIO,

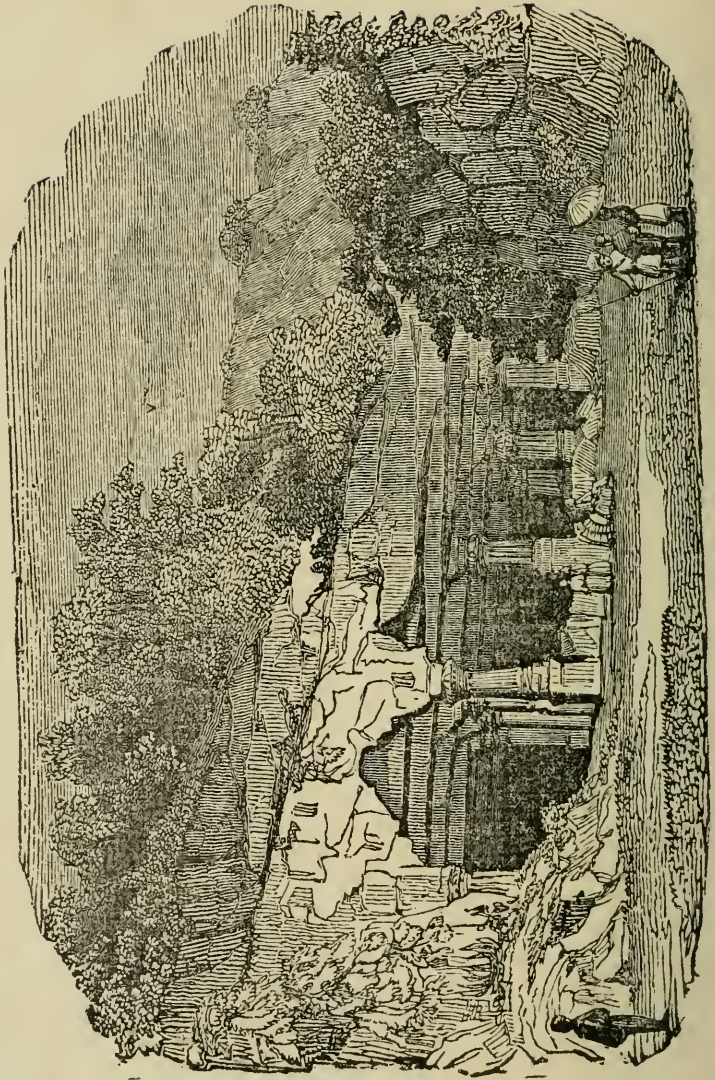
POR

D. JOÃO DE CASTRO.

1538 — 1539.



Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto



PRIMEIRO ROTEIRO
DA
COSTA DA INDIA;
DESDE
GOA até DIO:
NARRANDO A VIAGEM QUE FEZ
O Vice-Rei
D. GARCIA DE NORONHA
EM SOCCORRO DESTA ULTIMA CIDADE.
1538—1539.
POR
DOM JOÃO DE CASTRO,
Governador e Vice-rei, que depois foi, da
India.

Segundo MS. Autographo.

Publicado por DIOGO KÖPKE, Capitão da 3.^a Secção do
Exercito, Lente da Academia Polytechnica do Porto, e Membro
Correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

PORTO:—TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE:
1843.

VK
898
C3
1873



Ao ILL.^{mo} SNR.

JOSEPH JAMES FORRESTER,

Negociante Britannico no Porto,

APRECIADOR E PROTECTOR DAS BELLAS-ARTES;

EM TESTEMUNHO PUBLICO DE AGRADECIMENTO

Pelos obsequios recebidos na publicação

DESTE INEDITO,

C. D. O.

DIOGO KÖPKE.

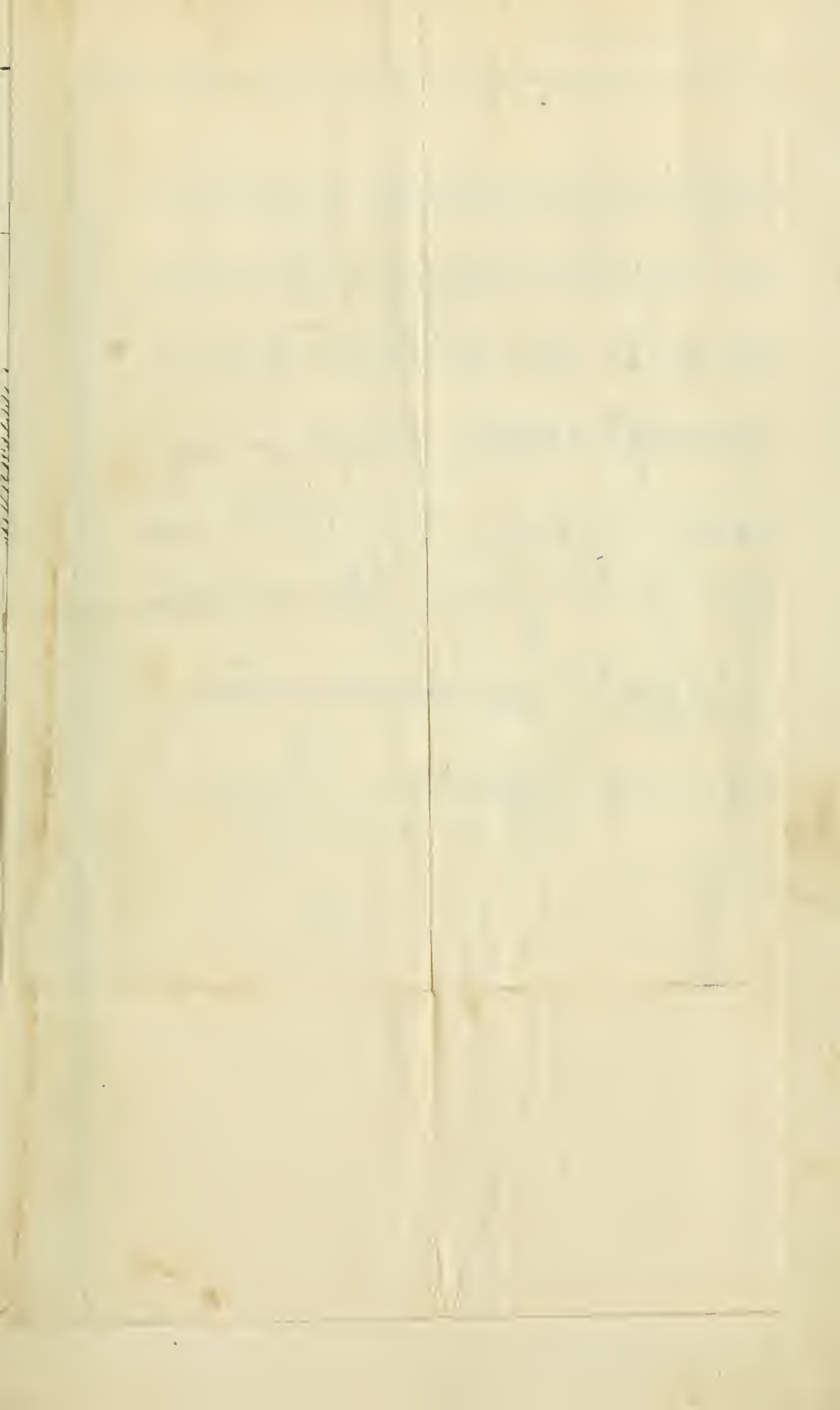




o sereníssimo príncipe
trifano príncipe afonso
dom luis.

Como eu muitas vezes cuida-se em que modo pode
se fazer vossa alteza nesta arte de cosmografia em
que ao presente ando embaralhado, tendo sabido q
per imbecis de novas instrumentos não se podia sa
o saber coisa alguma que se prezom-se de vossa alteza
parece-se noua, e así sendo o pouco prometido que se
tira dos argumentos satis forçados contra os tras
tes pilôtoe e maranhizos, me fiz noutra volta, e
propus em minha vontade de ocupar o pensamento
em parte de que os imperitos navegantes podem sen
tirar alguma falta, e como quer que atoda seia nota
rio que o ponto principal da navegação e cos
mografia jaz em saber as alturas das cidades,
de Hamia de Lagos, e outras de bays, de portos
de promontorios, montas e conhecimentos das te
ras, que o idem e comerto tenham entre si os
mares, e com isto termo verdadeira em forma
com do andar das agulhas, parece-me coisa
justa e necessaria escrever nesta parte por que

como quer que abajar da cidade de guia seja
mais que outra alguma frequencia e sabida, não
me pareceo negocio no fazer dela alguma coisa, no
menos dar abises e presynerdos aos que por ela ou
norem de entrar, somente quis fazer menção
de quantas vezes a ja no banno equal soldo,
muitas vezes e em tempos diversos, por tanto
abemos de saber que nesta bayra sendo pra m
omeros fando que nela ha ha 22. palmos de guia
e omes 24. e da qui em outra tempo fez de
re- () —
26



PREFACIO DO EDITOR.

TINHAÕ-SE colligado o Imperador de Constantinopola, Soleimão, filho de Selim, e Mahmud III., Sultão de Cambaya, sobrinho de Bahadur, para lançar os Portuguezes da India.

D. João 3.º sendo disto certificado, assim por avisos da India como pelas novas vindas d'outras partes, que lhe denunciavão os grandes apercebimentos em Suez e Constantinopola, acudiu ao perigo com huma poderosa armada, em que mandava D. Garcia de Noronha com o titulo e poderes de Vice-rey. As deliberaçoens que houverão sobre o aprestamento desta armada, e sua expedição, podem ver-se em Couto, Dec. 5. Liv. 3. Cap. 8, e em Andrade, Chronica del Rei D. João 3.º, Part. 3. Cap. 57. Ao nosso intento bastará dizer, que el Rei esteve por algum tempo indeciso se mandaria á India seu Irmão o Infante D. Luiz; e que nesta armada foi D. João de Castro por Capitão da Náo *Grifo*. Sua navegação é por elle miudamente referida no Roteiro de Lisboa a Goa, que cedo esperamos dar á luz publica, e onde mais appropriadamente cabe a narração de todos os antecedentes desta jornada.

D. Garcia de Noronha surgiu na barra de Goa aos 11 de Setembro de 1538, e não tardou muitos dias que não tivesse novas de já os Turcos, de liga com os Cambayeses, se acharem de cerco á fortaleza de Dio, poucos annos havia, adquirida á coroa Portuguesa pelo Governador Nuno da Cunha, que D. Garcia de Noronha veio render. Com a armada que trouxera do Reino, e que constava de 12 náos e passante de 2000 homens, e com aquella que já em grande adiantamento lhe deixára Nuno da Cunha, podéra D. Garcia ter logo acudido em pezo a Dio: mas possuido do pensamento de que não devêra o Vice-Rey da India mover-se sem uma esquadra, que, ao tempo que fosse invencivel, incutisse terror duradouro nos animos dos inimigos, deliberou-se somente D. Garcia em mandar soccorros parciaes a Dio, até que, em quanto lidava em aprontar uma extraordinaria copia (*) de navios e gente, veiu-lhe a noticia de que o General Turco Soleimão Baxá tinha levantado o cerco. Foi esta noticia recebida, segundo o brio Portuguez daquelles tempos, com muito sentimento, porque todos lastimárão a perda da honra que esperavão daquella jornada. Escalavrados dos

(*) Muito contra a opinião do experimentado Nuno da Cunha: *E eu cada vez que fiz fundamento de pelejar com os Rumes, nunca puz ponto em mais que settenta ou oitenta vellas e esta me parecia que era a força da India, por que a mais a havia eu por fraqueza.* [Barros, Dec. 4. Liv. 10. Cap. 20.]

ferros de Antonio da Silveira e seus heroicos companheiros, não quizera o inimigo esperar toda a ira do poder Portuguez na India.

Resolveo todavia D. Garcia de Noronha dar huma vista d'olhos a Dio, assim mesmo depois de levantado o cerco. Era necessario segurar a Dio e pôr esta fortaleza em estado de permanente defeza; talvez se pudéra topar com a armada turca; e a ostentação do poder Portuguez evitaria, pelo temor do que elle era capaz, ao estado da India uma outra invasão. Mas nestes preparativos se ia gastando o tempo; e se não fôra a resolução de D. João de Castro, que muitas vezes lembrava ao Vice-rei o que compria ao serviço del Rei, e que foi a causa de se despachar a armada ao tempo que se acabou, mui mal se concluiu nada. Tão forte era a condição de D. Garcia de Noronha, que não obstante ser elle cunhado de D. João de Castro, e ser o zelo de D. João em serviço del Rei, custárão-lhe caro suas lembranças. (*)

João de Barros (Dec. 4. Liv. 10. Cap. 19) faz alardo da força que ajuntou D. Garcia para esta jornada. Elle enumera 170 vellas em que havia

17 Galeoens,
15 Náos,

18 Galeotas,
9 Bergantins,

(*) Vida de D. João de Castro por J. F. d'Andrade, nas *Notas pelo hoje Eminentissimo Cardinal Patriarcha*, a pag. 360.

[x]

7 Caravellas ,	33 Fustas , e
8 Galés ,	13 Catures .

Havia mais 20 catures e fustas d'elRei e de partes, que andavão no caminho de Goa para Dio com recados. Estas, com os navios de mantimentos e muniçoens, fazião a somma de 170, em que estavão para embarcar 4500 homens, afora a gente do mar, e remeiros da terra.

Andrade, na Chronica d'el Rei D. João 3.º, Parte 3. Cap. 67., dá-nos huma differente enumeração. Elle conta

8 Naos grossas do reino

A Taforea, que era tamanha como cada huma dellas,

13 Navetas pequenas,

14 Galeoens, entre grandes e pequenos,

5 Caravellas latinas,

8 Caravellas redondas,

15 Galés e galeotas,

13 Galés reaes,

1 Galé bastarda,

11 Bergantins de postica, latinos,

2 Albotoças,

18 Fustas grandes,

44 Catures e fustinhas,

que ao todo fazem 152 vellas, afora ás que levára Antonio da Silva em soccorro de Dio, e varios outros navios, que de Chaul até Baçaim esperavão pelo Vice-Rei. O mesmo Andrade diz, que havia nesta armada 5000 homens d'ar-

mas, afora a gente do mar que passarião de 1500; na qual gente haveria 3000 homens da India de confiança, e para qualquer grande feito. De tudo ia bem provida menos d'artilharia, porque de peças grossas não havia em toda a armada 400, e de tiros miudos não haveria 600.

Estas relações da força da armada referem-se áquella que o Vice-Rey ajuntára quando na barra de Goa a 11 (*) de Novembro de 1538 recebeu a noticia de ser levantado o cerco de Dio. Julgou elle então dever desarmar e despedir os navios de partes; e a 21 de Novembro partiu a final da barra de Goa, com noventa vellas, segundo Andrade; e segundo Couto (Dec. 5. Liv. 5. Cap. 6.) com

22 Navios grossos, isto é galeoens e náos;
 9 Galés,
 10 Galeotas latinas,
 e outros muitos navios de remo.

É o Diario da navegação desta Armada em que D. João de Castro ia por capitão d'uma galé, e a descripção hydrographica das Costas que percorre, que fazem o assumpto do presente Roteiro. Nelle, assim como nos outros que escreveu e que nos chegarão ás mãos, não se faz o Autor encargo da parte historica; limita-se á hydrographia das costas que decorre, dando ao mesmo tempo um breve esboço geographico dos paizes que ellas bordão, e algumas

(*) F. d'Andrade, na obra e lugar citado.

noçoens de sua historia politica ; não lhe esquecendo de apontar as maravilhas da natureza ou arte que se lhe offercessem em sua derrota , e tendo sempre na mente o desempenho da missão de que o encarregára o Infante D. Luiz. (*)

Assim vêmo-lo dilatando-se , na *sonda e fundo das barras* , notando *para que parte endereçavam os canaes e entradas dos rios* , *as rotas das costas* , *os fluxos do mar* , *as voltas e remansos dos rios* , *os surgidouros dos portos* , *as differenças das agulhas e as alturas das Cidades* , *fazendo tavoads de cada lugar e rio* , *em que se contem a mostra da terra* , *os baixos* , *restingas* , *e rotas* , *e como se devem de entrar.* (**). E tudo isto com tauta miudeza e individuação , que duvidamos muito que os modernos , com seus processos scientificos tão aperfeiçoados , tenham dado desta costa um mappa hydrographico tão exacto como aquelle que deste escripto de D. João de Castro se podéra coordenar. Vêmo-lo , em conformidade do mesmo plano que se formára , dar-nos a *Cosmographia e Descripção* dos Reinos do Deccan e de Cambaya , que *comprehendem as longas e cubiçosas prayas* que costéa. Vêmo-lo descrevendo , pela primeira vez aos Europeus , e muito antes do nosso chronista Diogo do Couto , os espantosos

(*) V. a Nota 5 , a pag. 244.

(**) Dedicatoria ao Infante D. Luiz , pag. XI.

templos subterraneos da Ilha do Elephante e de Salsete, as ruinas da Cidade de Thana, o caes natural de Quelecim, as columnas basalticas de Baçaim, e as estacadas artificiaes que no mar de suas vesinhanças se encontram. Vêmo-lo finalmente porfiando em alcançar a variação das agulhas, com todas as circumstancias que podessem lançar luz sobre as causas e as leis desse, ainda hoje incompletamente sabido, mas nesses tempos totalmente inexplicado, phenomeno da Attractão Magnetica; assim como observando, com assiduidade e intelligencia, a concurrencia das oscillaçoens do mar com as phases lunares; assumpto ainda mais extraordinario que nelle se fizessem naquelle tempo indagaçoens, attendendo ás poucas luzes que então havião da attractão lunar.

Ao passarmos deste modo em revista o plano de D. João de Castro, ao reflectirmos sobre o modo como elle o desenvolveu, e como cumpriu, assim neste Roteiro como no outro que conhecemos de Lisboa a Goa, tanto quanto pôde com a missão de que em sua partida da Europa fôra incumbido, nossa admiração naturalmente se suspende, de sobre os talentos do eximio escriptor, para a transferirmos momentaneamente sobre o Grande Homem, o inclito Infante, que tão cedo soube avaliar o merecimento de D. João de Castro, e que, com tanta generosidade d'alma se deu ao cuidado de o aprontar para os altos lugares, a que viu que o talento do seu protegido no futuro o havia de habilitar.

Cabe tambem aqui uma reflexão, e essa algum tanto de dolorosa recordação. Como é que caminhando a philosophia desses tempos, exemplificada nos estudos de João de Castro, pela verdadeira vereda da sciencia, isto é pelo systema de indução, collhendo factos para de sua reunião indagar as leis geraes que os ligavão, — como é, dizemos, que em tão poucos annos depois vimos a sciencia da natureza expulsa por um systema de philosophia, aerio e inintelligivel, onde, nas palavras de um critico severo e philosopho profundo, “parecia agudeza o que era verdadeiro embotamento da razão?” (*) — A resposta, a historia a dirá; nella veremos uma das mais activas causas de nossa decadencia politica. (**) Mas voltemos ao nosso assumpto.

O escripto de D. João de Castro que hoje damos á luz publica, embora indicado por varios autores, nem sempre foi por elles exactamente noticiado. (***) Para que o Leitor, que

(*) Stockler, Origem e Progressos das Math. em Portugal, a pag. 156.

(**) Existe na Bib. Pub. Portuense uma grande collecção de postillas de Artes e Sciencias, recopiladas das preleccoens feitas em Collegios de Jesuitas, e Aulas que seguirão seu methodo de ensino. Pelo lado da instrucção publica poderião servir para formar seu *corpo de delicto*.

(***) Por exemplo: Barbosa, na sua Bib. Luzit. é inexacto, quando diz; “Roteiro da Viagem, que

não tenha estudado a materia, se não ache confundido ao encontrar, assim em Autores antigos como em modernos, informações menos exactas a este respeito, recapitularemos resumidamente a historia bibliographica dos Roteiros de D. João de Castro.

I. O primeiro roteiro de D. João de Castro, assim na ordem da viagem que nelle se relata como na do tempo em que foi escripto, é o

Roteiro da Viagem que D. João de Castro fez a primeira vez que foi á India, no anno de 1538.

Foi dedicado a D. João 3.º Refere-se á viagem da armada que commandava D. Garcia de Noronha, de que já fallamos, e que levava socorros á India. Ia D. João de Castro por capitão da náó Grifo. Partirão de Bellem em 6 d'Abril; chegarão a Goa em 11 de Setembro de 1538.

A este Roteiro accrescentou D. João de

fez deste Reyno para a India com o Vice-Rei D. Garcia de Noronha no anno de 1538, e da que fez de Goa até Dio. *Dedicado ao Infante D. Luiz.* Estas duas obras &c. ” Stockler, na citada obra, depois de fallar do Roteiro do Mar Vermelho diz que D. João de Castro escreveu “ *outro semelhante Roteiro da viagem que fez para a India com o Governador D. Garcia de Noronha, ao qual ajuntou a descrição hydrographica da Costa do Malabar que está situada entre Goa e Dio*”; e desta sorte confunde dous Roteiros em um só. Podiamos continuar estas citaçoens.

Castro algumas notas, relativas á segunda viagem que fez á India, que foi no anno de 1545.

Existem deste Roteiro duas copias, uma incompleta, e ambas de pouca authoridade, na Bibliotheca Publica Eborense. O Bibliothecario da mesma o Sur. D.^r Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara deu dellas noticia nos N.^{os} 67 e 68, (1843), do Panorama. O pouco conceito, (mesmo em quanto á exactidão,) que nos merecem estes dous codices, foi a causa porque contra a ordem chronologica, começamos na publicação das Obras de D. João de Castro por outro Roteiro escripto subsequentemente a este, embora delle tivéssemos copia, segundo os MSS. Eborenses, feita com summo cuidado pelo Sur. Conselheiro Doutor Antomo Nunes de Carvalho. É de esperar que a presente publicação dê causa a novas indagaçoens, das quaes resulte acharem-se exemplares do Roteiro de Lisboa a Goa, de tanta authoridade como aquelles que nos servirão, e de que obtivemos noticia, para a edição actual do Roteiro de Goa a Dio.

II. COMMENTARIOS *Geographicos da Costa da India*, ou *Primeiro e Segundo Roteiro da Costa da India*.

A esta obra dá o proprio D. João de Castro o nome de *Commentarios*, na pagina 26 do *Roteiro do Mar Vermelho* (*); e a mesma denominação veimos nós applicada a alguns dos Roteiros de D. João de Castro, com

(*) V. as nossas Notas, a pag. 247.

mais ou menos exactidão , por Maffeo , Pedro de Mariz e Fr. Antonio de San Roman. Era esta obra dividida , como indicamos , em duas partes.

1. O *Primeiro Roteiro da Costa da India* é este que hoje damos á luz publica. Descreve a costa de Goa até Dio. Foi a viagem que relata , começada em 21 de Novembro de 1538 , e terminada , ida e volta , em 29 de Março de 1539. Foi escripto algum tempo depois desta data ; ao menos depois do 1.º de Fevereiro de 1540. (*)

2. Neste Roteiro faz D. João de Castro repetida menção do *Segundo Roteiro da Costa da India* : como se pode ver na Dedicatória , a pag. VIII ; e no Roteiro , a pag. 8 , 19 , 24 e 43. A que viagem se refere este Roteiro , e em que tempo foi escripto , tem-se até hoje completamente ignorado , porque talvez nós fossemos os primeiros a divulgar a existencia deste escripto do illustre Castro. Todavia a ultima citação , a da pag. 43 , offerece-nos a data do 1.º de Fevereiro de 1540 ; como tempo em que D. João se empregava na viagem que deu lugar a este 2.º Roteiro ; a da pag. 19 , indica-nos que D. João de Castro ia então *n'uma galé* ; e as das pag. 19. 24 e 43 , mostram que nesta viagem andou D. João de Castro ao Norte de Goa ; pois vemo-lo nos Ilheos Queimados , no rio de

(*) V. Roteiro , pag. 43.

Carapatão, e no rio de Beigoim, que distão respectivamente de Goa, 8 a 11, 22, e 47 legoas.

Nem dos nossos classicos podemos colher o fio que nos subtraia destas difficuldades.

De Couto (Dec. 5. Liv. 6. Cap. 7 e 8.) concluimos que em Dezembro do anno de 1539, despediu o Vice-Rei D. Garcia de Noronha, seu filho D. Alvaro a Panane, para jurar as pazes com o Çamorim de Calecut. D. João de Castro foi-lhe dado por um dos seus coadjutores, e na viagem commandou *um galeão*. Concluidos os negocios de Panane foi D. Alvaro para Cochim, onde ainda estava a 10 de Janeiro de 1540. Logo depois partio para Goa, e de passagem visitou as fortalezas de Chale e Cananor, *deixando alguns navios de remo por aquella costa*, por causa de alguns ladroens formigueiros se os houvesse. No *fim de Março chegou a Goa*.

Tambem lemos em Faria e Souza (Asia Portuguesa, T. 2. Parte 1. Cap. 2. §. 8.) que entrado Janeiro, e quando se deu fim aos negocios das pazes com o Çamorim, expediu o Vice-Rey a D. Pedro de Castello Branco para Cambaya, o qual achando (F. d'Andrade; Parte 3. Cap. 72.) Baçaim em paz, passou adiante, correndo a costa até Dio, e depois de andar nella muitos dias se tornou a Goa, já na entrada d'Abril de 1540.

É mui possivel que D. João de Castro logo que se concluirão os negocios de Panane, se apartasse de D. Alvaro, (que ainda tinha

de ir a Cochim,) e que ou na armada que ficou de guarda costa ao Malabar, ou ajuntando-se a de D. Pedro de Castello-branco, fosse outra vez a Cambaya; — e desta sorte, incluindo seu Segundo Roteiro a costa ao Sul de Goa, tambem entrasse nos portos tanto ao Norte.

Eis tudo quanto podemos conjecturar a este respeito.

III. *Roteiro de Goa a Suez.* Esta obra appareceo pela 1.^a vêz, compendiada em Inglez na Collecção de Viagens de *Purchas*, 1625. Desta traducção Ingleza de *Purchas* se fez a versão Latina, ainda mais resumida, de Matthæo, 1738. Tornou a apparecer na Collecção Geral das Viagens em Inglez, 1745; e d'aqui a verteu finalmente Prevost, para a sua Traducção Franceza, 1746. Ao Snr. Doutor Antonio Nunes de Carvalho devemos a primeira edição na lingua Patria, impressa em Paris no anno de 1833. Refere-se á jornada de D. Estevam da Gama ao Mar-Vermelho, começada em 31 de Dezembro de 1540, e terminada a 21 d'Agosto de 1541. A copia que seguiu o Snr. Doutor Nunes existe na Collecção Cottoniana da Bibliotheca do Museu Britannico de Londres. É mui provavel que seja o mesmo exemplar que Sir Walter Raleigh comprou por 60 libras e depois mandou traduzir para o Inglez (*). O Autor da Biographia de D. João de Castro,

(*) V. os Annaes das Sciencias e das Artes, Tomo 5., Parte 1. pag. 152.

nos “Elogios e Retratos dos Varoens e Donnas,” falla do original existente em poder de Joaquim José Rodrigues Vidal.

Depois desta breve noticia dos varios Roteiros de D. João de Castro, daremos uma mais extensa relação das varias copias que conhecemos do *Primeiro Roteiro da Costa da India* que agora damos á luz publica.

N.º 1. O exemplar de mais authoridade que conhecemos é aquelle que reproduzimos na presente edição. Têmo-lo por escripto pela propria mão de D. João de Castro, e fundamos esta opinião na comparação da letra com a de D. João de Castro, no testemunho de Stockler, e em provas offerecidas pelo proprio manuscrito.

É este codice do formato de papel usualmente denominado *Almaço*. Tem quasi $1 \frac{3}{11}$ de palmos d’altura de pagina, e approximadamente $\frac{10}{11}$ de largura; (*) como se vê no *fac-simile da letra que delle damos*. E’ encadernado em pergaminho singelo, com suas fitas da mesma substancia. Tem na lombada o titulo *Roteiro de D. Joam de Castro*; e na folha que lhe serve de guarda tem escripto em letra corrente mais moderna: *Descripçam da India, e Roteyro de D. João de Castro*.

(*) Como ha grandes esperauças de em poucos tempos não se entender o que se quer dizer por *palm*o Portuguez, declaramos que *nosso* palmo é o palmo da Commissão das Côrtes do anno de 1836; a saber, igual a 22 centímetros francezes.

Começa pela Dedicatória escripta em 3 folhas ; segue logo o corpo do Roteiro , que começa :



Jesus Maria .

Em nome da morte e paxam &c.

E termina pela *Cosmografia e Descriçam do Reino do Daquem*. A numeração das folhas começa depois da Dedicatória , e ainda em muitas folhas se vê no fundo dellas á mão direita , tendo sido na maior parte cortadas pelo encadernador. Occupa o corpo do roteiro 143 folhas , sendo a ultima numeração que se lê a da folha 136. A *Cosmografia e Descrição* do Deccan occupa 10 folhas . No lugar em que deverião ir as Tavoas deixou o Autor uma folha em claro , como para se nella pintar a mostra da terra . Estas pinturas fôrão depois feitas em papel á parte e colladas ao roteiro.

São estes Mappas manifestamente coevos com o texto do Roteiro . Tem sido repetidas vezes sacados do codice para serem copiados , e todos mostram os contornos picados á agulha por alguém , que desta maneira os *transferiu* para outra copia . Julgamos que foi por causa destas abstracçoens dos Mappas , que alguns delles se achão agora collocados em lugares incompetentes ; e é ao mesmo motivo que at-

tribuímos a falta das fol. 13 e 94 que o A. tinha deixado em branco para as duas Tavoas dos Rios do Betele e de Quelecim. Do tempo em que se collocarão os Mappas devem também ser as letras de tinta vermelha que nas *descripçoens* delles lhe tem referencia.

E' o papel evidentemente coevo com a data. E' grosso, consistente e um pouco escuro. As marcas d'agoa ao longo das folhas são mui grossas; as devisas do fabricante de 3 formas; uma em figura de um P. gothico com uma flor no alto, e duas representando vasos, dos quaes um maior e o outro menor — o vaso maior é fechado por uma coroa da qual sahe uma flor, e tem uma listra no seu bojo; o menor tem sobre a tampa uma cruz, e em vez de listra tem um risco.

E' este codice aquelle a que Stockler (Origem e progressos das Mathem. em Portugal, a pag. 49) chama o original do Autor. Pertenceo á Livraria do Conde da Barca, e veiu ter ás nossas mãos já por outros possuidores. Logo que o obtivemos, tratamos de colher letra de D. João de Castro; mas não fomos tão felizes como desejamos. De todas as indagaçoens que nossos Amigos fizeram a este respeito, nada mais podemos obter de autographo de D. João de Castro, alem de sua *assignatura*, com a qual não se podia fazer confrontação, como é bem de pensar, senão as palavras “Beijo as reaes mãos a V. A.” com que terminou uma Carta sua a El Rei D. João 3.º

(*). Mas bastou-nos esta comparação para assentarmos na identidade da letra. Uma inadvertencia fez com que mandassemos lithographar uma Carta de D. João de Castro, irmão de D. Garcia de Castro, filhos de D. Francisco de Castro, o qual ultimo foi meio irmão de D. Alvaro de Castro. D. Garcia foi companheiro do grande D. João de Castro na presente viagem de Goa a Diu, (Couto Dec. 5. Livro 5. Cap. 6. ,) e o D. João de Castro da Carta foi Capellão do Snr. D. Duarte. Já que a lithographamos, damos esta Carta como uma curiosidade. O original existe na Torre do Tombo, Corpo Chron. Parte 1.^a, Maço 78, Doc. 114.

Temos tambem a evidencia interna do MS. Elle acha-se cheio de correccoens na propria letra de quem o escreveo, e correccoens não sómente de palavras, mas mesmo de estilo. De modo que temos este codice como a primeira copia que D. João de Castro tirou de seus apontamentos, e que depois de ser por elle emendada, servio de typo á copia nitida que devêra de ser offerecida ao Infante D. Luiz.

Destas emendas apontaremos algumas das mais importantes. Na parte do Manuscrito

(*) A carta a que nos referimos é uma que D. João de Castro escreveu ao Príncipe D. João, filho d'el Rei D. João 3.^o, em 21 de Novembro de 1547, do Rio de Baçaim, remettendo-lhe, por mão de D. João Mascarenhas, um arco e aljava para a caça. Existe esta carta na Torre do Tombo, Corpo Chronologico, Parte 1.^a, Maço 79, Doc. 127.

que corresponde ao nosso impresso, pag. 49, linha 10, tinha D. João de Castro escripto: “*he a occasiam da Calunia que lhe poem aquelles que de lomje o notam, e do lugar onde termina começa a se hir alevantando &c.*” — e depois emendou como se lê no nosso texto. Do mesmo modo a pag. 51. linha 18, tinha o Autor escripto: “*do monte da barra,*” que emendou para: “*do monte que está sobre a barra*”. A pag. 122, § ultimo, tinha o Autor escripto que as enseadas de que falla erão tres, e que a *terceira e mayor de todas* era a *de Pero Soares*. Depois corrigiu o numero para *quatro*, e acrescentou a noticia da de *Cifardam*, alterando como lemos no texto. A pag. 150, linha penultima, havia escripto: “*omde o rio tem mayor fundo,*” que tambem se alterou como se acha no texto. Na passagem que no MS. corresponde á nossa pag. 8, linha 1, lemos: “*tornaram e faram fim*”; o que se emendou como vemos. Mas é escusado extender-nos neste ponto.

Do exame da letra e conteudo resulta o ter D. João de Castro escripto a Dedicatoria depois de ter começado o corpo do Roteiro. Tinha elle concluido este quando se lembrou de escrever a *Cosmografia e descripção do Reino do Daquem*, que incluindo a Cidade de Goa, poderia servir de introdução geral ao 1.º e 2.º Roteiro da Costa da India; e porque esta *Cosmografia* é começada no mesmo Caderno de papel em que terminou o Roteiro, não

pôde o encadernador separa-la e colloca-la em seu lugar, que é evidentemente depois da Dedicatória. A nós nos ia tambem enganando esta disposição; e já depois de impressas algumas folhas do Roteiro é que vimos que elle deveria ser precedido do capitulo que no codice vem no fim. Tratamos de corrigir nosso engano, imprimindo logo uma folha que incluísse a referida *Cosmografia &c.* e entrasse antes do corpo do Roteiro; mas como isto não quadrasse exactamente com a numeração das paginas antecedentes, vimo-nos obrigados a deixar sem numeração duas paginas frontaes: a saber; a do titulo: "*Cosmografia e Descrição do Reino de Daquem*"; e a do começo do corpo do Roteiro. (*)

E' tambem de notar que pelo talho da letra e a côr da tinta se conhece que tudo quanto corresponde ao nosso impresso, na pagina 9, alem da linha 16. — "*e aja oje em dia este numero de aldeas*" — foi escripto pelo Autor algum tempo depois de concluir o resto da obra. Como esta parte do Manuscripto é escripto com menos cuidado que o resto da obra, escolhemos o começo deste addicionamento para apparecer no *fac-simile* que damos da letra do codice. É tambem notavel a apparencia geral de semelhança que tem com o *fac-simile* da letra do outro D. João de Castro.

N.º II. A este nosso autographo segue-se

(*) V. Nota no fim do Prefacio.

em authoridade um codice a que chamaremos N.º 2, e que nos veiu ás mãos, já, infelizmente, depois de termos impresso todo o texto de D. João de Castro. A historia tradicional deste codice é algum tanto curiosa.

Foi comprado ao Beneficiado da Sé d'Evora José Lopes de Mira pouco tempo antes de sua morte por um livreiro de Braga, o qual constando-lhe as disposições e talvez circumstancias em que se achava este collecter d'antiquidades, foi de proposito estabelecer-se, ou fingir que se estabelecia em Evora, a fim de mais commodamente tratar com elle sobre a compra dos seus MSS. Conseguiu com effeito seu intento o livreiro, (*) e entre suas acquisições foi esta copia do Roteiro de Goa a Dio. Possui-o hoje em dia o Snr. José Maria Forjaz de Sampayo, de Braga, a cujo obsequio devemos o tê-lo em nosso poder ao tempo que isto escrevemos.

E' o codice de que fallamos perfeitamente coevo com o nosso authographo. Talho de letra, aspecto do papel e evidencias intrinsicas, — tudo o denota, e de mais estas ultimas indicão o ter elle sido copia feita sobre este nosso authographo, ainda antes de se lhe terem inserido os Mappas ou Tavoas.

(*) Fica-nos agora explicado o modo porque vierão ter á Bib. Pub. Portuense tantos codices na letra do P.º José Lopès de Mira. Forão comprados em Braga ao mencionado Livreiro por seus antigos possuidores. A assiduidade de Mira no trabalho é extraordinaria.

E' o Manuscripto do formato d'almaço , algum tanto sobre o comprido. E' encadernado em capa de pergaminho singelo , com seus atilhos , como outrora era costume .

Começa na 1.^a pag. depois da guarda , com a Dedicatória , no começo da qual logo depois das palavras : *O Infante D. Lois* ; não muito mais moderna escreveu o nome do Autor : *D. João de Castro* .

Segue-se-lhe a *Cosmografia &c. do Daquem* ; e termina o Roteiro proprio na folha 67 , como indica a numeração do alto da folha. Não tem os Mappas , mas no lugar que elles devião occupar collocou o Amanuense folhas ou tiras em branco , nas quaes designou os Mappas que ali havia tenção de pôr . Por isso tambem faltão nas *Descripçoens* as letras que ao depois se havião de introduzir em referencia aos Mappas.

Ficarão no fim do roteiro duas folhas de papel em branco que na encadernação servem de guardas . Á primeira destas folhas acha-se collada outra folha inteira de papel coevo com o do roteiro , na qual se vê escripto um resumido indice com a denominação : "*Titulos do Roteiro de D. João de Castro* ." A letra de mão parece-nos diversa da do copista da obra , e mesmo daquella em que estão escriptas as indicaçoens dos Mappas ; mas é sem duvida senão contemporanea , de certo mui pouco posterior á do resto da obra. Entre a ultima folha do Roteiro e este indice achão-se intro-

duzidas duas folhas inteiras de papel de fabrica muito mais moderna, colladas no livro já depois de eucadernado, nas quaes, occupando algum tanto mais de 5 paginas, escreveo o P.^o José Lopes de Mira uma *Informaçam das Ilhas de Maluco e Banda*, feita ahi pelo anno de 1529.

A marca d'agua do papel deste codice tem por divisa uma mão extendida, com uma cifra das letras F. e B. na palma, e uma flôr ou estrella ornada de 5 pontas, sabindo da extremidade do dedo do meio. As folhas ou tiras em que se achão as indicaçoens dos Mappas são de papel mais ordinario; algumas tem a mesma divisa de marca d'agua de urna pequena que se encontra no papel do nosso authographo; outras tem a mão extendida, sem cifra, e em vez de flor ou estrella, uma coroa.

A letra do MS. é naquelle character francez cursivo e ligado que usavão os amanuenses e escriptores accostumados nos fins do seculo XV e começos do XVI. As indicações dos Mappas e a nota marginal da nossa pagina 199 são em outra especie de character de letra, mas contemporanea. Parecem-nos commo, da mesma pessoa, porque naquelles tempos os Amanuenses erão exercitados em escrever em diversos characteres.

Pouca duvida poderá haver em assentar que esta copia foi feita sobre nosso autographo N.^o I. Nella se conservão muitas de suas particularidades de orthographia; o *m*, por exem-

plo, em vêz do *n*; como em *presente*, *tendo*, *istromemto*, *vemdo*, *presemça* &c.; ainda que algumas poucas vezes o Amanuense julgou dever apartar-se deste uso. Temos logo na Dedicatória o *inuetissimo e inuentissimo* de D. João. Devemos comtudo notar que o Amanuense regularisou as variantes em muitas partes, e em outras suppriu suas faltas orthographicas, usando nos pluraes de *pee*, *galee*, *cruees*, onde em D. João de Castro nem ha accento nem letras dobradas; em lugar do *omemis* (por *homens*, de que adiante fallaremos) substituiu o Amanuense *homês*. Onde o Autor escreveu *Descrição*, que nós imprimimos *Descrição*, lemos nesta copia *Descrição*.

Se tivéramos tido este antigo exemplar á mão logo no começo da publicação, ter-nos-ia elle servido de muito, porque nos teria facilitado a leitura dos lugares duvidosos; e talvez tivéramos adoptado sua mais regular orthographia. Temos comtudo a satisfação de por elle nos convenceremos de nunca termos errado a leitura do nosso autographo.

Fez-nos, todavia, este exemplar um grande serviço; indicou-nos o gráo de authoridade de que devem gosar alguns outros transumptos que existem deste Roteiro.

Não é esta copia immaculada. Tem ella os erros essenciaes seguintes, que indicaremos, referindo-nos ao nosso impresso.

Na Dedicatória a pag. XI, começando na linha 3.^a, faltão-lhe as palavras seguintes:

Até entam nunca lavrados cubertos de bravo mato, e assim mesmo que pera alcançar a verdade das rotas, fluxos do mar, voltas e remansos de rios.

A pag. 86. linha 22. em vêz de *pera a por no estromento tive este modo*, tem: *pera a poor no estremo tive modo.*

A pag. 156. linha 22, em vez de *serra que parece mesa*, tem: *serra que parece serra.*

A pag. 184 linha 7, em vez de *vivem nós, suas casas &c.*, tem: *vivem nas suas casas.*

Estes erros servem para darmos como transumptos deste antigo exemplar as copias seguintes.

§ 1. Um exemplar, que temos á vista, escripto pelo incorrecto escrevinhador *Fr. Lucas de S. Jeronimo Pinheiro*. Fr. Lucas, que já conheciamos, não sabia ler letra tão facil como a do codice N.º II. Em sua copia vêem-se os erros acima mencionados, com a differença de que julgou emendar o da pag. 156, escrevendo: *terra que parece serra*.

A phrase: *fiquem pera determinar Apolo*, escreveu elle: *fiquem pera determinar a poucos*; o *Solua da polo*, como não entendeu, passou em claro, &c. Na Dedicatoria, onde no nosso N.º II vem o nome *D. João de Castro* em letra differente, elle o transcreveu como se fôra assignatura. Em fim, seus disparates não tem conta. Termina este transumpto com a declaração seguinte:

“ *Este Roteiro da Viagem de Goa até Dio, feito por D. João de Castro, foi copiado do antigo original que estava na livraria dos Jesuitas da Cidade de Evora e que oje se acha na mão do Ilustre Antiquario José Lopes de Mira Secretario da Inquizição da dita Cidade o qual atesto estar em tudo conforme ao dito manuscripto.*

Pinheiro.” —

§ 2. Outra tanta fé merece a copia que se guarda na Bib. Pub. Eborense, que se diz *Copia exacta e extrahida do original*, mas que é uma evidente impostura litteraria do P.^o José Lopes de Mira. E’ escripta por sua letra, traz os erros por nós notados na Dedicatoria, e nos lugares correspondentes ás nossas pag. 86, e 184. Quanto ao erro da pag. 156, esse não apparece, porque José Lopes de Mira como seu antigo exemplar (o nosso N.^o II) não tivesse os Mappas, julgou mais conveniente supprimir as *Descripçoens* delles na copia que fez, que deste modo passaria como exemplar completo. O *D. João de Castro* que Mira achou na frente do Codice N.^o II, passou elle, tambem como assignatura, para o fim da Dedicatoria.

§ 3. E’ copia deste antecedente o Codice n.^o 423 da Bibliotheca Pub. Portuense. Intitula-se *Cosmografia e Descriçam da Azia per Dom Joam de Castro: Copia exacta e extrahida do original*. Val tanto como a de Evora.

§ 4. O Codice n.º 472 da mesma Bib. Pub. Portuense é uma desprezível copia do codice antecedente. O copista leu *azeites* por *arietes* &c.

N.º III. Segue-se em authoridade ao nosso autographo N.º I, e ao antigo exemplar N.º II, o Codice N.º 194 (numeração provisoria) da Bibliotheca de S. Excellencia o Conde de Castel-melhor, onde nosso Amigo o Snr. Francisco Adolfo de Varnhagen achou aquella facilidade de entrada, franqueza, e urbanidade que são características de S. Excellencia.

E' um codice de 73 folhas, encadernado em capa de couro com cartão; o papel encorpado, escuro e aparado; o formato algum tanto maior que almaço; a letra é de 1600 e tantos; com os Mappas, ou Tavoas, de per meio, illuminadas com esmero.

E' completo até onde uma cursoria comparação com o nosso impresso o pôde asseverar; não se lhe notando outra falta senão o *título* da nossa pagina 226: *Descrição de Dio*, cuja integra, sendo a explicação da Tavoas competente, falta assim no nosso original como neste codice.

A vista do *fac-simile* da 1.ª pag. e dos seus 15 mappas, que nos fez favor de remetter o Snr. D.ª Nunes, diremos que a orthographia foi modernizada, e que os Mappas tambem o forão, porque afóra o serem em ponto menor que os do N.º I, nelles não se veem, nem os ornatos nas tarjas e nos pontos cardeaes, nem

os navios, nem os titulos antiquados do nosso referido original. Na Tavoia de Goa a Nova faltão as letras de referencia, e na Tavoia de Dabull apparece uma ilha, com uma fortaleza em cima, junto á extremidade oriental da cidade, que no nosso original não se vê; sendo sim neste ultimo de notar um risco de mão mais moderno no lugar onde, no codice do Sr. Conde de Castel-melhor, se vê a ilha.

IV. Na Torre do Tombo, e Collecção em folio de Documentos do Seculo XVI, que para ali se recolheu do Mosteiro de S. Vicente de Fora, a pag. 183 do Tomo 15.º, existe uma troncada copia do Roteiro de Goa a Dio. Neste transumpto não se declara seu dono nem a éra em que foi feito, mas d'uma nota nas costas da Tavoia de Chaul, se colhe que fôra escripta esta copia antes de 22 de Maio de 1588, e que esteve de posse della alguem que então morava no lugar da Castanheira, bispado de Vizeu.

O copista ignorava quem fosse o Autor deste roteiro, a quem trata com mui pouco respeito. Não se contentou com o louvavel costume de censores e criticos em reprovar o que não entendia, mas foi muito alem, e o-mittiu tudo quanto lhe pareceu ou de pouco interesse, ou falso na conformidade de seu illustrado juizo; condescendendo, na maioria dos casos, em justificar seu proceder com varias observaçoens de muito saber e persuasão; por exemplo: *Bem fez este autor que se não no-*

meou nesta obra..... E porque em 2 capitulosinhos vay tratando destes graos e medidas passo por elles..... Daqui se seguem capitulos que tratão de larguras do Sol em varias partes por muita confusão.... Daqui se seguem misterios do Estrolabio e da agulha, computaçõins de graos ao nascer e por do Sol, e alturas..... Segue o capitulo de operaçõins e confusõins; e quejandas.

Os Mappas se achão entremeados com o texto. Falta nelles a nossa *Tavoa da mostra que faz a bahia de Cifardam com a terra que vay até Beçoim*; e accresce-lhe uma *Tavoa de Barem*. Pouca differença farão dos Mappas do nosso original, a não ser a falta das tarjas, rumos, e ornatos.

Depois do titulo

Roteiro

1.º

Descripçam da Tavoa da Cidade de Goa a nova;

em folha separada, começa o MS. a pag. 10 do nosso impresso: § *Os dous montes &c.*, e continua até pag. 15 (frente), onde começa o corpo do Roteiro, com as palavras *Primeiro Roteiro &c.* Vai depois o copista seguindo o

texto do Roteiro, com aquellas alteraçoes e omissoens que julgou conveniente, tendo sobre tudo aborrecimento a *alturas*, e *larguras* (*) do nascimento e occaso do Sol para a variação das agulhas. Para dar idéa do modo que procede notaremos *algumas* de suas essenciaes omissoens.

Desde a pag. 85 linha 9 até a pag. 87, linha 16	
91.....11.....105...ultima	
126..... 7.....127..... 5	
127.....14.....128.....21	
139.....22.....142..... 5	
143..... 9.....148.....22	
155..... 5.....156..... 6	
173.....22.....174.....14	
174.....22.....175..... 6	
179.....20.....182.....20	

e assim por diante no mesmo estilo. Da pagina 200 linha 6.^a corta até pag. 215 linha 23.

No fim termina com um *Laus Deo* em vez de *Nosso Senhor &c.* de D. João de Castro.

O unico merecimento deste codice, portanto, consiste na sua antiguidade e nos seus mappas; realça de mais a mais o valor do nosso autographo.

Eis as noticias que temos podido alcançar sobre os exemplares existentes do inedito que agora damos á luz publica. Se o nosso

(*) Em linguagem moderná, *latitudes e amplitudes.*

Codice N.º I pertenceu ao Bispo de Beja, (*) se o nosso N.º II foi o exemplar que pertenceu ao Collegio dos Jesuitas d'Evora, são pontos que não tomamos sobre nós esclarecer; porque não teriamos por guia senão hypotheses e conjecturas.

Resta-nos dar conta do systema que seguimos na transferencia do MS. á Imprensa. Hesitamos muito se haviamos de seguir o Autor *verbo ad verbum*, ponto por ponto: chegamos mesmo a mandar arranjar em typo uma folha inteira de 16 paginas segundo este methodo. Mas vimos a barbara apparencia d'uma semelhante copia; e que alterar o Autor em alguma cousa era absolutamente necessario, se quizessemos que elle fosse legivel, ainda mesmo pela generalidade dos litteratos, que nem a maioria delles se tem dado á leitura de MSS. antigos.

D. João de Castro escreveu sem pontuação alguma methodicamente distribuida: um mesmo signal, a saber: um traço, assemelhando-se a uma virgula apressadamente feita, lhe servia para separar as oraçoens, ora accidentaes ora principaes; accrescentando a esta, somente no fim de cada titulo ou paragrapho geral, um ponto: e nem nisto mesmo assim seguia elle regra certa, que muitas vezes não separava

(*) Veja-se a Noticia do Snr. D.ª Rivara nos N.ºs 67 e 68 do Panorama, 1843.

as oraçoens e periodos. Era por tanto de absoluta necessidade alguma mais regular pontuação; mas quizemos ser o mais parco que pudemos nesta innovação no texto, e todas nossas alteraçõens se reduzirão a fazer o sentido claro e livra-lo de equívocos.

Julgamos tambem necessario indicar por letras maiusculas os começos de periodos e os nomes proprios de pessoas e lugares. Resolvemo-nos tambem a introduzir um *h* na terceira pessoa do singular, tempo presente, e modo indicativo do verbo *haver*, por que a falta d'elle muita vez causava duvida na leitura corrente. O Autor muitas vez omittie o artigo *a* antes de palavra que comece pela mesma letra; — assim achamo-lo quasi sempre escrevendo: “ *noroestea agulha... tantos graos*”, porque na pronuncia reunia os *a* n’um unico som longo; — aqui tambem resolvemos introduzir o artigo. Ao começo, lembramo-nos de pôr estas letras introduzidas no texto, no typo chamado *Italico*, — mas vimos sua má apparencia typographica e resolvemos imprimi-las uniformes com o resto do texto. Reservamo-nos sim a collocar entre [] alguma palavra omissa pelo Autor e que era força introduzir para completar o sentido.

Até aqui erão as difficuldades de pouca monta; mais perplexos nos vimos no que se segue. D. J. de Castro não usa de accents nem letras dobradas para denotar as vogaes longas; e ainda por cima não usa do dipthongo

ei. Assim escreve elle: *Meteuos*, *meo*, *seo*, *pe*, *mare*; por *metei-vos*, *meio*, *seio*, *pé*, *maré*. Sendo necessario alguma alteração para facilitar a leitura do Autor, pensamos no principio em pôr um accento circumflexo sobre os *e* para substituir o diphthongo *ei*, e de acrescentar outro *e* nas palavras em que vem o *e* longo; mas depois assentámos que, visto estarmos resolvidos a alterar a orthographia do texto neste ponto, e que isto não podia ser nunca senão com ressaibos de escripta moderna, era melhor cortar por estas difficuldades, e seguindo um systema, em seu todo uniforme, pôrmos estas palavras á moderna; assim escrevemos: *metei-vos*, *seio*, *meio*, *pé*, *maré*, em todos os lugares onde no autor faltava o *i* em os primeiros, ou letra dobrada nos segundos.

Uma outra particularidade de D. João de Castro é o uso dos *m* em *presemte*, *amdo*, *temdo*, *invemções*, *estromentos*, &c. Depois de vermos que esta orthographia, alem de muitas vezes causar confusão, dava um aspecto mui duro e quasi barbaro ao texto, tendo consultado varios litteratos de pezo, julgamos dever substituir estes *m* por *n*, e assim escrevemos: *presente*, *ando*, &c.

A conservação do *u* consoante com a forma de *u*, julgamos nós uma antigualha sem utilidade alguma. Assim não hesitamos em substituir-lhe por toda a parte o *v* moderno.

Os antigos usavão de um caracter particular para exprimir o *r* inicial e forte; este

caracter era o mesmo que representava o *R* maiusculo. Tambem usavão geralmente de um unico *s*, e esse um *f* comprido, para indicar o som sibilante desta letra, onde no uso moderno se exprime por dous *ss*. N'um e n'outro caso usamos das letras dobradas, e assim em vez de *teRa*, *illustrifimo*, escrevemos: *terra*, *illustrissimo*.

Era absolutamente necessario desfazer as abreviaturas e omittir os numerosos *tis* (*~*) e *c* cedilhas que apparecem no MS.

Os antigos não tinham regra certa para indicar o som nasal de *ão*, ou *em*. Indistinctamente encontramos *ã*, *ão*, *ãm*: nós, em regra geral, do (*~*) fizemos um *m* e rejeitamos os *tis* inuteis: assim escrevemos sempre *nam*, ou *não* conforme o A. tinha *nã*, *nam*, *nãm*, ou *não*. Analogamente obramos com o *em*.

D. João escreve *omẽmis*: nós substituímos *homemis* a esta orthographia *desusual*: que nem sequer seu copista contemporaneo do codice de Braga quiz seguir: este escreve *homẽes*.

E todavia sendo o mais regular que podemos nestas alteraçoes, julgamos conservar ainda ao impresso muita da peculiar orthographia do illustre Castro.

Quanto aos Mappas não alterámos n'elles uma linha. Fomos os mais severos possivel em exigir que o Artista, a quem os encarregamos, appresentasse delles rigorosos *fac-similes*. O Snr. Joaquim Cardoso Victoria Villanova desempenhou completamente esta exigen-

cia. Com outro tanto rigor se houve o Snr. Thadeu Maria d'Almeida Furtado naquelles que coloriu em imitação dos originaes.

No meio das difficuldades com que temos lutado na publicação desta obra, temos sido sustentados pela coadjuvação de mui distinctos litteratos, que nos quizérão animar com suas communicações.

O Eminentissimo Snr. Cardeal Patriarcha, não somente nos quiz honrar com seus conselhos, e identificar-se com o bom desempenho da nossa empreza, mas com aquella condescendencia que lhe é inherente, dignou-se facultar-nos, assim sua preciosa collecção de cartas escriptas a D. João de Castro, como *tudo quanto possuia* de valiosos apontamentos e manuscriptos sobre sua vida, suas obras, e seu governo.

Ao Snr. Francisco Adolfo de Varnhagen — nosso mais caro e antigo amigo nas letras — muito temos a agradecer. No meio de suas aturadas indagações sobre a Historia Geral do Brazil, de que por ordem do Governo Brasileiro se acha encarregado, achou S. S. tempo para nos communicar em relação ás obras de D. João de Castro quanto o acazo lhe deparava. Sem sua coadjuvação, mui inexactas serião nossas noticias sobre os codices existentes do nosso inedito, e sobre muitos outros pontos por nós tocados.

Ao Snr. Conselheiro o D.^r Antonio Nunes

de Carvalho devemos as muito valiosas noticias e communicacões que temos annuciado neste nosso Prefacio ; e ao offercimento voluntario que S. E. nos fez de sua collecção d'escriptos relativos a D. João de Castro, devemos a idea que nutrimos de , em vez dos seus roteiros somente , darmos ao publico as obras completas deste grande homem .

O Snr. Alexandre Herculano de Carvalho , Bibliothecario d'ElRei , tem-nos patenteado e communicado o immenso peculio de riquezas , que em relação a D. João de Castro , existe nas bibliothecas da Ajuda e das Necessidades .

Ao Snr. D.^r Joaquim Heliodóro da Cunha Rivara , Bibliothecario d'Evora , devemos muita e rara informação .

Nem nos esquecerá a tão obsequiosa correspondencia do Snr. Anthero Albano da Silveira Pinto , a quem devemos copias de mui raros documentos até aqui desconhecidos . Mas longa seria a lista dos amigos a quem devemos obrigaçoens , se aqui a todos podessemos notar .

Só temos a lamentar que a mudança de residencia , para Braga , do Snr. João de Faria Machado Pinto Roby , que ao começo foi nosso socio na publicação desta obra , nos privasse tão cedo dos seus auxilios editoriaes e litterarios . Este motivo e sua delicadeza são a causa porque seu nome não apparece com o nosso no frontispicio .

NOTA

Vinda da pag. XXV.

Ha motivos para crer que D. João de Castro reuniu as varias *Descripçoens* de reinos e terras que por suas obras se achão espalhadas, e dellas fizesse um livro separado.

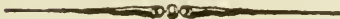
D. Fernando de Castro, neto de D. João de Castro e filho natural de D. Alvaro de Castro, escreveu : *Chronica dos valerosos e insignes feitos no Governo da India do Viso-Rey D. João de Castro, de gloriosa memoria, em que se refere a grande batalha da fortaleza de Diu.*

Nesta chronica vem as descripçoens do *Daquem* e de *Diu*. A primeira accusa elle ter extrahido do *Livro que o Viso-Rey fez de muitas descripçoens, que dirigiu ao Infante D. Luiz*; e da segunda diz elle : *a qual descripção tyrei do livro, que o Viso-rey deixou feito de sua letra, aonde estão as descripçoens de todas as fortalezas que temos na India.* Se aqui não ha inexactidão, temos a juntar mais esta obra ao catalogo daquellas que escreveu D. João de Castro; ao qual este nosso Roteiro offerece tambem um additamento, na noticia que nos dá de ter D. João de Castro ao menos começado, um *Tratado da Cosmografia das Terras que jazem entre ho Eufrates e o Ganges.*

Deveremos tambem a D. João de Castro a *Descriptio Geographica maris Ethyopiæ*, que lhe é attribuida por D. Francisco Perez Bayer? Ou haverá aqui algum engano? Ainda o esperamos ver esclarecido.

Da *Chronica* acima mencionada, ainda inedita, julgamos possuir um exemplar o Snr. Conselheiro José Joaquim da Costa de Macedo, Secretario da A. R.

das Sciencias de Lisboa. P. Jul. Fontaine , no *Manuel des Autographes* , Paris , 1836 , diz que o Snr. Visconde de Santarem possui esta mesma obra. Na Bibliotheca do Snr. Conde de Castel-melhor existe tambem uma *Chronica de D João de Castro &c.* , dirigida a D. Antonio d'Ataide. Termina com a declaração seguinte: *Acabada por Leonardo Nunes , escrivão do Provedor moor dos defuntos da India a 22 de Fevereiro de 1550 annos.* Relata especialmente os feitos do seu governo desde 1545 a 1548.



ERROS TYPOGRAPHICOS IMPORTANTES.

- A pag. 41 , linha 15 ; por *apalham* leia *espalham*.
 63 ,..... 13 * ;... *Caramia*..... *Caramjá*.
 90 ,..... 4 ;..... *Salsetes* *Salseses*.
 33 ,..... 10 ;..... *Alguzes* *a lugares*.
 137 ,..... 16 ;... *Mato grosso* ... *morro grosso*.
 138 ,..... 20 ;... *Mato grosso* ... *morro grosso*.

Quizeramos tambem advertir que os antigos usavam indiscriminadamente de um só signal para exprimir os pontos modernos de interrogação e admiração. Assim não deve admirar a pontuação a pag. 6. na linha 1.^a

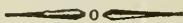
D. João de Castro algumas vezes escreveu o *gn*, como o pronunciava ; assim encontramos *nhomão* por *gnomão* ; *manhete* por *magnete*.

 AVISO AO ENCADERNADOR.

Colloque a folha que começa : *Cosmografia e Descrição do Reino do Daquem* , entre o fim da Dedicatória e o titulo do corpo do Roteiro , que começa



JESUS MARIA.



[*] E em todos os mais lugares onde se encontrar .



PRIMEIRO ROTEIRO

DA COSTA DA

INDIA

PER

DOM JOHAM DE CASTRO.





J. Voss F. l.

Porto. Lith. R. da Rebelerra. N.º 29. 30.

Handwritten signature:
J. Voss F. l.

AO
SERENISSIMO
E
INVITISSIMO PRINCEPE
O IFANTE
DOM LOIS.

COMO eu muitas vezes cuidasse em que modo poderia servir Vossa Alteza nesta arte de Cosmografia em que ao presente ando emborilhado, tendo sabido que per invenções de novos

istromentos nam se podia ja achar
cousa alguma que em prezensa
de Vossa Alteza parecesse nova,
e assi vendo o pouco proveito que
se tira dos argumentos sotis for-
jados contra os tristes pilotos e
marinheiros, me fiz noutra volta,
e prepus em minha vontade de
ocupar o pensamento em partes
de que os imperitos navegantes
podessem tirar algum fruto. E
como quer que a todos seja noto-
rio que o ponto principal da na-
vegação e Cosmografia jaz em sa-
ber as alturas das cidades, dis-
tancia de lugares, entradas de
barras, derrotas de promontorios,
mostras e conhecimento das ter-
ras, que ordem e concerto te-
nam entre si as marés, e com
isto termos verdadeira emforma-

ção do variar das agulhas, parece-me cousa justa e necessária escrever nesta parte, porque como ella seja a mais baixa, e esquecida das Mathematicas, e tratada somente per ingenhos grosseiros e pouco polidos, poderá muito ásinha acontecer que a rudeza da materia tragua consigo a Vossa Alteza alguma cousa nova e aprazível, a qual inda nam seja chegada a sua noticia. Portanto, ó invitissimo principe, me apercebi pera escoldrinhar e meter a mão nesta costa da India como na mais nobre e illustre de todas do universo, a qual dos Portugueses até o dia hoje per hums nam comprehendida, e doutros mal considerada, estava tam brava e esquiva, que esquassamente pude

achar pessoa que no particular do mais trilhado dela me soubesse dar certa emformaçãom. E na verdade esta ciencia ou maneira de navegar está tam mal repar-tida pelos homemis, que ou se poem em idiotas os quais per longuo tempo e contino exerci-cio alcanção muitas particulari-dades, posto que com todos seos trabalhos nunca chegam a ga-nhar autoridade em seu officio, ou em pessoas que sem nenhuma es-periencia, tendo muita copia de letras, e grande pratica na sien-cia das Mathematicas alcansam a sombra desta arte e nam a verda-deira sciencia. Loguo, como diz Vetrúvio, aqueles que em huma cousa e na outra aprenderam, co-mo homemis armados de todas

armas mais asinha poderam alcan-
sarse com autoridade aquilo que
faz a seu caso e preposito. Ora
sendo eu criado em sua Real casa
onde a sciencia da Cosmografia
mais floreceo que noutra parte al-
guma desta redondeza que abita-
mos, e mandado per Vossa Alte-
zã a investigar algumas obras
secretas da natureza, istroindo-
me primeiramente da teoriqua de
seos altos e maravilhosos istro-
mentos, e dipois da Maquanica
com que as considirações deseja-
das ouservasse, com isto junta-
mente avendo muitos anos que
ando ora pelejando cos ventos,
ora defendendo-me dos mares,
às vezes correndo as costas e ou-
tras caminhando per grandes e
espantosos pegos, parecendo-me

que estava ja onestamente apercebido das armas que convinham a esta ardua e embaraçada empresa, determinei, ó principe bem aventurado, a escrever o sitio desta ribeira Indiana, com a Cosmografia das terras que se comprehendem dentro de suas longas e cobiçosas prayas, e de tudo fazer dous Roteiros, os quais posto que seu alto nome me pos espiritos, e que de seu Real paço trove ha abelidade de que neles m'aprovetei, eu nam tivera ousadia de lhos oferecer: mas lembrou-me que nos campos Africanos da grande e miseravel Cartago, jamais os ardentes rayos do sol, nem as asporas e continuas corridas podiam ser occasiam que apparecendo eu em sua Real ten-

da , inda com muita parte de suas vituriosas armas vestidas , me nam praticasse qualquer proposição de Cosmografia , no que se mostrava sua alta e benina condição , e os perseverados pensamentos que trazia de comprehender os caminhos por onde poderia melhor ganhar a terra Africana. E com isto se ajuntou parecer-me que o entremez e desvario da materia seria grande meio pera Vossa Alteza ter de mi lembrança. Polo que pude comiguo de pôr a vergonha á parte e apresentar-lhe esta fraca e grosseira escritura, assi como Zenocrate architecto , o qual chegando ao cõspeito do grande Alexandre vestido em huma pele lionina, o desconcerto e novidade do trajo ho

pos em conhecimento, e ganhar a graça do principe. E ja pode ser que algum'ora Vossa Alteza emfadado da muita conversação de singulares e sapientissimos livros, tome algum gosto de ver qualquer cousa destes Roteiros, pela maneira que vemos acontecer nos manjares, que avorrecidos daqueles omde está o grao de mayor estima e preço, vem a se desejar e saber bem as frutas que nadem pelos matos e lugares silvestres. Mas como quer que a natureza nossa he fraca, confesso a Vossa Alteza que me dá muito cuidado o receio que tenho de trazer esta obra á luz, porque lembrando-me quanto me tem custado, e quantas vezes estive medido de baxo das bravas ondas

por saber o fundo das barras e pera que parte enderençavãem os canais, e entradas dos rios, até entam nunca lavrados cubertos de bravo mato, e assi mesmo que pera alcansar a verdade das rotas, fluxos do mar, vóltas e remansos de rios, sorgidouros de portos, abrigo de enseadas, deferença das agulhas, altura das cidades, e fazer tavoas de cada lugar e rio em que se contem a mostra da terra, baxos, restingas, rotas, e como se devem de entrar, perdi muita parte da saude, e desposição natural, e que o premio destes trabalhos, per humas pessoas inconsideradamente sem respeito algum nem esperiencia, e per outras com grande malicia e perversa condição ha de

ser julgado, certamente que muitas vezes torno atras e me vem hum certo istimolo de pôr esta obra em prepetuo desterro e esquecimento, e muito mais quando considero em quem será o joiz de suas calunias e minha innocencia, creio que o remedio de tamanhas contravecias seja esfregar o rosto e pedir a Vossa Alteza que per sua grande humanidade e clemencia queira aceitar esta obra por sua, porque desta maneira e nam doutra alguma poderá estar segura de a estraguarem os lobos, e sou certo que o fará de boa vontade porque nisto ganho eu muito e Vossa Alteza perde assaz.





COSMOGRAFIA

E

DESCRIVÇÃO

DO REINO DO DAQUEM .

O Reino do Daquem da parte do Meiodia confina com terra do Canara , que per outro nome se chama Reino de Narsingua , per hum Rio chamado Cintacora ; e do Setentrião dentro da Bahia de Bombai se aparta da terra do Guzarate per hum Rio pouco nobre a que chamam Bati ; da banda do Oriente tem a Provencia de Orixá ; e do Ocidente ho Oceano Indico . Este reino antiguamente foi grandissimo e teve sogiguado toda a terra , que se contem do Guzarate até o cabo de Comori , e durou per largos tempos neste senhorio ; mas

como quer que debaxo do Ceo nam aja cousa firme e que dure pera sempre, ouve de acabar e tornar atras da mesma maneira que o soem a fazer todolas cousas mundanas, que acabado de chegar e sobir ao mais alto cumme da bem-aventurança, tornam incontinente a decer e desandar até se porem no mais baxo e miseravel estado de todos. Reinando no Daquem Remumdarao, averá ora setecentos annos, tendo seos reinos e terras muito passifiquas, Togolagua, rei potentissimo do Deli, Mouro de nacimiento, empredeo de lhe fazer cruel guerra. Conta-se deste rei Togolagua, que era tam soberbo e vaom, que pera mostrar a todalas jentes onde a sua fama e nome acheguava, quam soberano é reverenceado era de seos suditos, mandou bater moeda de coiro, a qual fez corresse per todas suas terras, que eram grandissimas, no mesmo preço e valia das outras lavradas de ouro fino e prata prefeitissima em todo grao. Ora sendo entre estes dous reis movida humma tam aspera e terrivel guerra, durando muitos annos sem os favores da fortuna penderem a nenhuma das partes, a cabo de muito tempo e de grandes e crueis batalhas, ficou Remumderao vencido e morto, e com ele toda a

cavalaria de seos reinos. Recebido os Daquenis tamanhos estragos e perdas, nam podendo ja regestir contra as forças e fortuna de Togolagua, acordaram todos de se lhe entreguarem, e o terem por legitimo Senhor. Por esta maneira, guanhado por Togolagua o reino do Daquem, dipois de apaziguar e por em ordem todolas cousas, fazendo-se tempo de tornar a suas terras deixou no Daquem hum mouro que reinasse em sua ausencia, que foi o primeiro que nestas partes teve cetro e coroa. Este Rei fez seu assento em huma cidade chamada Calbrigua, onde entre outras muitas cousas que ordenou pera sogigar e ter quietos os animos dos Daquenis, que sofriam de ma vontade rei estrangeiro, e de lei a elles mui estranha, foi fazer dozoito capitães e hum capitam jeral a que todos obedecessem; e com esta maneira teve assosseguado o reino em seos dias. Morto este rei ficou o reino a seu filho, e di por diante a seos decendentes per espaço de seicentos annos, que socedeu no reino o qual foi homem vecioso e pouco prudente. Este favorecendo muito hum Persa que novamente era cheguado a sua terra, ora fosse pola grande abelidade que no estrangeiro avia, ora pola

pouca consideração e prudencia dil-Rei , tanto foi sobindo e multiplicando na privança, que o fez capitam jeral de todos seos reinos; do que os outros capitães se tiveram por enjuriados e mui ofendidos; donde naceo tamanhos descontentamentos entre il-Rei e seos capitães que acordando-se todos em hum parecer, mataram o Persa per suas mãos, e loguo se alevantaram contra il-Rei; e avido entre eles algumas batalhas, ao fim ficou il-Rei desbaratado e vencido, e tomado posse do reino repartirã-no entre si hirmannamente, como dizem. A il-Rei, mais pera conservação e segurança dos capitães, que por amor e lealdade que lhe tivessem, foi dado a vida e poserã-no em huma cidade do reino em sua liberdade, chamada Bidar, contreboindo cada hum certa cousa pera sua despesa e mantença. A esta cidade de Bidar hiam os capitães todos os annos a fazer e dar obediencia a il-Rei chamando-lhe Senhor, e eles intitulado-se capitães d'il-Rei, e em seu nome faziam guerra ou paz e as outras cousas que aconteciam. Morto il-Rei, ficou seu filho no mesmo estado, e assi os que dipois dele vieram, até que averá ora vintasinquo annos, que hum destes capitães chamado Nizamaluco moveo guerra a outro

capitam per nome Idalcaom. Tendo o Nizamaluco alguns capitães que favoreciam sua causa tomaram todos juntamente il-Rei, qu'estava na sua cidade de Bidar, e levarã-no consigo á guerra, fazendo mostras que ho queriam restetuir em seu antigo reino, pera com esta cautela e manha provocarem pera si os favores do povo. Per esta maneira, dipois de muitas escaramuças entre o Nizamaluco e ho Idalcão, vindo a se dar hum a aspara e ryja batalha, foi ho Idalcão vencedor e o Nizamaluco vencido, ficando o prove rei ferido e preso. Isto assi acontecido, avendo treguoas entre estes capitães, vieram a se fazer amigos e concertaram de soltar il-Rei e ho tornarem a por na cidade de Bidar entregue a hum capitam chamado Verido, onde, tendo o nome de Rei e os capitães possuindo o reino, duram nesta maneira até o dia hoje. Este Reino do Daquem he terra muito cham, e em grande cantidade fertil de toda sorte de mantimentos, porem minguada de aguoas. As cidades mais nobres sam, Bidar, Daultebaz, onde afirmam que no tempo passado avia duzentos mil vezinhos; Calbriga, Visapor. A terra produce toda maneira de ervas medecinaes e olorosas; cria muitos cavalos; nela se lavra roupa de al-

godam em grande cantidade ; e assi de seda . Ao longuo desta terra do Daquem da parte qu'está oposta ao Ocidente corre o Gate , arredado da ribeira do mar doze leguoas . He este Gate huma serra muito altissima e de poucos passos , a qual se nam pode sobir salvo com grande defecultade , e em cima tem certos e detreminados lugares por onde se pode passar , os quais sam tam asparos e fortes que facilmente se poderam defender a qualquer grande exercito . Deste Gate pera o mar toda a terra que jaz ençarrada entre esta serra e as prayas do mar se chama Conquaom , e os moradores Conquanis , onde aguora compellido o vocabulo , dos Portugueses sam chamados Canaris . He a terra do Conquaom mais que outra alguma da India grossa e abundosa de mantimentos e outros muitos e diversos frutos ; produce pimenta e gengivre que abasta a terra . Assi per ela como alem do Gate sam os campos cubertos de canafistola . Nam se lembram os homemis aver aqui fome e estreliidade . He cousa de maravilha considerar a ordem e pauto que a natureza pos entre o Comquaom e ho Daquem , que he do Gate pera dentro ; e porque quiz que em tam pequena distancia , a qual divide huma serra ,

ouvesse tamanhas deferenças nos tempos? Porque entrando ho inverno no Conquaom, que começa de quinze de Mayo e dura até quinze d'Agosto, sam tantas as chuvas, trevoadas, ventos, çarrações, que he cousa muito espantosa; ventando comumente os ventos trevessões que sam Oestes, com tamanho impito e força, que parece correrem e chegua-rem seos violentos assopros per todo mundo; e em todo este tempo será muito achar-se hum dia em que apareça o Sol. Ora andando estes tempos e invernadas na terra do Conquaom e costa do mar, nam se acha estes ventos e chuvas passarem do Guate pera dentro; ante dess'outra parte per todo o Daquem andam tempos craros e brandos em muita temperança. E da mesma maneira acontece no Concaom quando chove e he o inverno no Balagate ou terra do Daquem, que he com os ventos Levantes, que os Indianos chamam Avara; porem no Daquem naturalmente chove pouco, e os trigos e outras sementeiras mais se criam com as grandes orvalladas das noites, que com as agoas das chuvas. Os rios mais nobres desta provencia sam seis; saber: Crusna, que em muitas partes he conhecido por Hinapor, por caso de passar por huma cidade deste no-

me; Bivra: estes dous Rios se juntam no extremo do Daquem e terra do Canara, e correndo per longos espaços entram no mar em terra de Oría; Malaprare; Guodavam, que per outro nome chamam Gangua; Purnadi; Tapi. Destes, Malaprare sai ao mar em terra de Oría, e assi mesmo Guodavam; mas Purnadi e Tapi entram na Enseada de Cambaya, per deferentes lugares. A costa do mar do Daquem he a mais fermosa e nobre de todo ho oniverso. Começa do rio de Cimtacara, qu'está em altura graos, e acaba dentro da bahia de Bombai. Comprehendem todas estas prayas setenta leguoas, nas quais ha tantos portos, rios, enseadas, bahias, que a grande pena nos podemos achar em parte onde comprindo nam tenhamos aquolheita, e ao longuo da costa em todo lugar que quigermos sorgir acharemos vaza. O mar he muito limpo; os ventos no veram sam terrenhos e vi-rações, e no inverno Oestes, os quais nam ventam muito espaço, mas em quanto trazem chuveiros e trevoadas, e como passam fiquam bonançosos. A cidade mais principal desta costa he Guoa, da qual como da mais illustre e conhecida de todas começaremos a estorea,

e tomarám principio os Roteiros , e a ela tornarám acabar , e fazer fim .

DESCRIVÇÃO DA ILHA E CIDADE DE GUOA .

A ilha de Guoa tem de comprido duas leguoas grandes , e huma de larguo . He toda muito fragosa e cheia de pedra , tirando afora algumas varzeas onde os moradores saameam arros . Dentro desta ilha o dia doje vivem quinze mil vezinhos Canaris . A terra produce grandes arvoredos e muitas ervas ; nam vive nela algum jenero de feras , porem cria infenidade de serpentes venenosas , entre as quais se acham humas cobras pequenas , que matam supitamente com ho bafo , e outras a que chamam de capelo , cujo morso he irremedeavel . Esta ilha per todas as partes se avezinha muito á terra firme como que de mavontade recebe ho apartamento que lhe causa o rio ; de modo que em muitos lugares nam chegará o intervalo a hum tiro de bésta . O rio que cinge esta ilha faz duas fozes ; a primeira e da banda do Sul se chama Guoa a Velha , e a segunda que jaz da parte do Norte he chamada Guoa a Nova , onde he a morada dos Portugueses e assento dos Governadores .

dores da India . Esta cidade de Guoa a Nova jaz na terra da ilha que se opoem ao vento Norte , ao longuo do rio , sogeita a dous montes grandes e altos que sobre ela estam muito sobranceiros, e no mais alto de ambos está edificada huma casa de Nossa Senhora. Tem a cidade grandes e notaveis varadoiros pera naos e galés; no rio ha grande quantidade de busano , que tratam mal os navios que nele envernham , e per todo ele vivem muitos coquodrilos, animais feros e pestiferos. Nas costas da cidade está huma alaguoá muito fermosa de aguoá doce . O nome antiguo da ilha he Tiçuaría , que em lingua Canari quer dizer Cem Aldeas , como quer que dentro dela ouvesse e aja oje em dia este numero de aldeas .

Como quer que a barra da cidade de Guoa seja mais que outra alguma frequentada e sabida , nam me pareceo neceçario fazer dela alguma tavao , nem menos dar avisos e resguardos , aos que por ela ouverem de entrar ; somente quis fazer menção de quanta aguoá aja no banco , o qual soldei muitas vezes e em tempõs diversos: por tanto avemos de saber que nesta barra sendo preamar o menos fundo que nela ha he .22. palmos d'a-

guoa, e o mais .24. ; e daqui em nenhum tempo faz deferença .

[TAVOA DE GUOA A NOVA.]

DESCRIVÇÃO DA TAVOA DA CIDADE DE GUOA .

Os dous montes que estam sobranceiros sobre a cidade sejam .A. e .B. ; nos quais ha ermida que está no monte .A. se chama Nossa Senhora do Monte, e ha outra que se mostra no monte .B. tem a voquação de Nossa Senhora do Rosairo; mas .C. he a lagua d'agua doce qu'está nas costas da cidade. .D. demonstra a ponta de Rebamda, e loguo .E. senefiqua a See da cidade, e .F. o moisteiro de Sam Fransisquo. O ponto .G. da ha entender que por aquella parte começa a cava que rodea a cidade, por onde entra a maré quando crece no rio, e .H. .I. o lugar da varação das naos e galés .K. he o cais da cidade, e .L. hum baluarte que foi começado pera varejar ao longuo da ribeira, mas .M. he o Mandovim ou casa da Alfandega, e .N. o passo de Dangim e será .O. huma casa de Nossa Senhora qu'está na ilha de Divar como se contem e mostra na tavao e descripção .

MAS como seja verdade que a barra de Guoa a Velha, posto qu'estê tam propinqua á cidade e dela se tenha muita nececidade pera casos fortoitos, nem por isso seja aberta e sabida dos pilotos Portugueses, parece-me justo fazer huma Tavoia dela, em que se contenha, os baxos, restingas, amostras da terra e sinais pera proveito de todos aqueles que dentro lhes comprir entrar. Polo que avemos de saber, que Guoa a Velha he huma bahia muito grande e fermosa causada por esta maneira. Na boca e entrada desta bahia, na terra da ilha que fica á mam esquerda, se alevanta hum grande monte sobre o mar, no qual em todo cima tem huma casa de Nossa Senhora chamada do Cabo. Este monte decendo a pique tanto que se poem igual da praya, lança huma restingua de grandes pedras per dentro do mar, a qual em forma torcida e muito encurvada caminha grande espaço per dentro da bahia; mas da banda da terra firme se faz huma mesa alta e bem talhada que mete ao mar huma ponta assaz grande e fermosa. Correm-se estas duas pontas da boca da bahia Norte Sul; averá na rota obra de tres quartos de legua. Ora ao mar desta ponta que lança a terra firme da mesa, encontra o

Sudueste, jazem .3. ilheos, apartados da terra per espaço de meia legua, os quais per derredor sam limpos e entre huns e outros está boa aquolheita pera navios de remo. A entrada desta bahia he pela banda da terra firme qu'está da banda do Sul, e cumpre que nos cheguemos muito a ela, porque aqui he ho alto e vai o canal. A bahia terá de comprido legua e meia. Corre-se pelo meio diretamente Leste Oeste. Dipois de sermos dentro nenhum vento nos pode fazer nojo. O canal he direito e sem alguma volta e ha mister pouca arte pera se por ele entrar, se tivermos tal maneira que nam nos arredemos da terra firme mais de hum tiro despingarda, e daqui pera baxo nos cheguemos a ela quanto quigermos, por quanto esta he a largura do canal, e se daqui passarmos alguma cousa pera a terra da ilha e banda do Norte daremos em parcel, pedra e restingas, pera o qual avemos mister fazer desta maneira.

ENTRADA DA BARRA.

Querendo entrar na Bahia de Guoa a Velha, chegar-nos-emos á terra que jaz da banda do Sul, até hum tiro de bésta, e tanto que

embocarmos a bahia veremos tres pontas, das quaes a mais de dentro nos demorará em Leste quarta do Sueste; a esta tiraremos direito, e indo pera la descobriremos huma enseada pequena mas muito curva onde está hum templo de Gentios entre hum verde e espeço arvoredo. Deste tempro tanto que nos acharmos arredados dele hum tiro despingarda demorando-nos ao Sudueste, sorgiremos, e aqui de baxa-mar teremos .4. braças e o fundo vaza; onde nenhum vento fara nojo salvo Noroeste que nam venta no inverno, nem he impecivel na costa. E posto que acima diguo que nos cheguemos á terra firme hum tiro de bésta, bem podemos arredar-nos dela até hum tiro despingarda grande, porem he melhor navegação chegarmo-nos muito á terra, e hiremos por .5. braças e .4. $\frac{1}{2}$. até sorgirmos de frente do templo que acima tenho dito. Mas querendo passar pera cima, avemos de saber que mingua o fundo, por que he neceçario passar de baxa-mar por .2. braças . $\frac{1}{2}$. que he tanto avante como a terceira ponta; porem daqui por diante torna o fundo a crecer tanto que descobrimos huma grande e poderosa arvore que em cima de hum outeiro se mostra, e incontinente achamos .3. bra-

ças $. \frac{1}{2}$. e .4. e loguo .5., até nos pormos em Agaçim e cabo desta bahia, onde está hum ilheo a par do qual he o melhor lugar pera invernar, onde nenhuma cousa nos pode dar trabalho e fazer nojo.

[TAVOA DE GUOA A VELHA.]

DESCRIVÇÃO DA TAVOA DE GUOA A VELHA.

O monte qu'está na boca da bahia na terra da ilha seja .A., e a restingua que sai dele .B.; mas .C. a ponta da mesa qu'está na entrada da barra na terra firme; assi que estas duas pontas .A. e .B. sam as que se correm Norte Sul. Os tres ilheos que jazem ao mar da ponta desta mesa, sam .D. .E. .F., e as tres pontas que avemos de ver entrando pela barra seram .L. .H. .I.; mas a ultima onde avemos de governar direito será .K., a qual nam lança a terra firme, ante he hum ilheo alto e muito vezinho á terra firme; e loguo o ponto .N. nos mostra a enseada onde está o templo e he o lugar do sorgidouro. A letra .O. he ha arvore, a qual tanto que a descobrimos crece o fundo; o qual entre .N. .K. mingua até .2. braças $. \frac{1}{2}$. Ora

o ponto .P. he o lugar de Agaçim, e .Q. ho ilheo ao socairo do qual he a melhor estancia pera naos invernarem, onde mar, vento, corrente daguoa nem outro algum inconveniente nos poderá fazer nojo.





JESUS MARIA:

EM NOME DA MORTE E PAXAM DE
Nosso Senhor Jesus Cristo começa o
Primeiro Roteiro da Costa da India
que se contem de Guoa até a gran-
dê cidade de Dio , e contar se ha nele
a viagem que fez Dom Garcia de Lo-
ronha , Viso-Rei , em soccorro desta ci-
dade estando cerquada dos Turcos.

CAMINHIO .

Ha .21. dias de Novembro de .1538.
partio o Viso-Rei da barra de Guoa caminho
de Dio. O vento era bonança e como Nor-
oeste, e ha .26. de Novembro com toda sua
armada sorgio obra de meia legua ao mar
dos Ilhos Queimados.

DERROTA DA COSTA.

Da aguada de Guoa obra de huma legua para o Norte está huma grande praya que se chama Bardês, onde a terra firme lança huma ponta muito ao mar, e tanto avante como os Ilheos Queimados entra outra ponta grande espaço pelo mar dentro. Correm-se estas duas pontas Noroeste Sueste quarta de Norte Sul. Averá na rota .7. até .8. legoas. He a costa toda muito limpa.

ALTURA DOS ILHEOS QUEIMADOS.

Ha .26. de Novembro de .1538. tomei o sol nos Ilheos Queimados e na mayor altura alevantava-se do horizonte .51. graos $\frac{2}{3}$. A declinação deste dia era .22. graos .32. minutos. Do que se segue qu'estaram estes Ilheos em .15. graos .52. minutos d'altura.

DESCRIVÇÃO DESTES ILHEOS QUEIMADOS.

Estes Ilheos Queimados são muitos, mas .10. deles s'alevantam e fazem grande mostra, e assi estam repartidos que .5. deles jazem muito ao mar e os outros .5. muito vezi-

nhos á terra firme. Os .5. mais do mar caje se correm Noroeste Sueste quarta de Leste Oeste, mas ho ultimo dos .5. qu'estam acarãom da terra, que jaz ao Norte de todos quantos sãom, com ho ilheo que mais entra ao mar, se corre Nordeste Sudueste. Averá na rota .3. legoas grandes, e esta lie a mayor distancia deles. Ha deste ilheo mais do mar á terra firme .2. legoas. Corre-se com a ponta de Bardês Noroeste Sueste e toma hum pouco da quarta de Norte Sul. Todos estes ilheos sãom muito sequos e escalvitados sem agnoa nem cousa alguma verde, mas somente se mostra nelles hum esterle rochedo, que lhe deu o nome de Queimados.

ROTA QUE SE DEVE LEVAR.

Partindo da aguada de Guoa pera Cambaya ou lugares do Norte, governaremos ao Noroeste quarta daloeste e per este caminho iremos por fora dos Ilheos. Ha da aguada aos primeiros .8. legoas, e ao ultimo e mais ao Norte de todos .11. E quando quer que nos fizermos com eles de noite per .16. braças passaremos ao mar deles.

DO CANAL QUE VAI PER MEIO
DESTES ILHEOS.

Se quizerdes hir per entre estes ilheos e a terra firme tereis esta maneira. Metei-vos per entre os .5. ilheos que jazem mais ao mar, e a terra, de sorte que vades por meia boroa; saber: per entre estes ilheos e a terra, distando igualmente de cada banda, e como fordes embocado governai ao Noroeste quarta do Norte, tocando de quando em quando no Rumo, por caso qu'este canal se corre justamente Noroeste Sueste quarta de Norte Sul, tomando meia quarta pera o Noroeste Sueste, e indo per este caminho achareis .9. braças e as vezes .10. O fundo ora he vaza ora casqualho. Mas tanto que chegardes a vos demorar hum dos .5. ilheos qu'estam ao mar dos outros, o qual tem hum morro redondo que parece baluarte, Norte Sul, achareis .7. braças $.\frac{1}{2}.$, e antes de se dizer hum Pater Noster tornareis a dar em .10. braças, e loguo governai ao Noroeste e fazei vosso caminho.

E porem se vier do Norte e quiger fazer o caminho per meio destes ilheos, farei assi. Como for tanto avante como Carli que me de-

more em Leste quarta de Nordeste, veremos hum ilheo grande dos .5. qu'estam vezinhos da terra firme, o qual tem muitos ilheozinhos ou cabeças de pedras per de redor. Estes todos deixaremos da banda da terra e hiremos per meia boroa, quero dizer per entre estes e os .5. qu'estam mais ao mar, e faremos o caminho do Sueste quarta do Sul, como tenho dito que se corre o canal, e per esta via sahindo fora deles fareis vosso caminho. Este canal nam foi sabido até meo tempo, e eu fui o primeiro que ho descobri e passei em huma galé por ele, como parece no 2.º Roteiro.

ACOLHEITA DO NOROESTE.

Por quanto o Noroeste he o vento que mais reina nesta costa da India e muitas vezes nos costranje ha arribarmos, parece conveniente e ao preposito que faça menção de todos os lugares e estancias onde possamos ter abriguada dele. Polo que avemos de saber que partiudo de Guoa pera o Norte a primeira aquolheita do Noroeste está de tras da ponta da terra firme que jaz tanto avante como os Ilheos Queimados, onde se faz huma enseada que tem huma praya d'area muito limpa, e aqui

*

acharemos muita abastança daguoa e de lenha. O lugar do sorgidouro he em .3. braças de baxa mar, o fundo he vaza, e neste lugar se pode abrigar toda huma armada. O Norte vem muito por cima da terra, e o Noroeste nam mete aqui nenhum mar, nem faz nojo.

RIOS QUE CORREM NESTA COSTA.

Entre ha ponta da terra firme e ha aguada de Guoa e ponta de Bardés correm .6. Rios. Os .4. tem pequena nomeada, mas os dous são muito conhecidos. O primeiro se chama Chaporá: aparta-se da cidade de Guoa per duas legoas. Ho outro he chamado Banda: dista de Guoa per espaço de .5. legoas. Em ambos podem entrar galés de preamar, e destes dous rios Banda he mayor e mais nobre así per trato como por fermosura do rio.

CAMINHIO.

Ha .27. de Novembro partio o Viso-Rei dos Ilheos Queimados. Os terrenhos eram bonanças e as virações hum pouco escassas, e ha .29. do dito mes sorgio com sua armada na Enseada dos Malavares. Ha dos Ilheos Queimados á Euscada dos Malavares .25. legoas.

DERROTA DA COSTA.

Indo dos Ilheos Queimados pera o Norte a primeira ponta que parece he a ponta qu'está duas leguoas ao Sul de Carapatão. Corre-se esta ponta com a ponta qu'está tanto avante como estes ilheos Nornoroeste Susueste, e toma hum pouco pera o rumo do Noroeste Sueste. Ha na rota .10. legoas, e loguo desta ponta de Carapatão até a Enseada dos Malavares se corre a costa Norte Sul quarta de Noroeste Sueste. Ha na rota .13. legoas.

DA ENSEADA DOS MALAVARES.

A enseada dos Malavares he grande e fermosa e das boas desta costa. Da parte do Norte tem hum monte alto e muito sobranceiro. Este monte vindo do Sul parece ilha, e que dece muito apique. No lado dele oposto ao meio dia he o lugar do sorgidouro em fundo de .3. braças de baxamar, e aqui faz grande calada do Noroeste e remanso de mar. Nas baxas raizes do monte ha muita e boa aguoá, e no meio da enseada corre hum grande rio chamado Zangizara.

RIOS

QUE CORREM DOS ILHEOS QUEIMADOS

ATE'

ZAMGIZARA E ENSEADA DOS MALAVARES.

Dos Ilheos Queimados a Zingizara e Enseada dos Malavares ha .25. legoas como ja tenho dito. Correm neste espaço grande quantidade de Rios: os mais nobres entreles e que tem grande nomeada são .8. dos quais somente farei menção.

Primeiro Rio. De Carli.

§. Dobrada a ponta dos Ilheos Queimados, a qual ponta nomeio sempre pola da terra firme, corre hum Rio chamado Carli. Aparta-se de Guoa .11. legoas, pera o Norte. De preamar podem nele entrar galés. He rio em que ha muitos mantimentos. A sua foz está em meio da paraje destes ilheos.

2.º Rio. De Malumdi'.

§. Tanto avante como ho ultimo ilheo dos Ilheos Queimados, o qual está ao Norte de todos, corre hum Rio chamado Malumdi'. Aparta-se de Guoa .13. legoas. De preamar podem nele entrar galés.

3.º *Rio. De Acharaa.*

§. Ha .15. legoas de Guoa corre outro Rio que se chama Acharaa. Podem dentro entrar galés na preamar.

4.º *Rio. De Tamaraa.*

§. Ha .19. legoas de Guoa corre hum grande Rio a que chamam Tamaraa. Este Rio tem hum bahia muito fermosa casi em forma circular, na qual entrando per hum boqueram que abre acharemos dentro singular porto assi pera o Noroeste como pera outros muitos ventos. Esta entrada he muito limpa e assi mesmo a bahia. No Rio podem entrar galés de preamar.

5.º *Rio. De Carapatão.*

§. Ha .22. legoas de Guoa corre o grande e famoso Rio chamado dos Indios Carapatão. Seria em muito de reprimir se guardasse pera mais tarde, ou pera manifestar noutra lugar a descripção e Tavoas deste rio, ao qual todos reconhecem superioridade e vantaje. Polo que aguora detremino de trazer a luz suas beninas aguas e saudavel porto, sem embar-

guo que ha ouservação que nele fiz e entrada, foi no tempo que escrevi o Segundo Roteiro.

DESCRIVÇÃO DESTE RIO.

Carapatão he o mais nobre rio e bem asombrado de todos os que correm nesta costa da India, e he tamanha a sua bondade que nenhuma sofeciencia abasta pera se acabar de louvar. Este unico e illustre rio nam tem barra, nem baxa, nem restingua, nem cilada e impedimento algum contra a vida dos mortais, nem menos requiere industria, arte, esperiencia, pratica, pera se nele aver de entrar: por quanto quer entreis por meio dele, quer incrinado a huma das partes, ora vades peguado com a terra da banda do Norte, ora com a outra que vai pola banda do Sul, sempre vos recebe com hum mesmo gasalhado e limpeza, dando de si em todo lugar que quereis sorgir hum propio fundo e sorgidouro. A terra de cada ilhargua do rio nam he tam alta que impida a contemplação do emisperio, nem tam baxa que vento algum nos anoje e empurtune. Em nenhuma parte deste rio podemos sorgir onde se nam ache vaza tam forte e tenaz que escassamente lançando o plumo

o possamos arrancar. Ao longo da ribeira assi de huma parte como da outra ha muito e boa agooa, lenha, caças, montarias, è em-fenito pescado. O sitio e modo da terra qu'está de cada lado do rio, e a maneira de que se espallham as suas agooas he esta.

Na boca e entrada deste rio estam duas pontas muito fermosas, e ambas metem muito ao mar. Correm-se huma per outra Nor-noroeste Susueste: pode aver na rota hum bom tiro d'espera. E estando tanto avante como a boca deste rio que será nesta rota, achareis na baxa mar .7. braças e o fundo vaza, e estareis encuberto do vento Sul, e Sudueste, até Oessndueste. A ponta da boca do rio qu'está na terra da banda do Sul, quando estais de fora do rio e vindes pera entrar, parece naturalmente ilha, mas devemos de saber qu'este rio faz huma enseada antes que entrem dentro, na qual está bom abrigo do Sul e Sudueste em fundo de .7. até .8. braças de baxa-mar. Ora tanto que entraís pelo rio dentro vereis escontra o Sudueste duas grandes pontas, e como quer que encobrides a primeira achareis .6. braças d'agooa de maré vazia, e quando a ponta do Sul da boca do rio, a

qual tenho dito parecer ilha aos que entram a terra onde está, demorar a Loeste, achareis .5. braças, e demorando a mesma ponta a Loesnoroeste .4 $\frac{1}{2}$. E neste lugar nenhum vento entra senam Noroeste, o qual nem ja pode meter mar, nem fazer nenhum nojo, mas passando por diante até serdes defronte de hum paguode que está em hum seio muito curvo achareis somente aqui .4. braças, e este he o mais pouco fundo que ha dentro deste rio, em espaço de .6. ou .7. leguas, de baixa mar. E irá assi neste fundo de .4. braças até hum tiro de besta, e di pera cima loguo dais em .4 $\frac{1}{2}$. e em .5. e cada vez vai sendo o fundo mayor até chegar ha altura de .8. braças. Corre-se este rio bem pelo meio Noroeste Sueste quarta de Norte Sul até tanto avante como onde a terra da banda do Sul deita huma ponta aguda per dentro do rio. Tem esta ponta humas grandes arvores e no alto dela huma cabeça redonda muito alevantada. Averá desta ponta á boca do rio mais de meia legua, e loguo pera cima corre hum pouco na volta do Susueste, mas daqui se vira ao nacimiento do sol no equinocio; saber: a Leste, e corre pela terra dentro .7. ou .8. legoas com fundo de .6. e .7. até .8. braças dagua. Mas

falando somente até a ponta das arvores, diguo que por esta parte a terra da banda do Sul do rio vai caje direita sem fazer mais que o seio onde está o paguode que acima dixei. A distancia deste paguode á ponta da boca do rio qu'está na banda do Sul, será hum grande tiro de arcabus, e passando qualquer cousa acima fiçquaremos fechados de todolos ventos, sem algum sentimento e temor de seos crueis assopros. E tambem pera a ponta das arvores se mete a terra hum pouco pera dentro e quer fazer huma mostra de bahia mais comprida que incurvada, e em todo este espaço que se contem da boca do rio até esta ponta das arvores pola terra do rio que vai da banda do Sul, nam ha nenhuma praya. A terra vai sempre em hum compasso sem fazer outeiros nem vales, e per toda ela se alevantam muitas arvores silvestres.

Fiqua agnora por dizer da terra que vai pola banda do Norte do rio. Esta terra he mais nobre e aprazivel mais que a outra da parte do Sul, por que nela se fazem muitas e fermosas enseadas, e correm grande cantidade de rios, e se metem muitos isteiros pela terra dentro. A primeira enseada jaz loguo como se dobra a ponta da boca do rio

qu'está da parte do Norte. He muito grande e curva e está cingida de hum ferosa praya na qual se estende hum verde palmar, onde na ponta qu'está pera a foz ou entrada do rio, acharemos muita agua, e na outra sua oposita hum gracioso riacho se esconde. Nesta enseada em fundo de .4. braças $\frac{1}{2}$. estaremos em grande abrigada do Noroeste e neste tal lugar nam entra Sul nem Sudueste mas Oeste e Oessudeste. A outra enseada que está mais metida pelo rio dentro, he muito mayor e entra tanto pela terra que se avezinha á bahia de Ceitapor, e de cada hum de seos lados sai hum rio. Dentro desta enseada está grande abrigo de todos ventos e vai o fundo muito alto. Na estremidade dela qu'está mais dentro do rio lança huma ponta que se corre com o pagode Lessueste Oesnoeste, e logo desta ponta se começa a terra de hir apertando até chegar tanto avante como a ponta das arvores qu'está na terra da banda do Sul, e deshi fazendo pouco espaço o caminho do Susueste torna a virar a Leste seguindo os supitos do rio.

[TAVOA 1.ª]

As duas pontas qu'estam na boca do rio

e se correm Nornoste Susueste sejam .A. e .B., e ponhamos que .A. seja a da banda do Sul a qual parece ilheo aos que entram, e .B. a qu'está na terra da parte do Norte. Ora as duas pontas que verei encontra o Sudueste quando entrar polo rio seram .C. e .D., e .E. o pagode qu'está hum tiro darcabus da ponta .A. da banda do Sul, em hum seio muito curvo, onde tanto avante he o mais baxo do rio: mas a ponta aguda que lança a terra do Sul do rio a qual tem humas grandes arvores será .F., e loguo .G. e .H. a bahia que se encurva pouco qu'está pera a ponta das arvores que se chama .F. A enseada que jaz em se dobrando a ponta .B. da banda do Norte seja .I., a ponta do palmar onde ha aguoá .K.: e .L. a outra ponta do palmar onde se esconde o riozinho. Mas a outra enseada mais de dentro muito mayor e mais encurvada amostre .M., e os seos lados de que sahiem os dous rios .N. e .O. É loguo a ponta que parece em sua estremidade será .P., a qual ponta se corre com o pagode Lessueste Oesnoroeste como affirma a descripção.

DERROTAS DESTE RIO.

§. As duas pontas qu'estam na boca do

rio se correm Nornoroeste Susueste. Ha na rota hum tiro de espera.

§. Corre-se o rio bem pelo meio Noroeste Sueste quarta de Norte Sul, até tanto avante como a ponta das arvores qu'está na terra da banda do Sul do rio. Ha neste espaço, mais de meia legoa.

§. Corre-se esta ponta das arvores com huma ponta qu'está na primeira enseada que se faz na terra do rio que vai da banda do Norte, a qual ponta se conhecerá pela letra .Q. casi Nornoroeste Susueste.

§. Corre-se esta ponta das arvores com ha ponta da boca do rio qu'está na banda do Sul, Noroeste Sueste casi quarta de Norte Sul.

§. Corre-se a derradeira ponta da banda do Sudueste, a qual na descripção se chama .D. com a ponta do Norte da boca do rio chamada .B., Norte Sul quarta de Nordeste Sudueste. Averá na rota $\frac{3}{4}$ de legoa.

§. Corre-se esta ponta .B. da boca do rio com huma ponta qu'está no lugar onde co-

meça a enseada, a qual ponta se conhecerá pela letra .R., Noroeste Sueste quarta de Norte Sul, e entre estas destas duas pontas se faz huma enseada.

6.º *Rio. De Ceitapor.*

Ha .23. leguoas de Guoa corre hum rio que se chama Ceitapor, nobre por ter a millhor e mais fermosa bahia de quantas ha nesta costa. O rio faz muitas voltas. Podem dentro entrar galés e outros navios mayores. Até o presente nam tenho entrado neste rio, mas estive na bahia, a qual tem grande fundo e grandes aquolheitas assi contra o Noroeste como doutros ventos mareiros. A conhecença do rio he huma grandissima e poderosa arvore qu'está em cima de hum cabeça bem em meio da bahia, a qual bahia faz a mostra que aqui parece.

[TAVOA 2.^a]

7.º *Rio. Do Betele.*

Ha 26 leguoas de Guoa corre hum rio chamado do Betele. Este rio tem huma grande enseada na qual nam ha nenhum abrigo

do Noroeste. Estam na boca desta enseada dous montes muito grandes e altos casi redondos, e ho da parte do Sul he mayor. Correm-se ambos Norte Sul, mas o sorgidouro desta enseada he na terra da banda do Norte, afastado da rocha hum tiro despingarda, tanto avante como onde corre hum ribeiro de muito e boa agoa. Na entrada deste rio estam assim mesmo outros dous montes que se correm Norte Sul quarta de Nordeste Sudueste. No da parte do Sul sai huma ponta que mete pouco ao mar, e nela se alevantam duas arvores que parecem muito pinheiros, e ho outro da banda do Norte lança hum comprido focinho de grandes lageas pelo rio dentro. A terra que vai ao longuo da ribeira pola parte do Norte he montuosa e chea de mato e arvoredos silvestre, mas a da outra parte do Sul tem huma fermosa praya e grandes arvoredos de palmeiras e doutras arvores cultivadas. O rio bem pelo meio corre-se Nordeste Sudueste e vai nesta rota obra de hum grande quarto de legua e no fim deste espaço se lhe opoem huma grande e alta serra em fegura de mesa que o força e faz trocar virando na volta do Susueste, de modo [que] fazendo o rio e praya nesta volta casi hum angulo reito, causa la

dentro hum grande silencio de mar e de ventos, onde he a morada dos Betelinos. A barra deste rio soldei com o meu piloto de baxamar e preamar e dipois com pilotos da terra, e isto ha .23. de Janeiro e achamos na baxamar daguoas vivas .9. palmos e preamar .19 $\frac{1}{2}$.: mas tanto que passamos este banco loguo ho fundo foi crescendo muito, de sorte que de baxamar ha do banco pera dentro do rio .3. braças e algures .4. Ha praya deste rio he tam alcantilada que he cousa de maravilha, e segundo consideramos eu e o piloto por alguns sinais a levantará neste lugar a maré de baxamar a preamar grandes duas braças. Na barra nem em todo este rio nam achamos em nenhum lugar vaza, mas hum area preta muito mole. Da boca do rio pera dentro nam ha pedra nem restingua: será a sua largura hum tiro despingarda. Chama-se o rio do Beteli porque ho ha nele em grande quantidade.

ENTRADA DO RIO DO BETELI.

Querendo entrar pola barra deste rio fareis desta maneira. Ponde-vos da terra da banda do Norte pouco mais de hum tiro despingarda, de modo que fiquem pera a terra da

parte do Sul dous terços, e hum pera a da banda do Norte. Isto assi feito tirai directamente ao meio de hum palmar que vereis de frente, o qual tem no alto huma serra pequena á feição de mesa com tres grandes arvores na cuneada, ponde a proa na arvore do meio e deixai-vos hir até descobrires todo o lanço do rio que se corre Nordeste Sudueste, e tanto que ho tiverdes descuberto tirai direito per meio dele, e dai hum pouco de resguardo á ponta, qu'está da parte do Norte na entrada do rio porque tem humas grandes pedras, as quais de preamar nam aparecem. Corresse o canal desta barra até tanto avante como onde descobris o rio, Leste Oeste.

[TAVOA 3.ª]

Os dous montes qu'estam na boca e entrada do rio de que sayem as duas pontas, sejam .A. e .B.; e .C. represente o lugar das duas arvores que parécem pinheiros. A terra montuosa e chea de mato que vai pola parte do Norte ao longuo do rio seja .D., .E., .F. Mas ha da parte do Sul onde pola borda do rio se alevanta hum palmar .G., .H., .I. A serra em fegura de mesa que se opoem ao

rio e ho faz virar na volta do Susueste demostre .K. .L. E avemos de saber que nesta rota corre mais de meia legua sempre com fundo de .3. braças e muito larguo. Ora o lugar do rio onde a praya he muito alcantilada será .M., .N. Mas o palmar em cuja ametade hei de levar a proa .O., .P.: e loguo as tres arvores qu'estam na cumeada da serra que faz feição de mesa .Q., .R., .S.: e os dous montes altos e redondos qu'estam na boca da enseada e se correm Norte Sul .T., .V.: e será .X. o lugar da enseada qu'está na terra da banda do Norte onde avemos de sorgir de fronte de hum ribeiro.

NOTAÇÃO DO RIO DO BETELI.

Nam parece rezão deixar de escrever neste lugar a emformaçom que me deram os pilotos e moradores deste rio, e foi que dipois da volta que faz caminho do Susueste de que ja tenho escrito, corre pela terra dentro mais de .5. leguoas levando sempre muita agua e grande largura : quanto he ao que por ele naveguei em hum batel, que seria huma legua, o lanço do Rio que se corre Nordeste Sudueste terá de larguo hum tiro despingarda, e ho

*

outro que se corre Nornoroeste Susueste , tem mayor largura qu'esta hum pouco.

8.º *Rio. De Zamgizara.*

Ha .35. legoas de Guoa em meio da Enseada dos Malavares corre hum grande rio que se chama Zamgizara. Este rio he muito conhecido e tem grande nomeada. A sua barra he roim e vai muito trocida, mas dipois de sermos dentro emmenda os inconvenientes que tem de fora. Corre grande espaço per dentro das terras levando muito fundo e grande largura. Nam lhe soldei a barra, mas tomei o Sol duas vezes na boca do rio e achei qu'está nesta altura.

.1. *altura.*

Ha .30. dias de Novembro de .1538. tomei o sol na boca de Zamgizara, e na mayor altura estava alevantado do orizonte .49. graos $\frac{2}{3}$. A decrição deste dia era .22. graos .57. minutos. Loguo estará a foz deste Rio em .17. graos .20. minutos pera a parte do Norte.

.2. altura.

Ao primeiro dia de Dezembro tornei a tomar o sol no mesmo lugar, e na mayor altura se ergia sobre ho orizonte .49. graos $\frac{2}{3}$. largos. A declinação deste dia era .23. graos .3. minutos; donde parece qu'está a boca deste rio em .17. graos .14. minutos.

CONHECENÇA DE ZAMGIZARA.

Zamgizara da banda do Sul tem huma terra baixa, e duas ou tres arvores altas e grossas e redondas. Estas arvores estam humas das outras apartadas. E logo na ponta qu'está ao Sul do rio se mostra hum palmar e huma praya darea, onde está bom abrigo do Noroeste, mas da parte do Norte tem o monte alto que vindo do Sul parece illha e que dece muito apique, de que ja tenho feito menção tratando da Enseada dos Malavares.

CAMINHO.

Ha dous dias de Dezembro sol saido se fez o Viso-Rei á vela com o terreno, e ha .6. do dito mes sorgimos na barra de Chaul,

e he de notar que os dias qu'estivemos na Enseada dos Malavares ventaram os mais rijos Levantes ou Lestes que se viram a juoizo dos pilotos e pessoas praticas desta costa.

DERROTA DA COSTA.

Da Enseada dos Malavares até huma ponta qu'está huma legua ao Sul de Damda se corre a costa Norte Sul quarta de Noroeste Sueste. Ha na rota .17. leguas. He a costa toda muito limpa sem baxa nem restingua. Loguo da ponta de Carapatão até esta ponta de Damda em que ha caminho de .30. legoas se corre a costa Norte Sul quarta de Noroeste Sueste ; mas desta ponta de Damda até o ilheo de Chaul se corre a costa Norte Sul e ha na rota .7. legoas.

RIOS QUE HA DE ZAMGIZARA ATE' CHAUL.

De Zamgizara até Chaul ha .22. legoas. Nestas prayas correm muitos Rios, mas somente farei menção de .6., entre os quais os .4. deles são dos mais nobres e conhecidos desta costa.

1.º Rio . De Dabul.

De Zamgizara até Dabul ha .4. leguoas e de Guoa .39. Este rio he feito illustre pelo naufragio da grande galé bastarda. Entra muitas leguoas pela terra dentro com grande fundo e largura. Na terra do rio qu'está da parte do Norte está assentada a grande cidade de Dabul, em a qual ha grandissima concurrencia de mercadorias de todo ho Oceano Indico, e fraquentada casi de todas as jentes do oniverso. O sitio da cidade e a entrada do rio se verá adiante em sua Tavoas e descripção.

2.º Rio . De Quelecim.

De Dabul até Quelecim ha .7. leguoas e de Guoa .46. Este Rio está em .18. graos daltura justos. A entrada dele he pola terra da banda do Norte do rio, per entre huns baixos. No banco de preamar ha .13. palmos daguoa e na baixa-mar .8. Na boca do rio está huma enseada onde faz bom abrigo do vento Noroeste, como se deccrará adiante em sua Tavoas .

3.º *Rio. De Beçoim.*

De Quelecim até Beçoim pode aver hum legua e de Guoa .47. Este Rio he muito grande e fertil, e de toda a India vão a ele carregar de trigo e de outros muitos mantimentos. Aparta o senhorio do Idalcão do Nisamaluquo. O sitio do lugar, barra, conhecida, e todo mais que ha nele he desta maneira.

DESCRIVÇÃO DO RIO E LUGAR DE BEIÇOIM.

Beçoim he hum dos nobres rios que ha na costa da India, e a sua maa barra e perigosa entrada per ventura foi a occasiam de nam ter a nomeada e preço sobre todos. Este rio rompe bem .8. leguas pela terra dentro sempre muito larguo e com fundo de .4. braças até .6. de baxa-mar, e chega até tanto que se lhe opõem o Guate e lhe registe a pasaje mais por diaute, como que nam bastava outra alguma força contra o seu impito. Per tres nomes he conhecido, primeiro Beçoim, segundo Mar, terceiro Rio do Mel. Chama-se Beçoim do nome de hum lugar qu'está hum legua da barra, á borda do rio na

terra da banda do Sul ; e he chamado Mar porque casi em sua estremidade e cabo está hum grande lugar assí mesmo chamado onde he grande carreguação de trigo ; e Rio do Mel lhe poseram nome os Portugueses pola grande abundancia dele que a terra produce . Os baxos da entrada deste rio jazem entre duas pontas muito fermosas e penetrantes pelo mar, das quais a boca e foz do rio he contida , e correm-se ambas Norte Sul quarta de Noroeste Sueste. Ha na rota millhor de meia legnoa , e estam estes baxos per tal ordem repartidos que huma parte deles jazem muito propincos á ponta do Sul da boca do Rio , e a outra e muito mayor se apalham escontra a ponta da boca do rio qu'está da parte do Norte , e comprehendem grande espaço pelo rio dentro ; de modo que entre hums baxos e outros vai hum canal que terá de larguo hum tiro de berço pequeno por onde se entra a este rio. Corre-se o canal Nordeste Sudueste quarta de Leste Oeste .

Ora falando do sitio e mostra que tem a terra de cada parte do rio , avemos de saber que da ponta do Sul qu'está na boca do rio pera dentro vai huma terra grossa e alta , e

corre hum pouco aõ Nordeste quarta de Leste, e deshi começa huma praya largua e comprida que bota huma grande barrigua pera fora. No meio desta praya está hum palmar onde se acabam os baxos qu'estam na parte do Sul. Corre esta praya pelo rio acima na volta do Nordeste até dar em huma ponta preta de grandes lageas que mete muito pelo rio dentro. Desta ponta até o lugar de Beijoim ha huma meia legua, e neste espaço lança a terra outras .3. pontas per dentro do rio, e todas quatro fazem tres enseadas. As duas delas mais vezinhas á ponta preta são pequenas, mas a terceira qu'está mais metida dentro do rio he muito grande e encurvada e tem huma praya na volta que faz a ponta pera a enseada, onde o lugar de Beijoim está assentado. Quanto á outra costa que corre pola parte do Norte do rio, diguo que da ponta da boca do rio pera dentro jazem tres montes como redondos e muito pegados; o primeiro he mais pequeno, e o segundo mayor e ja o terceiro he muito grande e mais redondo. Correm todos ao longuo da ribeira ao nacimiento do Sol, e loguo da sua estremitade começa a terra a se encolher e meter pera dentro, aparecendo huma praya e nela hum palmar, e no cabo de-

le vai pelo rio acima huma terra alagadiça cuberta de hum baxo arvoredado até de frente do lugar de Beiçaim.

ENTRADA DA BARRA.

Querendo entrar no Rio de Beiçaim fareis desta maneira. Arredai-vos dos baxos que jazem da parte do Sul, chegando-vos pera os qu'estão da parte do Norte quanto for possível, e deixai-vos hir ao longuo deles até que o fundo va crescendo e deis em .5. braças. Entam tirai direito a huma ponta preta que lança a terra da banda do Sul do rio, a qual ponta até serdes com ela nam vereis outra em todo rio, e desta sorte ireis sorgir a que parte quigerdes do rio sempre per .5. braças $\frac{1}{2}$. e a lugares .6., e isto tanto que fordes de dentro do banco. Este banco soldei o primeiro dia de Fevereiro de .1540. como se dirá no Segundo Roteiro, sem as agoas mortas, e achei na prea-mar pouco mais de .3. braças, e de baixa-mar passante de duas e meia; e tanto que se passa o banco crece o fundo muito. Neste canal andam grandes mares quando ventta o Noroeste, e os baxos arrebemtam em frolo com os mais espantosos mares que até qui te-

nho visto nestas partes. Acabam-se estes baxos dentro do rio, tanto avante como a ponta preta, e são muito mayores que os outros da parte do Sul, e entre eles e a ponta do Norte da boca do rio está boa aquolheita contra o Noroeste chegando-vos mais pera a terra que pera os baxos. Da barra até esta ponta preta todo o fundo he area, e da ponta pera cima vazza, e estando peguado com a ponta na baxa mar achareis duas braças e meia. A conheçença deste rio e a mostra que fazem os .3. montes qu'estam na boca dele se verá adiante, e aguora somente porei a Tavoia e pintura do Rio.

[TAVOIA 4.^a]

As duas pontas qu'estam na boca do rio e se correm Norte Sul quarta de Noroeste Sueste sejam .A. e .B., e os baxos da parte do Sul que jazem muito propincos á ponta da mesma banda .C., .D. Mas .E., .F. demonstraram os outros baxos muito grandes qu'estam escontra a ponta da banda do Norte, os quais comprehendem grande espaço pelo rio dentro. A praya comprida que corre na volta do Nordeste e lança huma grande barrigua pera fora será .G., .H., e o palmar qu'está no

meio dela onde acabam os baxos da parte do Sul .I. ; e loguo .K. a ponta preta, e .L. e .M. e .N. as tres pontas que lança a terra da parte do Sul até o lugar de Beiçoim . Os tres montes redondos qu'estam na boca do rio e correm pera dentro hao ufacimento do Sol, o primeiro seja .O. ; segundo .P. ; terceiro .Q., o qual he muito mayor e mais redoudo, mas na praya que vai ao longuo da ribeira e tem ho palmar poremos .R., .S. ; e per ultimo .T., .V. seja a terra alagadiça cuberta de arvoredos.

ROTAS.

§. Correm-se as duas pontas qu'estam na boca do rio, Norte Sul quarta do Noroeste Sueste. Ha na rota pouco mais de meia legoa.

§. Corre-se a ponta do Sul da boca do rio a qual se chamará sempre a ponta do Sul, com a ponta preta, Nordeste Sudueste quarta de Norte Sul.

§. Corre-se a ponta preta com a barrigua que lança a praya onde se acabam os baxos que jazem da parte do Sul, Nordeste Sudueste.

§. Corre-se a ponta do Norte qu'está na boca do rio com a ponta preta, Noroeste Sueste quarta de Leste Oeste. Averá na rota hum terço de legoa.

§. Corre-se a ponta preta com o cabo dos baxos qu'estam de dentro do rio na parte do Norte, Nornoroeste Susueste.

§. Correm-se as tres pontas qu'estam na terra da banda do Sul as quais se chamam .L., .M., .N., Leste Oeste; toma da quarta de Nordeste Sudueste.

§. Corre-se a ponta .L. qu'está mais chegada á ponta preta com esta mesma ponta preta, Lesnordeste Oessudueste, e nota que esta ponta .L. jaz casi em hum terço do caminho que ha da ponta preta até o lugar de Beiçoim.

§. Corre-se a ponta do Norte qu'está na boca do rio com a ponta de Cifardam, Noroeste Sueste quarta de Norte Sul. Averá na rota perto de huma legoa.

§. Na praya que corre Nordeste Sudueste onde se acabam os baxos da parte do Sul,

se mete por detras hum isteiro muito comprido o qual corre sempre ao longuo da praya na mesma volta do Sudueste. Entram dentro cotias muito grandes. A boca deste isteiro está tam escondida que cumpre muita deligencia pera se achar.

§. A terra que vai de cada parte do rio he alta e muito montuosa, e muito mais a da parte do Norte que a da banda do Sul.

4.º *Rio. De Cifardaom.*

De Beiçaim até Cifardam ha huma legoa e de Guoa .48. Este Rio tem pouca agua na barra, de sorte que de baxa-mar nam pode dentro entrar nenhuma cousa, e do banco pera dentro he grande e espaçoso. A entrada dele he peguado com a terra da banda do Sul. Na entrada deste rio pera o meiodia está hum grande monte muito sobranceiro, do qual sai ao mar hum focinho muito comprido que parece naturalmente tromba dalifante, mayormente demorando a Lesnordeste. Quanto nome e fama perdeo este rio pela sua má barra tornou a ganhar na enseada que tem, na qual em sorgidoiro limpo e boa

abrigada do Noroeste nam reconhece melhoria a nenhuma que nesta costa haja. O sitio e mostra dela se verá adiante em sua Tavoá .

5.º *Rio. De Damda.*

De Cifardam até Damda ha .5. legoas e de Guoa .53. Este Rio he hum dos mayores e mais afamados desta costa. Na sua entrada de baxa-mar ha .4. braças, e pera dentro do rio .5. e .5½. Alevanta ha aguoa muito de baxa-mar a preamar. O mais alto deste rio he bem pelo meio. Nam tem baxa nem mais mal do que se ve, que he hum ilheo que jaz de dentro na terra da parte do Norte, o qual parece sempre, e huma ilha na mesma parte onde os Damdeses tem huma fortaleza pera guarda do porto. He muito larguo especialmente na boca; o mais se dirá na sua descripção e verá em sua Tavoá que vai adiante.

6.º *Rio. De Chaul.*

Chaul feito nobre com a morte de Dom Lourenço he grande Rio e muito abastado de mantimentos. Aparta-se de Damda .4. le-

goas e de Guoa .57. De dentro da barra na terra da banda do Sul do rio tem hum grande e fermoso monte que de fora a todos que o vem parece ilha e asi ho afirmam. A parte dele qu'está virada aos assopros do Setentriam lança duas restingas; huma delas corre direito á barra e outra encontra o rio: mas da outra parte do monte que olha para o meio-dia, sai huma lingua darea muito baxa e comprida, que he a occasiam da calunia que poem ao monte aqueles que de longe o notam e consideram. E do lugar onde se termina esta lingua começa a se hir alevantando hum alto e orrido monte, do qual creio ser espargida a favola do carbunculo. Este monte correndo hum pouco muito sobranceiro ao rio dece loguo apique e despede de si huma ponta delgada, em cuja volta ao pe de huma grande e verde arvore está hum abundante poço d'agua, e deshi ao longuo do rio vai huma terra baxa até que se encontra com huma ponta muito cumprida per detras da qual o rio desaparece aos que do porto ho ouservam.

A outra terra do rio que vai pola banda do Norte he toda huma muito fermosa praya onde de fronte do rostro do monte de

que saiem as duas restingas está huma ponta darea muito metida no rio, e daqui se viram as prayas a diferentes regiões. A que vai na volta do Setentriam corre direito ao Nornoroeste, mas a que caminha pera dentro do rio leva hum bom pedaço a via de Leste e no cabo está posta a nossa fortaleza; e loguo pera diante se começa a praya hir encurvando e o rio a fazer grande enseada onde da parte do Norte a cidade de Chaul está assentada, grande e illustre cidade, emporio da mayor parte do Oriente.

BARRA DO RIO.

A barra deste Rio tem hum so banco e he darea. De baxa-mar em agoas mortas ha nele .2. braças $\frac{1}{2}$., e de preamar .3., mas dagoas vivas crece agoa no banco meia braça, e entam no banco ha .3. braças $\frac{1}{2}$. na praya-mar, e de baxa-mar .2. O canal desta barra he larguo. Corre-se Lessueste Oesnoroste, e de huma parte e doutra tem huns grandes baxos onde o mar de contino quebra. Os baxos que jazem ao mar procedem de huma restingua darea que lança o monte qu'está sobre a barra, de que acima he feito

menção . Correm-se estes baxos , ou restingua que he o mesmo , Noroeste Sueste quarta de Norte Sul . Ha na rota hum grande tiro de falcão . A outra restingua que sai deste monte e entra pelo rio he pequena : corre-se Norte Sul quarta de Nordeste Sudueste , e esta he de grandes lageas , e fica toda descuberta de baxa-mar ; e aqui se podia fazer hum baluarte que defendesse a entrada do rio , porque de neccidade ham de passar desta restingua ou ponta falando mais proprio , hum tiro despingarda . Ora da ponta darea qu'está de fronte do rostro do monte donde as prayas se viram a deferentes regiões como se acima diz , obra de hum tiro despingarda desta ponta darea , co-meção hums baxos dos quaes saiem dous braços muito compridos ; hum corre direito á ponta do monte qu'está sobre a barra e outro ao longuo da costa : o que enderença o caminho a este monte corre-se Leste Oeste ; ha na rota hum tiro de berço ; mas o que vai equidistante da costa corre-se Noroeste Sueste quarta de Norte Sul . Neste rio corre ha aguoá tanto que muitas vezes desamarra as naos e em todo o fundo he area .

[TAVOA 5.^a]

O monte grande qu'está de dentro da barra seja .A., e as duas restingas que saiem dele .B. e .C. Á degolada e lingua darea que se faz da outra parte do monte poremos .D. .E., e o monte alto de que se espargeo a favola .F. E loguo .G. será a ponta de tras da qual está ha arvore e o poço no lugar que demonstra .H. Ora .J. seja a ponta per de tras da qual o rio desaparece, e .K. a ponta darea qu'está na praya donde as prayas tomam diversos caminhos; .L. os baxos que começam hum tiro despingarda desta ponta: .L. .M. demostram que se correm Leste Oeste, e .L. .N. Noroeste Sueste quarta de Norte Sul.

ROTAS DESTE RIO.

§. Correm-se os baxos que começam da ponta da praya onde está nossa fortaleza e vão direito á ponta do monte da barra, Leste Oeste, e os que correm ao longuo da praya Noroeste Sueste quarta de Norte Sul.

§. Corre-se a ponta darea e estes baxos que vaom pera o monte, e a ponta do monte

de que sai a restingua de pedra , Leste Oeste.

§. Este monte qu'está sobre a barra per dentro do rio corre-se Nornoroeste Susueste .

§. O rostro deste monte com o ilheo de Nagam , Nornoroeste Susueste .

§. Este rostro do monte com o ilheo de Chaul * * * *

§. O focinho deste monte com o cabo da enseada que faz o rio , Leste Oeste quarta de Noroeste Sueste .

§. Corre-se a ponta de tras da qual está o poço e ha arvore verde, Leste Oeste.

§. Corre-se a praya que vira da fortaleza pera a cidade de Chaul , Nordeste Sudueste quarta de Norte Sul .

§. Corre-se a Torre de menaje com o ilheo de Chaul , Noroeste Sueste quarta de Norte Sul .

§. Corre-se esta Torre com a ponta per

de tras da qual o rio desaparece, Lessueste Oes-
noroeste .

§. Corre-se esta Torre com a ponta da
restingua detras da qual está o poço e ha ar-
vore , Noroeste Sueste quarta de Norte Sul .

§. Corre-se esta Torre com o meio do
monte alto da favola do carbunculo, Norte Sul
quarta de Noroeste Sueste.

§. Corre-se esta Torre com a ponta do
monte da barra , Leste Oeste .

§. Corre-se esta Torre com hum ilheo
de pedra qu'está na degolada e lingua d'area ,
Nordeste Sudueste quarta de Leste Oeste .

CAMINHO .

Ha .10. dias Dezembro nos fizemos á ve-
la de Chaul . O vento era como Nordeste , e
a doze do dito mez sorgimos no Rio do Pa-
gode de Baçaim . Ha de Chaul a este rio
.9. legoas e de Goa .66 .

ROTAS.

Do ilheo de Chaul obra de .5. legoas para o Norte, na ilha de Bombai ou de Boa-vinda que he o mesmo, faz a terra huma ponta á maneira de cabo, onde está hum pagode. Correm-se estas .5. legoas Norte Sul e toma da quarta de Nordeste Sudueste, mas desta ponta até o Rio de Pagode se corre a costa Norte Sul. Ha na rota .2. legoas.

DESCRIVÇÃO DA COSTA

QUE SE CONTEM DA BARRA DE CHAUL

ATE' O RIO DO PAGODE.

Huma legua de Chaul está hum ilheo que se chama o ilheo de Nagaom. Este ilheo estará da terra hum tiro de berço; será de comprido dous tiros despingarda; he muito baxo e dagoas vivas corta-se pelo meio. He cousa pera notar o que acontese na paraje deste ilheo, porque vindo á popa com o vento Noroeste que nam podemos sofrer a vela, tanto que somos tanto avante como ele incontinente acalma o vento e ho achamos bonança; e o mesmo acontese no mar, que até

chegar a este ilheo nam se pode sofrer o es-carceo , e como somos com ele anda chão como rio . Aqui nam podemos argohir que nesta paraje vem o vento por cima da terra , porque não he assi; nem que alguma ponta, ilha, ou baxos se metem entre o vento e este ilheo , pera que aja de amansar o mar , pois nam ha nenhum empedimento destes em meio: loguo a duvida fique a Apolo . Corre-se este ilheo de Nagão com o ilheo de Chaul , Nornoroeste Susueste . Ha na rota hum legoa . Entre ele e a terra podem passar fustas e catures .

DA PEDRA QU'ESTA'

AO MAR DO ILHEO DE NAGAOM .

Huma legua da fortaleza de Chaul e casi meia da costa está hum grande lagea metida no mar . Nesta pedra são ja perdidas duas naos portuguesas . De baxa-mar fica muita parte dela descuberta , e de preamar nenhuma cousa parece . Corre-se esta lagea com o ilheo de Nagão Nordeste Sudueste . Ha na rota hum quarto de legoa , e corre-se com hum pico baxo qu'está no meio de hum monte muito alto e comprido , o qual nas suas es-

tremidades alevanta dous cabeços, Nordeste Sudeste quarta de Norte Sul. E avemos de saber que desta lagea saiem duas grandes restingas ; huma leva o caminlio do Norte e a outra corre na volta do Sul. Estas restingas nam descobrem nunca, mas de baxa-mar arrebenta o mar nelas.

DE HUMA RESTINGUA E HUM ILHEO.

Avante do ilheo de Nagaom obra de hum quarto de legoa está huma grande restingua. Entra ao mar bem hum tiro de bombardas, fazendo muitas voltas. Entre ela e a terra nam se pode passar. Esta restingua de baxa-mar dagoas vivas descobre e todo outro tempo está escondida. Entre esta restingua e o ilheo de Chaul está hum grande ilheo de pedra: entr'ele e a terra faz boa abrigada do vento Noroeste. Corre-se com o ilheo de Chaul Leste Oeste. Ha na rota pouco mais de hum quarto de legoa.

DO ILHEO DE CHAUL.

Duas legoas de Chaul pera o Norte está hum grande ilheo e este per incelemeia se cha-

ma o ilheo de Chaul, sem per este nome se poder entender alguns dos que acima faço mençãoom. Este ilheo será de comprido hum grande tiro de falcão, e de larguo pouco mais de tiro darcabus. A sua forma he esta. Dous montes se alevantam muito alto, hum deles olha escontra o meio dia, e ho outro pera as partes do Setentriam; ambos tem casi huma altura e feição, e em meio deles vai huma grande aberta e deguolada; pelo qual respeito vindo do mar em fora parece este ilheo que sejam dous. Todo ele he cheo de muitos e grandes penedos e tem muita copia de lenhas. Na parte do Nordeste per onde corre a degolada ou aberta, está huma qualheta com huma praya darea, onde se faz hum porto que tem abrigo de todolos ventos, porque do Noroeste até o Sueste vem todos per cima do ilheo, e os outros são terrenhos de que nam ha temporal. Nesta qualheta somente se pode desembarcar, e pegado com ela está hum poço de muito e boa aguo. Ha terra deste ilheo obra de hum tiro despingarda está huma pedra comprida; corre-se com a calheta Nordeste Sudueste e em toda a roda do ilheo nam ha outra nem cousa alguma que empida tomarem porto. Quem nam souber esta pedra e qui-

ger tomar abrigo do vento Noroeste, Oeste, Sudueste, Sul, nam se meta entre o ilheo e a terra pola banda do Norte dele, mas pola parte do Sul, e de baxa-mar dagoas vivas em .5. braças terá abrigo do Noroeste, e estará de terra hum tiro despingarda grande, e em .4. braças nos nam fará nojo vento Oeste nem Sudueste, e estaremos da terra do ilheo hum tiro de pedra grande, e em .3. braças estando hum tiro de pedra ao Sul da calheta estaremos muito abriguados do vento Sul; mas querendo-vos meter entre a calheta e a pedra que acima dixe, em .5. braças estamos emparados do Sul, e nesta estancia somente he o fundo pedra, e per toda outra parte vaza muito forte. Entre esta pedra ou baxa qu'está á terra do ilheo hum tiro despingarda podemos passar por .4. braças $\frac{1}{2}$. de baxa-mar. Corre-se este ilheo bem pelo meio Noroeste Sueste quarta de Norte Sul e nesta mesma rota está com a Torre de menaje da fortaleza de Chaul.

DA PROPIADADE QUE TEM DUAS

PEDRAS DESTES ILHEOS.

Andando por este ilheo e sobindo ao monte que está da banda do Norte pera marcar

e ver como jaziam os outros ilheos e baxos com ele, me aconteceu hum caso muito pera maravilhar e foi desta maneira. Pondo eu a agulha em cima de hum grande penedo pera ver como se corria o ilheo, supito deu a rosa huma volta e pos o Norte onde dantes tinha o Sul. Quando isto vi cuidando que lhe vinha este desconcerto d'estar a rosa fora do pião ergi-a pera a concertar, e como a tirei da pedra supito tornou a dar a volta e pos o Norte em seu lugar. Ora vindo a conhecimento qu'este caso tamanho nacia da calidade e natureza da pedra, a pus e tirei muitas vezes e de todas fazia a mesma operação. Espantado eu muito deste acontecimento corri a mayor parte do monte pondo a agulha em cima de todos penedos e pedras, mas nunca fez nenhuma variaçam, somente achei hum penedo apar do outro da mesma natureza, posto que neste nam dava a rosa tamanha volta; mas demorando-me qualquer marca que tomava ao Noroeste quarta da Loeste, como punha ha agulha no penedo loguo a mesma marca me demorava ao Sudueste: de modo que supitamente variava .7. quartas; porem o primeiro penedo fazia quasi dobrada ha operaçao, porque a marca que fora dele me demorava ao

Noroeste quarta da Loeste, pondo a agulha em cima me ficava demorando ao Sul quarta do Sueste, que são .12. quartas de variação. Esta mudança tam descomunal nam somente se causava quando a agulha estava assentada na pedra, mas tanto que se apropiava ao penedo estando suspendida nas mãos em cima dele.

Nam val ho argumento que dixer qu'estes penedos eram da especie do manhete, porque se o foram, cortando deles alguns pedaços e trazendo-os pera derredor da agulha fizeram mover a rosa da frol de lis, do que vi a esperiencia em contrairo, por quanto mandando cortar muitos pedaços grandes e pequenos e chegando-os ao Norte dagulha e di passando-os per todas as partes de sua circumferencia, nenhum movimento se fazia nem a frol de lis bolia consiguo. E tambem se estes penedos foram da especie de manhete, certo he que chamaram o ferro e aço pera si, mas eles nam tem esta propiedade por que fiz eu nisto todas as provas com ferros e agulhas e outras cousas d'aço que se requerem a esta operação. Logo nenhum dos argumentos he bom nem se deve de receber: mas esta duvida com ha do ilheo de Nagam fiquem pera determinar Apolo.

Nota que estes penedos tem os sinaes que se seguem. O primeiro onde a agulha faz mayor variação he hum pouco agamelado, fazendo no meio huma certa concavidade ; e o segundo tem humas grandes fendas que ho atravessam de parte a parte ; e ambos estam muito vezinhos, e jazem ambos na chapada do monte qu'está da banda do Norte, a qual está sobre ha aberta ou degolada que vai per entraambos os montes.

DA BAHIA DE BOMBAL.

Entre o ilheo de Chaul e a ponta que acima dixee estar na ilha de Bombal, jaz huma grande enseada que vulgarmente se chama a bahia de Bombal, e dentro dela vaom tantas ilhas, rios, isteiros, braços de mar, requantos, que pera dar a entender particularmente cada cousa por si, temo que dipois de as dizer fiquem mais escuras e menos entendidas que se nunca as dixerá. Polo que detremino de escrever sumariamente o sitio de algumas ilhas e somente as cousas mais illustres que nelas aja, assi mesmo os rios mais nobres que nesta parte correm, e per esta maneira ficará demonstrado qual seja a forma desta gran-

de enseada, com as cousas mais dinas de ser conhecidas que dentro nela se contem.

A bahia de Bombai faz huma grande e fermosa abra a qual se comprehende entre duas baxas e delgadas pontas. Distam per espaço de legua e meia. A ponta qu'está na terra da banda do Sul tem dous montes redondos, e naquele qu'está mais propinco á ponta em todo cima está huma arvore sem em todo ele se mostrar outra; mas ho outro monte he cuberto de hum verde e çarrado arvoredó. Tanto que se dobra esta ponta, entre a terra da banda do Sul e a ilha de Caramia se mete hum grande Rio que corre muito espaço pela terra dentro, o qual se chama Negotana. A outra ponta desta bahia qu'está na terra da parte do Norte sai da ilha de Bombai donde veio o nome á enseada. Esta ponta lança ao mar huma grande restingua de pedra e entra por ele casi meia legua, e loguo em forma de torcida serpente torna com outra volta a virar pera a terra e dipois corre ao Norte até parar. Por tanto quem ouver dentrar nesta enseada cumpre que dê grande resguardo a esta ponta, o que fará como quer que se arredar da terra da parte do Norte obra de meia

legoa, e daqui pera cima o pode fazer quanto quizer, por que pera a terra da bahia da banda do Sul tudo he alto e limpo, e desta maneira sem outra arte nem cautela pode entrar nesta enseada, quem nela buscar alguma cousa, e em fundo de .7. e .8. braças estará emparado do vento Noroeste, e obra de meia legoa avante desta ponta da bahia achará huma aguada de muito e boa aguoa.

DA ILHA DE CARAMIA .

A ilha de Caramia he a primeira ilha qu'está nesta enseada de Bombai entrando pola terra da banda do Sul. Esta ilha será de comprido pouco mais de meia legua e de larguo hum tiro de bombardas. Nas suas estremidades estam dous grandes montes muito alevantados e entre eles jaz huma planicia muito dileitosa, chea de agoas, ortas, arvoredos e doutras muitas recreaçõis. Colhe-se nesta ilha muito arros. A terra geralmente he graciosa e aprazivel. A maré espraya tanto que de baixa-mar fica pasaje da ilha pera a terra firme.

DA ILHA DO ALIFANTE .

Segue-se loguo apos Caramia a ilha do

Alifante com intervalo de meia legoa de huma terra á outra . A longura desta ilha inda nam chegua a caminho de meia legua e de larguo pode ser hum tiro de berço . O sitio da terra he desta maneira . Toda a ilha se contem em dous altos e fragosos montes , os quais per hum estreitissimo vale se devidem , de modo que parece serem serrados pelo meio com huma serra . Destes dous montes aquelle qu'está virado ao meio dia he mayor e mais alto que ho outro que jaz oposto ao Setentriam , mas este he feito mais nobre pelo mostruoso edeficio do Pagode que nele está . Esta ilha produze poucos mantimentos e frutos , somente he abastada de aves de muitas sortes , principalmente de pavões , adems , rolas ; e toda a terra he chea de arvoredos silvestres . Chama-se esta ilha do Alifante porque dentro de hum mato está hum grande alifante de pedra muito semelhante aos vivos , na cor , grandezza e feição .

DESCRIVÇÃO DO EDEFICIO DO PAGODE.

Ho monte desta ilha que dixee estar oposito á regiam Setentrional per huma parte que he moção de hum rochedo e dura pena vi-

va' foi cortado, e feito per debaxo do monte cavando a pena viva hum grandissimo templo, o qual he lavrado de tam maravilhosa obra que parece impossivel ser feita per mãos de humanos, e todos los labores, imagemis, columnas, romanos, ofecinas que nele estam são lavrados na mossiça pedra deste monte; o que parece sahír ja dos termos da natureza: e verdadeiramente que a porpoção e semetria com que cada fegura e toda outra cousa he acabada seria muito poder guardar hum pintor inda que fosse Apeles. Este templo ao comprido tem .35. braças e de larguo .25. e dalto pouco menos de .4. E que mor soberba podiam fazer os homemis que cavar huma durissima pena viva á força de ferro e de contumacia e entrarem por ela dentro tamanhos espaços? Ó grande e temerario atrevimento! Certamente que o entrar tamanha imaginação na mente dos homemis nam era licito, quanto mais porem-na per obra, e dipois levarem-na ao cabo. Per todo o corpo deste templo correm muitas direitissimas renqueas d'esteios que parece soste-rem o ceo de cima, o qual he chaom e muito direito. Estes esteios sam per todos .42. e os espaços que ha entre eles sam iguaes. No lugar onde em nossas igrejas pomos o al-

tar mor está neste templo huma capela quadrada, e em quada quadra tem huma porta pequena e baxa, e cada huma destas portas guardam dous ferossissimos gigantes que tem de comprido .21. palmos. De dentro desta capela está hum altar posto no meio e em cima huma grande bola que deve senificar o mundo. Todo este templo he rodeado com .12. capelas, e em cada huma estam esculpidas muitas e diversas istorias de singular obra romana, todas lavradas como dito tenho na viva pedra da rocha. Em huma destas capelas está hum homem que se mostra da cinta pera cima com tres grandes rostros e quatro braços. Em a mam direita tem huma cobra de capelo pela cabeça, e na esquerda amostra huma rosa; em outra mão tem o mundo alevantado; a outra por estar quebrada nam parece a devisa que tinha. Das istorias das outras capelas direi alguma cousa inda que pouco. Em huma está hum grande homem como gigante o qual tem oito braços; dous deles estam muito alevantados, demostrando sostarem o ceo da capela, e no terceiro tem huma espada muito alevantada; em o quarto braço amostra huma campainha, mas o quinto tem hum menino per hum pé com a cabeça pera

baxo, e loguo no seisto tem hum vaso como escudela e nele emborilhado huma cadea de cabeças de meninos e huma cobra; os dous braços que faltam pera os .8. estam quebrados. Per toda esta capela estam infenitas i-magemis com as mãos alevantadas como que dam graças a Deos. Em outra capela está huma molher de grande corpo como giganta, toda nua, e somente tem a teta esquerda e da direita nenhum sinal parece, assi como he escrito das Amazonas. Este templo tem duas portas huma principal e outra travessa. A principal com a capela mor se corre justamente Leste Oeste, e a travessa com a capela onde está a imagem de tres rostros Norte Sul, e nesta rota vaom totalas renqueas d'esteios. Detras da capela mor a huma ilhargua do edeficio está huma fonte da millhor aguoá que nestas partes tenho visto, e per todo este templo nam ha imagem que tenha barba nem qu'esté vestida. Da maom esquerda da porta principal está outro grande edeficio assi mesmo lavrado na pedra viva da rocha, muito metido por baxo da serra, onde he lavrado hum grande templo que tem per derrador grandes crastas e capelas e ofecinas, e per totalas partes estam representadas muitas e di-

versas historias de romano em grande perfeição, com muitos gigantes e ananos, e todo este edeficio está metido .15. braças per baxo da serra, e entra grande espaço per ela dentro. Nam escrevo quantas particularidades tem porque he cousa incomportavel; tantas sam as novidades e historias que se representam nele. Alem destes dous edeficios pela volta do monte vaom outros, o que me fez entender ser todo este monte de pena talhada. Este edeficio nam tem outra craridade salvo a que recebe pelas portas do templo.

DA ILHA DE SALSETE.

Dipois da Ilha do Alifante per espaço de perto de hum legnoa está a Ilha de Salsete. Esta ilha tem de comprido .7. legnoas e .5. de larguo. Da parte do Norte confina com o Sino Cambaico, do Sul tem a Ilha do Alifante, da banda de Leste se lhe opoem a terra firme, e de Oeste parte com a Ilha de Bombai ou de Boa Vida. Esta ilha he muito fertil e abastada de mantimentos e criações, caças, montarias, e em suas montanhas ha grande copia de madeira pera naos e galés, e naquela parte da ilha que jaz oposta ao ven-

to Sueste, está edeficada huma insinia e grande cidade chamada Thana; e obra de legua e meia pera dentro da ilha ha hum grandissimo edeficio a que chamam o Paguode de Salsete; huma cousa e outra ilústre, Thana per sua destroição, e o Paguode por ser obra unica e nunqua vista outra semelhante. Entre esta ilha e a terra firme vai hum rio ou braço de mar que vai dar a Baçaim; chama-se este braço de mar o Rio de Thana; a sua largura a lugares será de hum tiro despingarda, e a lugares pode ser hum tiro de bésta, mas em tres partes do rio sendo de todo baixa-mar fica sem nenhuma agua, por onde no tal tempo se passa da ilha pera a terra firme como per huma estrada.

DA CIDADE DE THANA.

Thana no tempo passado teve ho imperio de muitas terras, e huma gram parte do Guzarate lhe era sugeita e vevia debaxo de suas leis. Esta cidade estaa edeficada na borda do rio que corre per entre a Ilha de Salsete e a terra firme, e vai dar a Baçaim, e per derredor dela se faz hum campo muito plauo. A sua longura com os arrabaldes

comprendia pouco menos de huma legua, e de larguo meia. Dentro desta cidade avia sessenta mesquitas muito nobres, e sessenta tanques dos quaes alguns deles seram tamanhos como dous terços do Rocio de Lixboa, todos lavrados á maravilha de cantaria, com muitos assentos e degraos per derredor como hum teatro, e em algumas partes heirados e casas de passatempo. A obra de que as casas e assi todos os edeficios da cidade eram lavrados certamente que he cousa muito pera notar, porque em nenhuma parte se acha rastro nem sinal de cal, mas somente se vê cantaria lavrada ou tigoło, com tamanho primor e arte que por mais que se está esmerilhando nam podemos emxergar junta nem espaço que pareça entre huma pedra e outra; e inda esta perfeição he mayor na obra do tigoło. Esta cidade tinha trato com todo ho Oriente conhecido, e dentro de seos arrabaldes avia novecentos teares, nos quais somente se lavrava ouro, e de roupa branca mil e duzentos; mas como quer que debaxo do ceo nam ha cousa duravel e firme, de quinze annos pera qua foi destroida e queimada tres vezes, as duas dos Portuguezes e huma de Guzarates, e assi esta cidade tam chea de povo e de riquezas,

alevantada em todas as partes Orientais e que dominava tantas gentes, o dia hoje de poucos e miseros moradores he huma pequena parte dela morada, mais semelhante a hum deserto e despovoado que ao que antiguamente se mostrava, e a fama de sua nobreza e soberba pregoava.

DO RIO DE THANA.

O Rio de Thana se chama de tanto avante como esta cidade até Baçaim, que será caminho ou navegação de .4. leguoas. Este rio, como ja tenho dito, corre per entre a ilha de Salsete e a terra firme, e á vista da cidade tem tres passos tam perigosos que nam basta balizas nem siencia alguma pera os cometer sem piloto da terra. Todos tres de baixa-mar fiquam em sequo. O mais nomeado de todos he o do meio, e mais fronteiro da cidade, e a este per inselencia chamam o passo de Thana. Ver este passo quando a maré he de todo vazia certamente que as carnes tremem e faz hum espanto e grande horror, porque ele he tam estreito que huma galé com ha apelação, nam sendo preamar de todo, chegará de huma parte á outra. A sua fei-

ção he como humas portas de moinho, tendo de huma parte e doutra do canal huus grandes montes de pedra, e pelo fundo do canal humas aspera e forte penedia, a qual cerqua ambas as bandas do rio muito espaço, e neste passo corre ha aguoas tam rijo que daguoas vivas não ha força de remos que a possa romper, e quando são de todo mortas com grandissimo trabalho se vence ho impito e peso da corrente; de sorte que cumpre cometer este passo sendo a aguoas de todo estova, o que dura muito pouco tempo. Os outros dous passos nam sam menos perigosos, mas porque o seu sitio nam espanta tanto e tem os perigos mais dessemulados se temem menos, e lhe faz perder a reputação. Passado estes tres paços vai o rio muito fundo e larguo e faz muitas voltas até chegar a Baçaim. Nestes tres paços que de baxa-mar ficam em sequo, de preamar sendo as aguoas mortas ha duas braças e meia, largas, e dagoas vivas mais de tres. Entam, saber: sendo a maré de todo cheia, ficam os dous montes de pedra qu'estam no passo de Thana, de que acima faço menção, cubertos daguoas, e assi mesmo todo ho rochedo qu'está de humas partes e doutras. Ora oulhando eu com muita de-

ligencia se podiam passar galés por estes passos julgei ser cousa muito duvidosa, porque pera darem a volta pareceram me muito estreitos, e porem mais incrinado estou a poderem passar; o que nam pode ser salvo de preamar quando ha aguoá está de todo estova, o que dura pouco, porque loguo que he chea descabeça com tamanha furia que he cousa incomportavel.

DOS RIOS DE GALEANA E BIOMDI.

Obra de meia leguoá de Thana está hum grande rio que se chama Galeana. Entra muito pola terra dentro. Este rio faz huma abra muito fermosa. A terra qu'está á maom direita quando entram he muito alta, e faz hums montes que parecem baluartes e torreiões, e decendo apique entra com huma ponta muito grossa per dentro do rio: mas a terra do rio da maom esquerda he muito baxa e alegadiça, cuberta de hum mato e baxo arvoredo. Aqui ha grande cantidade de mantimentos; saber: trigo e arros, donde se provee huma gram parte da costa do mar da India. Biomdi está casi em meio caminho de Thana pera Baçaim. He hum rio grande e

de muitos mantimentos. A sua boca jaz muito escondida, porque a terra de cada parte he tam baxa que parece estar ao nivel do rio, e per toda vai muito mato e baxo arvoredos. Estando tanto avante como a boca aparece a terra de frente, de sorte que os que nam souberem parte deste rio, passaram por ele sem lhes fazer suspeita.

DO PAGUODE DE SALSETE.

Per espaço de huma legua e meia da destroida cidade de Thana, entre humas grandes serras está hum grandissimo e alto penedo casi redondo, em o qual per dentro dele desho andar do chão até a mayor altura está edificado hum grande e nobre lugar com muitos sumptuosos templos e maravilhosos edeficios, e vai toda esta obra e casaria em muitas andainas á maneira de huns paços, sem em todo este edeficio aver imagem, columna, casa, portico, fegura, esteio, cisterna, templo, capela, nem outra cousa alguma, que nam seja lavrada na mesma pedra do penedo: cousa certamente que nam cabe no joizo dos mortais. E por muito averiguado tenho ser esta obra tam espantosa que a sua comparação fica em

pouco á dos Sete Milagres do Mundo , salvo se lhe tirar o preço parecer que os homemis nam saom capazes , nem debaxo de seo intendimento e poder cabia arteficio e possebelidade de a fazer , mas que ela seja feita per espiritos e arte diaboliqua : o que quanto a mi nam ha duvida . E posto que seja assi , inda he cousa dura poder crer qu'esta arte seja tam poderosa que faça cousa que á natureza seria muito , e nam sinto qual pode ter tamanha autoridade que s'atreva a contar a grandeza e forma desta obra . Mas eu com a condição e periguo em que todos aqueles incorrem , os quais contam casos nunca vistos nem ouvidos , direi a medo o sitio deste edificio e a forma do penedo , sem embargo qu'estê tam emborilhado que deficilmente se pode bem entender , quanto mais descreve-lo com crareza .

Ao pe deste penedo de huma parte e doutra do caminho estam .7. columnas, das quais o dia d'oje os basis tam somente aparecem , e comprehendem tamanhos espaços na roda e altura que he justo crer-se serem as columnas fora de medida grandes e altas . Passando hum pouco adiante se entra no primeiro ede-

ficio lavrado per dentro do penedo. He este edeficio tam alto que faz grande amiração aos que o vem. He cheio de colunas e de outras obras mais que espantosas. No andar de todo cima vai huma entrada que endereça pera o interior do penedo, onde vam grandes ofecinas e aposentos, e nestes tais lugares nam entrei per sua grande defecultade, e aspora sobida. Saindo deste lugar, loguo pegado está huma grande alpendorada em que de comprido ha .40. passos e de larguo .18., sem em toda ela aver esteio nem outra cousa que ha sostenha. A hum cabo estam duas capelas lavradas de obra romana, com huma grande bola muito redonda, que he ho oraguo da adoração; e em meio desta alpendorada hum letereiro casi apagado da longura do tempo. Passando este portico entram em hum manifico templo, do qual escreverei o modo e feição na melhor maneira que puder pera satisfazer ha alguns coriosos de ouvir antigualhas. Primeiramente de fora do templo está hum grande recebimento ou patim onde estam alevantadas duas altissimas colunas, lavradas de obra romana á maravilha. Huma delas, saber: qu'está á mão direita, tem em cima huma roda como se pinta a de Santa Ca-

terina, e está posta sobre quatro liões muito fermosos e bem feitos, mas ha outra coluna da mão esquerda tem em cima certos homemis os quaes sostem huma grande bola, como afeguramos o mundo, com as mãos, demonstrando soffrerem grande trabalho de seu peso; e desta banda da mão esquerda vão muitas capelas e ofecinas metidas per huma ilhargua do penedo dentro. E loguo em passando este patim, antes de chegar ás portas do templo, estam alçadas outras duas colunas. Tem cada huma d'altura .4. braças $\frac{1}{2}$, e em cada huma delas está hum grande letreiro de muito fermosas letras e legiveis. Avante destas colunas se faz hum corredor, no qual em cada huma das ilhargas tem hum ferossissimo e grande gigante de .36. palmos dalto, e em seos membros se vee huma grande conformidade e porpoção; e o resto deste corredor he lavrado de romano com muitas feguras e vultos d'homemis. Alem deste corredor está o templo. Este templo he muito alto e de feição de huma bem feita aboboda. Tem de comprido .40. passos e de larguo .17., e dalto passante de .9. braças. No cabo está hum grande altar, que se corre com as portas e entrada Leste Oeste, e tem em cima o mundo

ou huma redonda bola , a qual tem .9. braças . $\frac{1}{2}$. de roda . Ao longuo das paredes per huma banda e outra corre huma renquea d'esteios , e sam per todos .37. , e entre eles e as paredes de cada parte fica huma crasta que rodea todo ho corpo do templo . Sobre a porta principal está hum choro posto em cima de dous grandes esteios , assi como são os coros de nossas igrejas .

Tanto que somos fora deste templo , se mostra hum caminho de degraos que vai do pee do penedo pera todo cima , tam ingreme que casi parece sobir ao ceo ; e des que comecam a sobir até chegar a cima , per huma ilhargua e outra do caminho estam muitos edeficios , assim como casas , porticos , cisternas , capelas , patios , todos lavrados per dentro do penedo ; e somente o que destas cousas contei indo per este caminho sem me desviar dele , foram .83. casas , em que achei casa de .40. passos de comprido e .20. de larguo , e outras onde se podiam agasalhar cem homemis ; e jeralmente todo o restante das outras casas eram mui altas e espaçosas . Fora do numero destas casas avia mais .15. capelas todas lavradas de romano ; e .32. cisternas cavadas

no penedo , nas quais avia huma aguoá muito cordeal e delguada; e .56. porticos , alguns deles lavrados dobra romana, e nestes edeficios avia .15. letereiros, que todos se podem bem ler. As mais destas casas e aposentos tem diante huns recebimentos com poyaes per derredor. O espaço que ha do pee deste penedo , onde estam as .7. columnas até todo cima he .930. passos. E avemos de saber que este penedo tem outros tres caminhos assi mesmo de degraos, e per cada hum deles vam muitos e diversos ideficios , de modo que dentro deste penedo he duvida se podemos dizer que he edeficada huma vila, se huma cidade; porque certamente que pelo seu interior ha larguo gasalhado pera sete mil homemis. E as sobidas per totalas partes sam tam ingremes e deficultosas que he cousa insofrivel, de sorte que sem mais industria se pode dizer qu'este penedo somente pode ter nome de enespunhavel. A parte dele oposta ao Setentriam he muito mais alta de todas, e per esta banda corre hum ribeiro que lava as baxas raizes do penedo , e loguo começa a proceder huma serra que pouco a pouco se vai muito alevantando. Esta serra he toda de huma só pedra e por ela vão muitos edeficios lavrados per dentro á

força de ferro, os quais nam pude ver por me faltar tempo e desposição. Deve ser cousa grande e manifiqua.

DA ILHA DE BOMBAI OU MAIYAM
QUE HE O MESMO.

A Ilha de Bombai da parte do Sul tem as agoas da enseada que se chama de Bombai e o ilheo de Chaul; do Norte a ilha de Salsete; da banda de Leste o mesmo Salsete, e de Oeste ho Oceano Indico. A terra desta ilha he muito baxa e cuberta de grandes e graciosos arvoredos. Tem muitas caças, e de carnes e arros nam se lembram aver nela estrelidade. O dia doje he chamada a ilha de Boa-Vida; este nome lhe pos Heitor da Silveira, porque andando darinada nesta costa os seos soldados tomavam grandes recreações e repouso dentro dela. A maritima desta ilha deita muitas restinguas de pedra e tem o fundo çujo. A ponta qu'está da banda do Norte faz huma praya muito fermosa e comprida, e do começo desta praya que he onde se alevantam tres montes pequenos e agudos, pera o Sul, fiquam todas estas restingas; e loguo pera o Norte vai a costa muito limpa e

o fundo vaza. O sinal e certeza que teremos pera saber que estas restingas e çugidade fica ja ao Sul e somos avante, será quando virmos que hum destes .3. montes que jaz mais ao Sul, nos demora a Leste tomando alguma cousa pera a quarta do Sueste.

OPERAÇÕES

*Que fiz no Rio do Pagode de Baçaim
pera alcançar a variação das agulhas.*

Ha .13. de Dezembro de .1538. apontando o sol no horizonte, o marquei com hum agulha do piloto á qual adiante se chamará .A. , e demorava-me justamente ao Sueste quarta de Leste. E logo armando a lamina e agulha de que me Vossa Alteza fez mercê e mandou que per ela verefiquasse certas cousas no caminho de Portugal pera a India, fiz as considerações seguintes.

.1. *Operação ante meio dia.*

Nacido o Sol no horizonte, o estilo lançou a sombra .37. graos $\frac{1}{2}$. contando da linha da Loeste pera o Norte; portanto naceria o sol outros .37. graos $\frac{1}{2}$. da linha de Leste pera

o Sul; logo naceo o sol por este estromento ao Sueste quarta de Leste com mais $.3$. graos $\frac{3}{4}$. desta quarta pera o Sueste.

.2. Operação ante meio dia.

Altura do sol.....30. graos ;
O estilo lançou a sombra.....39. graos ;
contando aguora do Norte pera a linha da-
Loeste .

.3. Operação ante meio dia.

Altura do sol.....40. graos ;
De sombra.....23. graos ;
contando da mesma maneira do Norte pera
Oeste .

.1. Operação dipois do meio dia.

Altura do sol.....40. graos ; —
De sombra.....43. graos $\frac{1}{2}$. ;
contando do Norte pera a linha de Leste .

Foi logo nesta operação ho arco de di-
pois de meio dia mayor que o dante meio
dia $.20$. graos $\frac{1}{2}$. ; he o meio deles $.10$. $\frac{1}{4}$. que
he a quantidade que per esta consideração a
agulha Norestea. *

.2. Operação dipois de meio dia.

Altura do sol.....30. graos; —
De sombra.....59. graos $\frac{1}{2}$. ;
contando da mesma maneira do Norte pera
Leste.

Foi loguo nesta operação ho arco de di-
pois de meio dia mayor que ho dante meio
dia .20. graos $\frac{1}{2}$.; lie a metade $10\frac{1}{4}$. que he
o que a agulha Norestea.

.3. Operação dipois de meio dia.

O sol no orizonte pera se por, o estilo
lançou a sombra .73. graos, contando do Nor-
te pera Leste, ou .17. graos contados de Les-
te pera o Norte pela graduação do circulo, que
he o mesmo.

Foi loguo nesta ultima operação ho arco
de dipois do meio dia mayor que ho dante
meio dia .20. graos $\frac{1}{2}$., dos quais he o meio
 $10\frac{1}{4}$., que a agulha Norestea.

Pola agulha do piloto que ao diante se
ha de chamar .A. pos-se o sol ao Sudueste
quarta da-Loeste.

Per esta agulha .A. foi ho arco de di-
pois de meio dia igual ao dante meio dia;

loguo julgua direito sem variar cousa alguma.

ALTURA DO RIO DO PAGODE DE BAÇAIM.

Ha .13. dias de Dezembro de .1538. tomei o sol neste rio estando em terra, e na maior altura estava alevantado sobre ho orizonte .47. graos $\frac{1}{6}$. A deçrinação deste dia era .23. graos $\frac{1}{2}$.: do que fica manifesto estar a foz deste rio em .19. graos .20. minutos daltura.

Outra altura deste Rio.

Ha .14. dias de Dezembro de .1538. tornei a tomar o sol estando em terra, e estando na mayor altura se alevantava sobre ho orizonte .47. graos $\frac{1}{6}$. A deçrinação deste dia era .23. graos .29. minutos; donde fica raro estar a foz deste rio em altura de .19. graos .21. minutos.

LARGURA DO NACIMENTO DO SOL.

Este mesmo dia que foi .14. de Dezembro, nacendo o sol, o estilo lançou a sombra .37. graos $\frac{1}{2}$. contando da linha de Oeste pera o Norte, ou .52. graos $\frac{1}{2}$. contando do Norte pera Oeste, que he o mesmo.

E quando o Sol se queria por o estilo lançou a sombra .17. graos contando de Leste pera o Norte, ou .73. graos contando do Norte pera Leste, que he o mesmo.

Veio ha operação deste dia oro e fio com a que tomei ontem que foram .13. de Dezembro.

NOTAÇÃO

DA MUDANÇA DA AGULHA

DO MEU ESTROMENTO

Por quanto em aquellas cousas que jazem sujeitas e debaxo da jurdição das artes mathematicas, a decaração e puntualidade he grandemente neceçario, decraro que dipois de chegar á India e estar em Guoa, se perdeo ha agulhinha deste meo estromento, a qual foi feita pelo grande Joham Gonçalvez, polo que busquei muitas agulhas de relógios e mandei fazer algumas sem nenhuma me satisfazer, até que acaso dei com huma que servia em hum relógio de Alemanha, muito comprida e ligeira que me contentou muito, e loguo pera a por no estromento tive este modo; primeiro que cevasse esta agulhinha pu-la no piam e casa onde avia d'andar, endereitando-a com a linha meridiana da lamina, e notei onde a som-

bra do estilo cortava o circulo , e loguo incontinente a tirei e a cevou o piloto ; dipois d'estar cevada a pus em seu lugar , e endereitando-a como fiz dantes com a linha merediana ou Norte Sul da lamina , a sombra do estilo cortou o circulo no mesmo lugar onde ho avia cortado de primeiro ante de se cevar a agulhinha .

Disto fiquei muito pensativo , porque o relogio donde tirei esta agulha foi feito em Alemanha e lá avia de ser cevada a agulha , com suas pedras de manhete ; ora a pedra com que ao presente a toquou o piloto de novo , hera desta costa da India , e sem embargo das regiões serem tam diferentes a propiadade das pedras parece ser huma mesma.

DESCRIVÇÃO E SOLDA DO RIO DO PAGODE DE BAÇAIM.

Ao Sul de Baçaim obra de tres leguoas está huma boa enseada onde faz grande abriguada do Noroeste e de todos os outros ventos eceito do Sul até o Sudueste , mas o Sudueste já nam faz nojo . Nesta enseada podemos estar surtos em fundo de .4. braças de

baxa-mar na abriguada que diguo; o fundo he muito limpo e vaza; e nas partes mais intrinsequas está a foz do rio do Paguode de Baçaim. Daqui entrando pela terra dentro a ilha de Bombai á mão direita e ha de Salsete á esquerda se acham, e nesta parte sam estas duas ilhas tam semelhantes que parece per huma ser a outra contrafeita: a terra dentrambas he baxa e cuberta de muitas palmeiras e outros diversos arvoredos, onde moram muitas e desvairadas aves. Na boca deste rio está hum banco que de huma parte a outra ho atravessa; este banco soldei da baxa-mar e achei .3. braças . $\frac{1}{2}$. d'agua; no fundo pera a parte do Norte tem muita pedra, mas pera o Sul area. Passando este banco loguo o fundo vai crescendo; saber: .4. braças e .5. Na terra qu'está da banda do Norte do rio, que he a da mam esquerda, se fazem duas enseadas, e em aquella qu'está mais metida pera dentro do rio está hum poço no qual de baxa-mar avia .6. braças. Jaz este poço defronte de hum pequeno e prove outeiro de muitas pedras soltas, onde somente estam alevantadas duas verdes e esterles arvores. Saindo deste poço por fundo de .5. braças se caminha até sermos tanto avante como a boca de hum isteiro que na

praya da outra parte do rio se mete, e deshi pera cima o fundo vai muito demenoindo. O espaço que ha da foz do rio até este isteiro será meia legua; o fundo ás vezes vaza e outras se mostra area. Toda esta terra que corre ao longuo da ribeira da parte do Norte e mam esquerda he chea de muita pedra sem em toda aver hum pedaço de praya. Quanto he a terra do rio que vai á mam direita pola banda do Sul, avemos de saber que até topetar com ho isteiro des a boca do rio corre huma fermosa praya d'area indo hum pouco torcida e em voltas, e per toda ela aparece hum verde e garcioso arvoredos. Casi da estremidade desta praya que toca o isteiro, sai huma restingua d'area muito comprida, e corre ao longuo da praya escontra a entrada do rio, metendo-se pouco espaço por ele dentro. Esta restingua de baxa-mar descobre toda, e de preamar nenhuma cousa, mas arreventa o mar por cima dela. O canal deste rio he muito direito; corre-se Nordeste Sudueste e toma da quarta de Leste Oeste. A largura do rio á lugares averá hum tiro despingarda e noutros hum tiro de bésta. Na praya que vai pola banda do Sul vão bons varadoiros pera galés e navios de remo. Na abra deste rio

averá hum tiro de berço. Chama-se o Rio do Pagode, porque na terra da parte do Norte; saber: de Salsete, está na borda do rio hum paguode pequeno onde os Salsetes idolatram e servem ao demonio.

BAXA QU'ESTA' NESTA ENSEADA.

Nesta enseada está huma baxa pera navios grandes na qual podem correr periguo, vindo-a demandar da parte do Sul. Corre-se a baxa com hum ilheo de pedra pequeno e redondo qu'está peguado com hum ilheo grande muito baxo e raso e ambos jazem acaram da terra qu'está da parte do Norte, Noroeste Sueste e toma hum pouco da quarta de Norte Sul; e com hum dos dous picos qu'está da banda do Sul no alto de huma serra, as quais parecem grandes torres, Leste Oeste e toma da quarta de Noroeste Sueste. Desta baxa á terra da ilha de Bombai averá meia legua pequena, e á de Salsete hum grande tiro de falção. Como descobri esta baxa se verá adiante.

CAMINHO.

Ha .18. de Dezembro se fez o Viso-Rei

á vela do Rio do Paguode de Baçaim, e ha .19. do dito mez sorgimos toda ha armada na barra de Baçaim .

DERROTA DA COSTA .

Do Rio do Paguode a Baçaim ha .3. leguoas e de Guoa .69. Corre-se este pedaço de costa Norte Sul. Nestas prayas somente corre hum pequeno rio que se chama o Rio das Cabras, donde de prea-mar entram fustas e catures .

LARGURA DO NACIMENTO DO SOL NA

BARRA DE BAÇAIM .

Ha .20. de Dezembro de .1538. nascendo o Sol, o estilo lançou a sombra .37. graos $\frac{1}{2}$. contando de Oeste pera o Norte, ou .52. graos $\frac{1}{2}$. começando a contar do Norte pera Oeste, que he o mesmo; e quando o Sol estava pera se por, o estilo lançou a sombra .14. graos $\frac{1}{2}$. de Leste pera o Norte, ou .75. graos $\frac{1}{2}$. contando do Norte pera Leste .

Mas pela agulha do piloto chamada .A. pos-se o sol a Oessudueste e parece-me que tomava alguma cousa pera Oeste .

NOTAÇÃO

Sobre o meio dia dos relogios e agulhas.

Este mesmo dia que foi .20. de Dezembro quando per hum relogio Frandisquo era meio dia , a sombra do estilo cortava o circulo .3. graos $\frac{1}{2}$. da linha Norte Sul pera a parte de Oeste; e quando a sombra do estilo cahio em cima da linha de Norte Sul , pelo relogio passava ja de meio dia ; e a este tempo borneando pela agulha .A. o lugar do sol , demorava-me ao Sul quarta do Sueste tomando alguma cousa pera o Sul; e logo ouservando o lugar do sol per outra agulha do piloto que ao diante chamarei .B. , demorava-me directamente ao Sul; e quando aconteceu que pola agulha .A. veio o Sol estar ao Sul, pola agulha .B. estava quasi ao Sul quarta do Sudueste , e a este tempo a sombra do estilo passava muito da linha de Norte Sul pera a parte de Leste.

Currelario .

Destas cousas se segue que as agulhas são diferentes entre si , variando humas mais que outras , e assi mesmo que os relogios descrepam do sentido das agulhas; de modo que cada

estromento tira pera sua parte. Se isto nace da pouca pontoalidade de nossos estromentos, se doutra causa que a natureza tenha ençarrada em sua ofecina, *solvat Apolo*.

Ha .21. de Dezembro conjunção, oras .2.

LARGURA DO NACIMENTO DO SOL
NA BARRA DE BAÇAIM.

Ha .21. de Dezembro de .1538. nacendo o Sol, o estilo lançou a sombra .37. graos $\frac{1}{2}$. contando da linha de Oeste pera o Norte, ou .52. graos $\frac{1}{2}$. do Norte pera Oeste, que he o mesmo.

E pola agulha .A. naceo o Sol a Lessueste e toma hum pouco pera a banda de Leste.

.2. Consideração ante de meio dia.

Altura do Sol.....	22. graos	$\frac{1}{2}$;
De sombra.....	41. —	$\frac{1}{2}$.

.3. Consideração ante de meio dia.

Altura do Sol.....	30. graos;
De sombra.....	34. — $\frac{1}{2}$.

.4. *Consideração ante do meio dia.*

Altura do Sol.....40. graos $\frac{1}{2}$;
De sombra18. — $\frac{1}{2}$.

E nota que estes graos da sombra do estilo, nas considerações ante meio dia começaremos a contar do Norte pera Oeste pela gradação do circulo acima.

.1. *Consideração dipois de meio dia.*

Altura do Sol.....40. graos $\frac{1}{2}$;
De sombra43. — $\frac{1}{2}$.

Foi loguo nesta operação ho arco de dipois de meio dia mayor que ho dante meio dia .25. graos; he o meio deles $12\frac{1}{2}$, que he a cantidade que neste lugar a agulha Norestea.

.2. *Consideração dipois de meio dia.*

Altura do Sol.....30. graos;
De sombra59. — $\frac{1}{2}$.

Foi loguo nesta operação ho arco de dipois de meio dia mayor que ho dante meio dia .25. graos, dos quais a metade he $12\frac{1}{2}$, que he o que neste lugar a agulha Norestea.

.3. *Consideração dipois de meio dia.*

Altura do Sol.....22. graos $\frac{1}{2}$;
De sombra.....66. — $\frac{1}{2}$.

Foi loguo nesta operação ho arco de dipois do meio dia mayor que ho dante meio dia .25. graos, de que he o meio .12. $\frac{1}{2}$. que he o que a agulha Norestea.

.4. *Consideração dipois de meio dia.*

Estando o Sol pera se por.....

O estilo lançou a sombra.....75. graos $\frac{1}{2}$.

Foi loguo nesta ultima operação ho arco de dipois de meio dia mayor que o dante meio dia .24. graos, de que he o meio .12. que nesta consideração a agulha Norestea.

E nota que estes graos da sombra do estilo, nas considerações dipois do meio dia, começaremos a contar do Norte pera Leste pola graduação do circolo acima.

E pola agulha .A. pos-se o sol a Loessueste e tomava hum pouco pera a banda de Oeste.

Loguo per esta agulha .A. foi ho arco dante meio dia igual ao de dipois de meio dia; por onde fica manifesto que nam varia cousa alguma.

LARGURA DO NACIMENTO DO SOL
NA BARRA DE BAÇAIM.

Ha .22. de Dezembro de .1538. nacendo o sol, o estilo lançou a sombra .52. graos $.\frac{1}{2}$. contendo do Norte pera Oeste.

E pola agulha .A. naceo o Sol a Lessueste e tomava hum pouco pera a banda de Leste. Querendo-se por o Sol.....

O estilo lançou a sombra.....76. graos $.\frac{1}{2}$. contando do Norte pera Leste.

Foi loguo nesta operação ho arco de dipois de meio dia mayor que ho dante meio dia .24. graos; o meio deles he .12. que neste lugar a agulha Norestea.

E pola agulha .A. pos-se o Sol a Loes-sudueste e tomava hum pouco pera a banda de Oeste.

Foi loguo per esta agulha ho arco dante meio dia igual ao de dipois de meio dia; do que fica manifesto que nam varia cousa alguma.

LARGURA DO NACIMENTO DO SOL
NA BARRA DE BAÇAIM.

Ha .23. de Dezembro nacendo o Sol...
O estilo lançou a sombra53. graos
contando do Norte pera Oeste.

E pola agulha .A. naceo o Sol a Les-
sueste .

Estando o Sol pera se por.....

O estilo lançou a sombra.....76. graos $\frac{1}{2}$.
contando do Norte pera Leste .

Foi loguo nesta operação ho arco de di-
pois de meio dia mayor que ho dante meio dia
casi .24. graos ; o meio deles he .12. escassos ,
que per esta consideração a agulha Norestea .

E pola agulha .A. pos-se o Sol a Loessu-
dueste .

Loguo per esta agulha foi ho arco dan-
te meio dia igual ao de dipois de meio dia ;
donde fica manifesto que nam varia cousa al-
guma .

E trazendo este dia ao por do Sol a ou-
tra agulha do piloto chamada .B. , pos-se por ela
a Loeste quarta do Sudueste ; loguo esta a-
gulha varia huma quarta dos verdadeiros po-
los do mundo pera a banda do Noroeste .

NOTAÇÃO .

Nestas operações que tenho ouservado de
.13. de Dezembro até oje , que sam .23. do di-
to mez , acho duas cousas muito pera notar .
A primeira he que estando no Rio do Paguode

de Baçaim achei por .4. operações , que fiz em hum dia , que a agulha do meu estromento Nor-esteava .10. graos $.\frac{1}{4}.$, sendo estas operações feitas com grande cuidado , e a todas esteve presente o Doutor Lois Nunes , jazendo a galé tam queda que a sombra do estilo nam fazia mudança pera nenhuma parte. Ora achando-me ao presente nesta barra de Baçaim onde tenho tomado tantas consideraçõis , em todas compendi Norestear a mesma agulha .12. graos $.\frac{1}{2}.$, e por quanto ao primeiro dia esta deferença me espantou muito , nam a quiz aprovar até fazer sobre isto muitos isames , os quais foram que .3. dias arrêo fiz muitas consideraçõis e em todas achei ho arco de dipois de meio dia maior que o dante meio dia .25. graos ; a metade deles são $.12.\frac{1}{2}.$, que he o que nesta barra a agulha Norestea .

Certamente que he cousa muito forte em tam pequena distancia de caminho , e uhum mesmo merediano fazer a agulha tamanha mudança ; e se por ventura me argoirem que eu e ho Doutor julgamos mal a deferença dos arcos quando juntamente fizemos as operações no Rio do Paguode , respondo que inda isto averia por mais , errarmos em .4. operações e

estes erros virem tam justos, que em todos achamos ho arco da tarde mayor que ho da manhã .20. graos $\frac{1}{2}$. A isto nam sei assinar outra causa salvo que como quer que fiz estas consideraçõis muito pegado com a terra onde tinha por vezinho hum rochedo e penedia, ja pode ser estes penedos serem da especie e natureza do manhete, ou a materia e composiçãõ deles ser ferrenha, e per esta causa atraerem pera si o ferro da agulha desviando ho do seu natural lugar.

Quanto he á segunda causa, diguo que ha .13. de Dezembro per este meu estromento e agulha, teve o Sol .37. graos $\frac{1}{2}$. de largura de nacimiento, que quer dizer que nacendo o Sol, o estilo lançou a sombra .37. graos $\frac{1}{2}$, da linha da-Loeste pera o Norte, do que se segue que naceo outros .37. graos $\frac{1}{2}$. da linha de Leste pera o Sul, o que aconteceu no dia da maxima deçrinação que foi ha .13. de Dezembro. Mas pola agulha .A. naceo o Sol este mesmo dia ao Sueste quarta de Leste; ora como quer que o Sol deste dia em diante cada vez se ouvesse de chegar mais pera Leste ao tempo do seu nacimiento, era neceçario que a sombra do estilo daqui por diante cortasse o

circulo mais pera a banda de Oeste e o numero dos graos da largura do nacimiento do Sol demenoisse, o que até o dia doje, que são .23. dias de Dezembro, nam aconteceo, oulhando todolos dias o nacimiento do Sol com este estromento, estando comiguo o Doutor e piloto pera companheiros e testemunhas desta observação, dando muitos resguardos, mudando o estromento em diversas partes, e com tudo sempre achamos a sombra constantissima dando no circulo .37. graos $\frac{1}{2}$. de Oeste pera o Norte no tempo que o Sol nacia, e isto de .13. de Dezembro até oje que sam .23.; o que na agulha .A. se fez pelo contrairo, porque do dia da maxima decrinação se foi o Sol cada dia chegando pera Leste na ora de seu nacimiento, de tal maneira que nacendo na maxima decrinação ao Sueste quarta de Leste, oje que são .23. de Dezembro, naceo a meia partida de Lessueste; loguo em .10. dias se chegou o Sol toda huma quarta mais pera Leste, em o seu nacimiento, per esta agulha: e polo meu estromento nam fez alguma mudança, mas sempre a sombra do estilo tocou o circulo em hum mesmo lugar, e porem ao tempo do poimento do Sol ouve alguma deferença na sombra como se vê pelas operações que fiquam atras.

LARGURA DO NACIMENTO DO SOL
NA BARRA DE BAÇAIM.

Ha .24. de Dezembro de .1538. naceo o Sol .37. graos escassos de Leste pera o Sul; o estilo lançou a sombra outros .37. graos de Oeste pera o Norte.

E pola agulha .A. naceo o Sol directamente a Lessueste.

E loguo pola agulha .B. naceo o Sol ao Sueste quarta de Leste.

E trazendo outra agulha do piloto a qual se chame .C. naceo por ela o Sol entre o Sueste e a quarta de Leste sua vezinha, tomando alguma cousa mais do rumo que da quarta.

Estando o Sol pera se por o estilo lançou a sombra .13. graos largos, contando de Leste pera o Norte.

E pola agulha .A. se pos o Sol a Oessueste.

Mas pola agulha .B. se pos o Sol justo a Loeste quarta do Sudueste.

E loguo pola agulha .C. se pos o Sol entre Oeste e a quarta do Sudueste sua propinqua, mais cheguado alguma cousa ao rumo que á quarta. Do que se segue que Norestea casi quarta e meia.

NOTAÇÃO.

Vendo tamanhas diversidades nestas .3. agulhas imaginei qu'estas diferenças podiam nacer dos ferros das agulhas estarem desviados do Norte e frol de lis, como muitas vezes se costuma a fazer pera se emmendar a variação que fazem; polo que abri todas tres e lhes vi muito bem os ferros os quais estavam direitos e muito justos com o Norte e frol de lis das agulhas. Fora desta duvida entrei noutra, e foi parecer me que estas agulhas seriam cevadas com desvairadas pedras e por tanto cada hum tiraria pera a parte onde a vertude e propriidade da pedra ha enderençasse, mas inquerindo deste caso o piloto, jurou-me que todas tres eram tocadas com huma soo pedra, e logo em minha presença as cevou todas tres, as quais tornaram a julgar como dan-tes, o que me deu a entender qu'a variação que fazem as agulhas he causada da materia do ferro, e nam da natureza do manhete, e que segundo o ferro for mais ou menos aceiro, assi fará incrinar a frol de lis da agulha pera aquele lugar onde tem sua natural incrinação.

LARGURA DO NACIMENTO DO SOL
NA BARRA DE BAÇAIM.

Ha .25. de Dezembro de .1539. nascendo o Sol o estilo lançou a sombra .37. graos escassos de Oeste pera o Norte, ou .53. começando a contar do Norte pera Oeste; logo nasceu o Sol outros .53. graos, contando do Norte pera Leste ou .37. de Leste pera o Norte que he o mesmo.

E pola agulha .A. nasceu o Sol directamente a Lessueste.

Mas pola agulha .B. nasceu o Sol ao Sueste quarta de Leste.

Estando o Sol pera se por, o estilo lançou a sombra .13. graos largos de Leste pera o Norte; logo pos-se o Sol outros .13. graos. Ora pola agulha .A. pos-se o Sol justamente a meia partida do Oessudeste.

Foi logo per esta agulha ho arco diante meio dia igual ao de dipois de meio dia; do que se segue que fere directamente nos polos do mundo.

Mas pola agulha .B. se pos o Sol a Loeste quarta de Sueste sem desviar daqui pera nenhuma parte.

Foi per esta agulha ho arco de dipois

de meio dia mayor que o dante meio dia duas quartas ; o meio delas he huma , ha qual per esta operação a agulha Norestea .

DECLARAÇÃO

*Da maneira que tinha no bornear
per estas agulhas .*

Porque se nam tenham em pouco as operações que ouservo per estas agulhas comuns por caso de serem encomendadas á estimativa do bornear, o que na verdade tras muitos enganos e apparencias falsas , declaro que nisto tive todos os meios que pude e eram neceçarios pera alcansar e saber a verdade do que busquava . Primeiramente tanto que o sol apontava no horizonte oulhava com grande deligencia , tendo o piloto comigo, que rumo da agulha feria nele , e logo marquavamos ambos a terra por onde o Sol sobia , na qual ou abalivamos huma arvore , ou mouta , ou penedo , ou qualquer outra marca per detras da qual nos nacia o Sol ; e a tal marca e balisa quotejavamos com ho nascimento do Sol e achando alguma deferença sempre nos tinhamos á parte da marca ; tendo este modo e outros que escuso de dizer fazia estas operações materialmente .

LARGURA DO NACIMENTO DO SOL
NA BARRA DE BAÇAIM.

Ha .26. de Dezembro de .1539. naceo o Sol .36. graos $\frac{1}{2}$. de Leste pera o Sul; o estilo lançou a sombra outros .36. graos $\frac{1}{2}$. de Oeste pera o Norte.

E pola agulha .A. naceo o Sol directamente a Lessueste.

Mas pola agulha .B. naceo o Sol ao Sueste quarta de Leste.

E loguo pola agulha .C. naceo o Sol entre o Sueste e a quarta de Leste sua vezinha, e julguei que alguma cousa, posto que pouca, se chegava mais á quarta.

Estando o Sol pera se por o estilo lançou a sombra .13. graos contando de Leste pera o Norte; loguo pos-se o Sol .13. graos de Oeste pera o Sul.

E pola agulha .A. pos-se o Sol justo a meia partida de Oessudueste.

Mas pola agulha .B. se pos o Sol a Loeste quarta do Sudueste puntualmente.

E loguo pola agulha .C. se pos o Sol entre Oeste e quarta do Sudueste sua propinqua.

DESCRIVÇÃO DA TERRA E RIO DE BAÇAIM.

O lugar de Baçaim está em .19. graos $\frac{1}{2}$. pera a parte do Norte: a conbecença da terra he esta. Obra de quatro legoas do lugar se alevanta hum serra muito alta e comprida á maneira e feição de mesa, e loguo hum pouco pera o Sul dela apparece hum morro grosso e agudo, mas da ponta desta mesa oposta ao Norte dece a serra apique e faz hum testadonde começam a hir porsequindo muitos outeirinhos. Ora de dentro da barra na terra que vai da banda do Sul do rio sai hum pontagrossa de muito mato e no alto e cumeada dela estam algumas arvores pequenas: a barra e entrada do rio he desta maneira.

Meia legua de Baçaim pera o Norte está hum ilha pequena, da qual, da parte qu'está virada escontra o Norte, sai huma restingua de pedra muito comprida que corre na volta da mesma estrela; e loguo da outra parte desta ilha que se opoem ao meio dia, menos de hum tiro de bésta da terra dela, começa hum banco d'area que a boca do rio de hum parte a outra atravessa; de modo que entre a ponta deste banco e a ilha, fica hum estreito

canal por onde quem tiver pratica dele pode bem entrar no rio, levando a ilha á mão esquerda e os baxos á direita; porem cumpre que nos peguemos tanto com a terra da ilha que casi possamos do navio lançar nela huma pedra .

E da outra parte do rio onde jaz a ponta grossa, pera o mar e de fora da barra estam quatro ilheos; de hum deles sai huma restingua de pedra comprida que leva o caminho de Oessudueste, e do banco e baxos pera dentro do rio muito chegado á terra da banda do Sul e á ponta grossa, jaz huma grande mata de pedras pretas, as quais de baxa-mar se mostram e de prea-mar desaparecem. Ao longuo desta mata de pedras he o canal mais alto e frequentado, por onde o lugar e rio se serve. Este canal soldei per minha mam na baxa-mar de pola menham, e achei no banco braça e meia dagua. Antes que nos despida-mos dos baxos, hindo pelo canal, a huma ilhargua jaz huma coroa de pedras em fundo de huma braça, e estando sobr'ela nos demorará a ilha ao Norte quarta de Nordeste, e hum dos quatro ilheos ao Sul quarta do Sudueste. Passado este banco crece o fundo muito, e lo-

guo achamos .3. e dipois .4. e mais adiante .5. braças, e em alguns lugares .6.; e isto vai assi até chegarmos junto da ponta grossa que dixé estar na terra da banda do Sul do rio .

Desta ponta grossa sai pola soperficia da agooa hum comprido e larguo focinho de grandes lageas que entra muito per dentro do rio, e do lugar onde se acaba menos de hum tiro de bésta começa huma restingua d'area que corre até dar na terra da outra parte do rio qu'está da parte do Norte, e somente fica entre a ponta deste focinho e a ponta da restingua hum boqueiram assaz estreito e temeroso, de modo que forçadamente convem passar per este gorgomilo sem em todo rio haver outro remedio . Esta restingua d'area de baxamar descobre, e na preamar fica toda debaxo dagua e por cima arrebenta o mar muito. Ó cousa certamente mais que espantosa, e em que a natureza nesta parte parece ser vencida dos homemis, que nam pode tanto esconder este lugar de Baçaim pondo-lhe tantas guardas per todas as partes, rodeando ho com tamanhos intervalos e periguos, armando em tantos lugares crueis ciladas, que a nossa insasiabile cobiça nam rompesse todos estes ençar-

ramentos e anichelasse tantas e tam terribéis defecultades; de sorte que o dia doje, o que ha tantos annos que nos punha tamanhos medos, e que nam já ousar de cometer a entrar neste rio, mas a se praticar nam era licito, aguo-
ra nenhuma outra cousa he mais facil e tida em menos!

BALUARTE.

No focinho das lageas que sai da ponta grossa e entra pelo rio, de que acima faço menção, se pode fazer hum baluarte que defenda ha entrada deste rio, porque o mais que dele se pode arredar, será dous tiros de pedra; verdade he qu'este baluarte estará muito sogetti á ponta grossa que he terra alta, e está muito sobranceira a este focinho de lageas.

Este Rio de Baçaim he desabrigado do vento Noroeste até Oeste. Ha aguoá corre nele muito, e he este rio e lugar tam semelhante a Chaul que muitas vezes enganam os pilotos, cuidando per hum que he ho outro, e isto acontece vindo da parte do Norte. Na praya do lugar vaom muitas e boas varações pera galés e todo navio de remo, e segundo tenho considerado per hum isteiro que se me-

te per detras do lugar se podem levar naos e galeões e pôrem-nos em fossas pera envernarem : o que he grandissimo proveito dos navios , por quanto a meu entendimento he cousa muito averiguada que as varações que cada anno se fazem a todo navio he a causa por onde duram tam pouco e sam todos alquebrados. O lugar de Baçaim foi grande e muito frequetado de gentes e nações de diversos jeneros. A terra he cham e grandemente fertil e viçosa. No inverno a mayor parte está alaguada sem se poder caminhar por ela. Per toda parte aparecem grandes arvoredos entre os quais estam grandissimos tanques como grandes lagoas ; obra certamente notavel e sumtuosa , tanto per sua grandura como pelos edeficios, labores que neles ha ; mas sobre tudo he huma pedreira de obelisquos qu'está oposta ao lugar de Baçaim, da outra banda do rio, onde a natureza parece sobreprefia mostrar sua sufficiencia e poder. Estes obelisquos sam infenitos em numero e estam postos com tal ordem e concerto que parecem naturalmente huns orgãos. A mostra e feição deles he de tres maneiras ; saber : huns sam de quatro faces , outros de cinco , outros outavados, e cada huma destas sortes he tam polida e perfeita que

parece serem lavrados por mãos de Fidia e outros incelentes macaniquos. Todos estes obelisquos estão em pé e muito direitos, huns com os outros apeguados, porém cada hum he por si inteiro sem nacer e proceder do outro. A grossura communmente de cada hum he nove palmos, mas o comprimento nam pude saber; porque como quer que a occasiam que leva os homemis onde eles estão, nam seja de contemprar tamanha obra da natureza, mas quebrarem pedra deles pera fazer casas, nam se ocupou atéguora nenhum em fazer tal experiencia: o que deles parece em cima da terra he comprimento de .13. covados até .16.; mas per muitas congeituras e sinais se pode bem tirar cheguarem per baxo da terra até o andar do mar; o que sendo assi o menor obeliquo destes terá .60. covados de comprido. Ó vergonha e grande cobiça dos homemis, que por aver estas desaventuras dos metais, cavam tanto a terra que lhe tiram fora as tripas, derribam grandes outeiros, abaxam asporas e altissimas serras no andar e olivel dos campos, e não contentes de estragarem tanto a terra rompem e furam pelo mar por averem huma perla com grandes danos e perigos de suas vidas, e pera esculdrinhar huma obra tam ma-

ravilhosa da natureza são tam tímidos e preguiçosos ! Ora ja que nam somos pera saber o comprimento destes obeliscos porque os quebramos ? Nam nos abasta sermos pouco coriosos dos portentos da natureza que inda lhe apaguamos suas obras ? Seja assi ; nam nos ponhamos a nenhum trabalho por ver e contemplar estas e outras maravilhas , porem nam lhe sejamos contrarios ; ja que nam queremos pregoar tantos e tal altos misterios como nos mostra em todo lugar , nam nos encubramos e dessemulemos !

PARCE couza rezoada que digamos do grande reino de Cambaya alguma couza emté que levemos a mão de Baçaim, pois assi está prometido no principio deste Roteiro de se fazer, como quer que ja entramos per dentro de suas terras .

DO REINO DE CAMBAYA.

Da foz do Rio Indo até a Bahia de Bombai sam as prayas do imperio de Cambaya . Este grande reino da parte do Oriente confina com a provincia do Mandou , e do Ocidente tem ho Rio Indo que o divide da Gedrosia , chamada o dia doje Terra dos Nautiques ; do meio dia s'aparta do reino do Daquem na Bahia de Bombai per hum rio pouco nobre que se chama Bati , e da banda do Setentriam parte pelo reino do Chitor . A longura destas prayas comprehendem .172. legoas , nas quais ha muitas cidades e lugares illustres , com grandes e notaveis rios . Verdade he que o dia doje humma gram parte está alevantada e fora da obediencia do reino de Cambaya , na qual parte se contem todas aquelas prayas que correm da ponta de Dio até a foz mais oriental do Rio Indo ; hos quais espaços comprehendem .62. legoas de longura , onde mora humma gente chamada Resbutros . Esta gente he branca e muito guerreira ; a mayor parte vive de latrocínio e de saltos ; sam grandes frecheiros e muito soltos a cavallo . A terra deles he esterle e montanhosa ; adoram os idolos e tem grande avorrecimento á seita Mafometica . Estes dipois da

morte de Soltam Bador emperador de Cambaya, que morreo ás mãos dos Portugueses, se alevantaram e fizeram isentos, e aguiora molestam terrivelmente aos Cambaeses fazendo muitas entradas e saltos pela terra dentro.

Ora tornando ás cousas que cumpre escrever de Cambaya, avemos de saber que toda esta terra he abitada de huma gente que se chama Guzarates, os quais são tam fracos e pera pouco que parece fazerem grande injuria á geração humana. Entre eles ha huus certos homemis como filosofos e relegiosos que se chamam Bramenes, os quaes crem na Santissima Trindade, Padre, Filho, Espirito Santo, e em outras muitas cousas de nossa sacratissima lei. Estes nam comem carne, nem pecado, mas com hervas e legumes passam o tempo do curso da sua vida. Vivem em lugares solitarios entre vales e arvoredos, buscando sempre vezinhança dagnoas e fontes, avorrecendo a conversação de cidades e lugares nobres. E que fôra se nas suas povoações ouvera tanto jenero de lobos, como sam vereadores, joizes, almotacés, alcaides, corregedores, e tanta invenção de varas e officios, como ha nas nossas cidades, onde sem nenhuma duvida may-

or he o numero dos regentes que dos regidos, os quaes emmascarados roem e terenizam o grosseiro povo, mostrando-se mui derreados do grande peso que sofrem, sustentando o proveito e conservação da repubrica! E que cousa pode aver no mundo mais ánojadiça e peira avorrecer qu'esta? E posto que per toda a India vivam esta maneira d'homemis chamada Bramenes, a estes de Cambaya he dado o preço e autoridade sobre todos, e somente lhes he atreboido por inselencia o nome de Bramenes. Ha outra sorte d'homemis inda mais religiosos que se chama Baneanes, os quaes seguem a openiam e doutrina Pitagorica. Estes nam comem cousa que tenha sangue, nem matam nenhuma cousa viva; antes se a querem matar em sua prezensa, a rimem e resgatam per muito preço; e por que em hum tratado que tenho começado da Comosgrafia das terras que jazem entre ho Eufrates e o Gange, trato larguamente dos costumes e modos de vida desta gente, baste por aguora o que deles tenho dito. A mayor parte do reino de Cambaya he terra muito cham, de poucas ribeiras, mas abundante e fertil de mantimentos. A cidade metropoli e cabeça do reino se chama Madaba, onde he o assento e morada

dos Reis. Trazem os Indios por rifam dizem que Cambaya he a vestidura que cobre o mundo , porque na verdade dahi sai toda a roupa que veste todo ho Oriente e huma gram parte dos povos Ocidentais. Os Reis de Cambaya sam mouros e a mayor parte dos senhores , mas o povo todo gentio.

CAMINHO.

Ha .27. de Dezembro de .1539. partimos de Baçaim. O vento era terreno como Nordeste. Dipois de meio dia ventou a viração hum pouco largua. Sol posto, sorgimos hum pouco avante da Ilha das Vacas.

DESCRIVÇÃO DA ILHA DAS VACAS.

Duas leguoas de Baçaim pera o Norte está huma ilha a que chamam Ilha das Vacas. A terra dela he muito baxa, e no meio faz huma mata darvores muito espeça, e pelas outras partes da ilha aparecem palmeiras e outra sorte darvoredos. A longura desta ilha será

mais de meia legua, e da ponta qu'está oposta ao Norte sai huma restingua de pedra comprida, na qual arrebenta muito o mar. O espaço que pode aver da ilha á terra firme será hum tiro de bombardas grande.

DERROTA DA COSTA.

Corre-se a ponta da Ilha de Bombai ou Boa-Vida, na qual está hum pagode, e dista do ilheo de Chaul .5. legoas pera o Norte, com huma ponta qu'está duas legoas da Ilha das Vacas outro si pera o Norte, Norte Sul. Ha na rota .9. legoas; e logo desta ponta por diante se começa a virar a costa pera o Nordeste.

RIO DE AGAÇIM.

Tanto avante como a Ilha das Vacas está hum rio a que chamam Agaçim. Dentro dele nam podem entrar outros navios que fustas e catures. He este rio muito estreito e tem a terra de cada parte alta. A entrada dele vai em muitas voltas.

SUMARIO DA COSTA

Que jaz da barra de Guoa até huma ponta qu'está avante da Ilha das Vacas obra de duas leguoas pera o Norte.

§. Corre-se a ponta de Bardes com a ponta da terra firme qu'está tanto avante como os Ilheos Queimados, Noroeste Sueste quarta de Norte Sul. Ha na rota .8. leguoas. He a costa muito limpa e por toda se estende huma fermosa praya onde podemos sorgir sem achar contrariadade alguma.

§. Corre-se esta mesma ponta de Bardes com ho ilheo mais do mar dos Ilheos Queimados, Noroeste Sueste, e toma alguma cousa muito pouca da quarta de Norte Sul.

§. Corre-se a ponta da terra firme qu'está tanto avante como os Ilheos Queimados, com huma ponta qu'está duas leguoas de Carapatam pera o Sul, Nornoroeste Susueste, e toma alguma cousa da quarta de Noroeste Sueste sua vezinha. Ha na rota .10. leguoas.

§. Corre-se o ilheo dos Ilheos Queimados que jaz mais ao mar, com esta ponta de Carapatam, Norte Sul quarta de Noroeste Sueste, e toma hum pouco pera a meia partida de Nornoroeste Susueste. Pode aver na rota .11. leguoas.

§. Corre-se a ponta de Carapatam com a ponta de Damda qu'está huma legua da boca do rio pera o Sul, Norte Sul quarta de Noroeste Sueste. Ha na rota .30. leguoas.

§. Corre-se esta ponta de Damda com o ilheo de Chaul, Norte Sul. Ha na rota .7. leguoas.

§. Corre-se este ilheo de Chaul com huma ponta qu'está na Ilha de Bombai ou Boa-Vida, onde está hum paguode, Norte Sul, e toma hum pouco da quarta de Nordeste Sueste. Ha na rota .5. leguoas.

§. Corre-se esta ponta da Ilha de Bombai com huma ponta qu'está avante da Ilha das Vacas obra de duas leguoas pera o Norte, Norte Sul. Ha na rota .9. leguoas.

BAXAS.

§. Nas prayas conteudas des a cidade de Guoa até a ponta qu'está duas leguoas avante da Ilha das Vacas pera o Norte, ha .73. leguoas. Dentro destes espaços jazem algumas restingas e baxas inda que poucas. Primeiramente começando de Guoa avemos de saber, que a costa vai toda muito limpa até obra de meia legua da boca de Damda pera o Sueste, e aqui jaz a primeira baxa. Corre-se esta baxa com hum mamilo que tem hum arvore em cima, o qual he a conheceuça de Damda, Noroeste Sueste quarta de Leste Oeste. Dista da mais perta terra hum grande quarto de legua. Ha de Guoa até esta baxa .52. leguoas $\frac{1}{2}$.

§. A segunda baxa jaz entre Chaul e o Ilheo. Esta he mais perjudicial, e danosa. Dista da terra casi hum meia legua. Corre-se com hum pico baxo qu'está no meio de hum monte muito alto e comprido, o qual em suas estremidades alevanta dous cabeços, Nordeste Sueste quarta de Norte Sul. Ha de Guoa a esta baxa .58. leguoas, e de Chaul até tanto avante como ho Ilheo he caminho de duas

leguoas. Toda a ribeira he muito çuja de ilheos, restinguas; pedras; polo que cumpre arredarmo-nos hum legua da costa pera lirmos bem navegados.

§. A terceira baxa será a restingua que lança a Ilha de Boa-Vida da parte que jaz opposta ao Sul. Esta restingua he muito comprida. Entra ao mar casi meia legua; portanto cumpre dar-lhe grande resguardo. Ha de Guoa a esta restingua .60. leguoas $\frac{1}{2}$.

§. A quarta baxa jaz na entrada da enseada do Rio do Pagode de Baçaim vindo da banda do Sul. Corre-se com hum dos dous picos qu'estam no alto de hum serra fazendo mostra de grandes torres, e destes dous com aquele qu'está a comparação do outro, da parte do Sul, Leste Oeste e toma da quarta de Noroeste Sueste. Desta baxa á terra da Ilha de Bombai ou de Boa-Vida que he o mesmo, averá meia legua pequena. Ha de Guoa a esta baxa .65. leguoas $\frac{1}{2}$.

§. Da ponta que tenho dito estar duas leguoas da Ilha das Vacas pera o Norte, tanto que passamos adiante vai a costa muito çuja

e chea de grandes restinguas, as quais entram grande espaço per dentro do mar; das quais nam escrevo porque meu intento he somente tratar do que vi e nam das cousas que me sam ditas, nas quais nenhum credito tenho.

RIOS, ENSEADAS, BAHIAS.

§. Nas prayas que jazem ençarradas entre a cidade de Guoa e esta ponta qu'está avante da ilha das Vacas ha .73. leguoas. Nestes espaços correm infenitos rios; os mais nobres são .22., e destes nos .18. podem entrar galés, mas nos .4. somente navios pequenos. Entre eles ha tres nos quais podem entrar naos do Reino; saber: Carapatam, Dabul, Damda, e se quijermos contar o Rio de Guoa a velha, faremos que sejam quatro.

§. Contem-se mais na longura desta fermosissima ribeira quatro insinias enseadas, e quatro bahias muito nobres. Das bahias a primeira he a de Guoa a velha, segunda a de Tambona, terceira a de Ceitapor, quarta a de Bombai. Quanto ás enseadas seja a primeira a dos Bramenes; esta jaz entre o Rio do Betile e Zangizara; a segunda a dos Malavares,

onde corre o grande Rio de Zamgizara ; e loguo a terceira será a de Cifardam ; mas a quarta e mayor de todas he a enseada de Pero Soares .

DE TRES MONTES QUE DE LONJE
PARECEM ILHAS .

§. O monte da Enseada dos Malavares qu'está na terra da parte do Norte , navegando ao longuo da costa quando quer que vimos da banda do Sul, tanto que o vemos parece naturalmente ilha .

§. Os tres montes redondos qu'estam na boca do Rio de Beijóim vindo da parte do Norte, estando tanto avante como Cifardam, todos tres parecem hum soo, e entam faz huma mostra e feição muito propia de ilha .

§. O monte de Chaul qu'está sobre a barra e entrada do rio quando vimos do Sul, ou de mar em fora que nam sejamos avante dele pera o Norte, parece sem nenhuma duvida que seja ilha, nem se poderá deixar de crer até se ver polo olho .

ILHEOS QUE JAZEM PER ESTA COSTA .

§. De Guoa até a ponta qu'está duas leguoas avante da Ilha das Vacas , os primeiros ilheos que jazem ao longuo da costa sam os Ilheos Queimados . Estes sam muitos e entram ao mar espaço de duas leguoas . Tem de comprido tres leguoas indo sempre huma corda deles .

§. Obra de .4. leguoas $\frac{1}{2}$. de Dabul pera o Norte jazem tres ilheos muito peguado com a terra , de maneira que se nam deferenciam da costa salvo estando perto deles . Destes tres o que está mais ao mar he mayor , e da banda da terra tem huma praya onde faz boa desembarquação .

§. De fronte da ponta donde começa ha Enseada de Pero Soares está hum ilheo pequeno , e he muito proximo da ponta . Este ilheo vindo ao longuo da ribeira da parte do Sul está muito fermoso , mas tanto que somos tanto avante como ele desaparece .

§. De Chaul até duas legoas pera o Norte jazem muitos ilheos , dos quais o qu'está

mais ao mar he o mayor e mais nobre; e este somente se chama o Ilheo de Chaul. Os outros sam muito baxos e vesinhos da costa, de sorte que nam se podem ver dos caminhantes nem contemprar seos sitios.

§. Na enseada onde está o Rio do Pauguode de Baçaim, acaram da terra da banda do Norte jazem dous ilheos. O mayor he muito raso e posto casi no andar do mar, mas o menor se alevanta mais e ambos sam muito vezinhos.

§. Em Baçaim de fora da barra, tanto avante como a ponta grossa, jazem .4. ilheos, e obra de meia legua do rio pera o Norte huma ilha pequena, poronde he huma das entradas do Rio.

§. Duas leguas de Baçaim pera o Norte está huma ilha que se chama a Ilha das Vacas. Dista de terra hum tiro de bombarda. Per toda ela aparecem grandes arvoredos. Será de comprido grande meia legua, A terra dela he baxa.

CAMINHO .

Ha .28. de Dezembro de .1539. nos fizemos á vela . O vento era terreno como Nordeste . Dipois de meio dia acodio a viração . Sol posto , sorgimos obra de tres leguoas da Ilha das Vacas pera os picos de Danu .

NOTAÇÃO DO CEVAR DA AGULHA .C.

Este dia nam podendo ho piloto sofrer que a agulha .C. Noresteasse tam diferentemente das outras , detreminou de pôr toda sua industria pera a forçar a julgar e pôr na openiam de suas companheiras : polo que a desguarneceo , e alimpou os ferros , cevando-a loguo novamente com huma pedra com a qual as outras eram tocadas , afirmando muito que com esta emmenda avia de mostrar o caminho das outras , ao menos como ho amostrava ha agulha .B. Acabada per esta maneira sua obra ouservamos o poimento do Sol . Primeiramente pola agulha .A. , pos-se justamente a Oeste-sueste , mas pola agulha .B. se pos a Oeste quarta do Sueste , e loguo pola agulha .C. novamente cevada e corregida se pos o Sol entre Oeste e a quarta do Sueste che-

gando-se alguma cousa mais á quarta que ao rumo; de sorte que nenhuma cousa fundio ha emmenda e corregimento do piloto, porque nem mais nem menos ficou julgando como dantes .

CAMINHO .

Ha .29. de Dezembro , amenhecendo , nos fizemos á vela . O vento era Nornordeste . Possimos a proa ao Noroeste ; o vento cada vez se hia esforçando mais . A oras de Besporas escasseou e ventou do Norte ; governaram entam a Oesnoroeste . Duas oras da noite sorgimos em .19. braças .

NOTAÇÃO SOBRE O CAMINHO DESTE DIA .

Este dia notei huma cousa que me espantou muito e foi esta . Quando nos fizemos á vela demorava-nos hum monte alto , o qual em todo cima faz hum cocuruto como hum marmelo , directamente a Leste . Ora como quer que a mayor parte do dia governasemos ao Noroeste com vento de totalas velas , e a menor a Oesnoroeste , parece ser cousa neceçaria que per este caminho nos viesse ho cocuruto do tal monte a demorar a outro

rumo que nam fosse o de Leste ; saber : ha quarta do Sueste , ou á meia partida de Lessueste . O que em todo dia nam aconteceo ; mas antes grande parte do dia em que tivemos vista do monte e do seu cocuruto até que nos quis desaparecer , nos demorou sempre a Leste sem desviar pera outra parte alguma ; e ja avia hum dia que fazia esta ouservação , porque como nos fizessemos á vela com ho vento Nornordeste e levassemos a proa ora ao Noroeste ora a Oesnoroeste , quando escasseava ho vento , na qual volta corriamos até oras de meio dia , e loguo deshi até noite por caso que o vento saltasse ao Noroeste tornassemos a virar na volta da terra pondo a proa ao Nornordeste , fazendo todo dia estes caminhos sempre jamais ho cocuruto nos demorava a Leste ; do que se segue que faziamos de contino o caminho da-Loeste . O que disto sento he , as agoas serem ha ocasiã desta obra ; o como , *solvat Apolo* .

DO TEMPORAL .

Ho primeiro dia de Janeiro , dia d'Anno Bom de .1539. nos fizemos á vela huma ora ante menham . O vento era Norte fresco . Po-

semos a proa a Oesnoroeste. O vento cada vez hia crescendo e alevantando muito o mar; de sorte que ja ás .8. oras da menham começamos a nos ver em trabalho e opressão. O que respeitando o Viso-Rei e vendo conhecidamente que os qu'iamos em navios de remonam podiamos sofrer a vela, tirou hum tiro e arribou casi em popa. Logo todos fizemos o mesmo, governando ao Susueste. Oras de meio dia o vento era tanto e o mar tamanho que nos queria comer, nam levando outras velas que o traquete davante. Polo que considerando eu a noite que se nos aparelhava, tendo cada vez o receio mais vivo, mandei desarmar o tendal e tirar o toldo, fazendo abater as armas e outras cousas pesadas de baxo de cuberta. Acabado de aparelhar assi a galé, emcontinte a sentimos hir melhor mari-nheira, o que a todos deu muito contentamento. Correndo assi per esta maneira, a oras de Compretas vimos hir a julavento de nós dous homemis apeguados a hum remo de galé, dando huos altos e doridos brados; o que nos deu a entender que algum caso desestrado era acontecido e naufragio. Logo mandei arribar a eles, mas ou que o seu fado era mais poderoso que minha deligencia, ou que ja eram

riscados do livro onde a vida de cada hum tem o seu numero certo , por qualquer causa que fosse , eu nam os pude salvar ; polo que tornei a fazer o caminho do Susueste . E hindo assi vimos hir pela banda de balravento huma barcassa ou grande almadia alaguada , e assi algumas tavoas . Ora sendo casi o Sol posto appareceo longe huma galé pola banda de jula-vento a qual hia correndo com ha borda , e chegando-nos hum pouco a ela enxergamos-lhe levar toda a vela em pedaços , e tiras ; e posto que esta rezão fosse sufficientissima , todavia por huma certa cousa que muitas vezes dá no coração , a todos nos pareceo que a galé hia em extrema fortuna e agonia . Movido o Viso-Rei a socorrer ha neccidade que a misera galé mostrava , arribou a ela e loguo a seguio Dom Cristovam da Gama , capitam nesta jornada da nao Santo Antonio . Ora , eu como quer que hia mais pera pedir favor , que pera oferecer ajuda , nam me tirei do caminho que fazia . Chegando Dom Cristovam ao galeam do Viso-Rei , mandou-lhe que acompanhasse ha afortunada galé , e isto pervenciado tornou o Viso-Rei a meter de loo e fazer o caminho que dantes levava . Anoitecendo começou o vento e mar a crecer de sorte que era

tanta ha aguoá dentro da galé, assi da que fazia, como da que tomava pelas bandas com os grandes balanços que dava, metendo continuamente as postigas de baxo daguoá, que difficilmente se podia julgar se andava a galé em cima do mar se de baxo; e o que pior era a galé nam tinha furos per onde se vazasse ha aguoá, e os bocabortos eram mais baxos muito que a cuberta; de maneira que toda ha aguoá que a galé tomava por bordo, e que as alevantadas ondas metiam dentro, calava abaxo. Correndo assi rodeados de tantas fadiguas, como que inda estes periguos nam abastavam, aconteçeo que com os grandes balanços qu'a galé dava saltaram fora os pernos dos tamborettes; polo que o masto começou a jugar tanto que cada vez esperavamos que a galé abrisse em duas partes; mas o remate d'apouquentar nossa esperanza foi, que no quarto da modorra cahio hum retavolo de Nossa Senhora qu'ia posto em todo cima, e deu hum grande colpe no chão do tendal; o que a todos foi hum triste prenostico, parecendo que nos começava ja a desamparar o devino favor. Caminhando pois com estes trabalhos, sendo duas oras ante menham dixee eu ao piloto que sentia vir per popa hum grande ru-

mor e bramido, como que algum mar mayor dos costumados nos vinha cometer. Acabado de lhe dizer estas palavras veio ho espantoso e cruel mar e arrebatou ho batel e deu com ele tamanha pancada na popa da galé que cuidamos qu'era feita em migalhas, e desta pancada ficou o leme em pedaços; polo que loguo amainamos a vela e a esperança que ainda avia em nós, e ficou a galé de mar em traves, de que ela era muito trabalhosa, a fora muito velha. Nesta revolta começamos a trabalhar em querer meter outro leme, mas ordenou a fortuna que da grande pancada que ho batel deu na popa ficou a agulha do leme tam apeguada com ho codaste da galé que em nenhuma maneira podia entrar por ela a femea do leme novo. Hindo assi nesta tribulação amanheceo e com ho prazer do dia nos sobreveio outra fortuna, pera que nam ficasse nenhuma que nos nam vegitasse, e foi que a vela grande se desfraldou, e certamente que se tal acontecera dinoite que a cousa fora de todo acabada, mas Nosso Senhor ordenou como se tornasse a tomar com grande fadigua nossa. Ora vendo eu que ho leme se nam podia meter, mandava cortar o tendal e alijar quanto traziamos. Neste comenos tornou hum

marinheiro Janoes a prefiar, e trabalhôu tanto que com grande industria meteu huma cunha entre ho codaste e a agulha, dando-lhe em cima com hum macete, até a segurar; isto assi feito entrou o leme e ficou posto em seu lugar. Nosso Senhor seja louvado que nas mayores fortunas socorre com sua infinita misericordia. Acabado de se meter o leme seriam duas oras do dia.

E loguo desferimos o traquete e posemos a proa a Sueste e di a pouco espaço vimos terra e tiramos a ela governando a Leste. A oras de Sol posto chegamos á barra de Dabul, e vimos duas naos surtas; mas querendo-nos chegar a elas se fizeram á vela e passando por nós nos dixeram que Dom Alvaro, filho do Viso-Rei, era perdido na galé bastarda ao entrar da barra de Dabul. Em ouvindo isto dei fundo ha marra.

Ha .3. de Janeiro de .1539. entrei no Rio de Dabul em busca de Dom Alvaro e achei-o em terra. Ora como as novas que me deram as naos do naufragio nam foram tam craras que de sua vida podesse fazer muita conta e estima, quando o vi, certo que nam me lem-

bra sentir outro mayor prazer nesta vida. Ahí soube como a galé que acina dixé levar a vela esfarrapada se fora ao fundo, e Dom Cristovam que hia em sua guarda salvou a jente toda, fazendo todo inteiro officio de capitam e mari-nheiro. O capitam da galé era Joam de Sousa.

Ha .4. de Janeiro opposição oras.....4.

Ha .4. de Janeiro andei ouservando ho Rio de Dabul pera fazer humna tavao dele, e a descripção do Rio he esta.

DESCRIVÇÃO DO RIO E LUGAR DE DABUL.

Ho Rio de Dabul faz humna grande abra, e obra de legua e meia corre directamente a Leste, e deshi se começa a trocar escontra o vento Sueste, entrando bem doze leguoas pela terra dentro, com grande fundo. A entrada deste rio he per hum boqueirão muito estreito e temeroso, por respeito de humna grande restingua que casi cingue o rio. Esta restingua sai da praya onde está assentada a cidade de tanto avante como a casa dagua, e corre pera a parte do Sudueste até obra de hum tiro despingarda. Da primeira ponta que lança a ter-

ra da banda do Sul do Rio , e entre ho cabo desta restingua e a dita ponta he o boqueirão que acima tenho dito. A terra que vai ao longuo do rio pela banda do Sul , he de huns grandes montes e forte rochedo , e principalmente dous , os quais decendo ao rio como que desejam a vezinhança e comoniquação de suas aguoas , despedem humas grossas e compridas pontas por ele dentro ; polo que em forma de porção de circulo fica de dentro hum encurvado seio rodeado de ferosa praya onde algum arvoredado e casas se amostram . Em qualquer destas pontas que fizerem hum baluarte , defendera sem contradicção a entrada do rio ; principalmente na qu'está mais chegada á barra . Em todos estes montes nam he alevantado arvoredado nem outra cousa que esterle e baixo mato . A terra que vai pela outra parte do rio ; saber : pola banda do Norte , nem he muito baxa nem muito alta , antes vai em huma certa igualdade e compasso , sem nela aparecer mato algum , mas per muitas partes palmeiras , onde entre a restingua e a terra , de fora do rio , está huma boa acolheita do Noroeste em que ha muita aguoa .

DA CIDADE DE DABUL.

A cidade de Dabul tem d'elevação do polo do Norte .17. graos e meio . Jaz assentada na borda do rio per huma praya d'area ao longuo ; de sorte que he muito mais comprida que largua , e porem a mayor abitação e mais noble he per hum monte acima muito alto e redondo . He este monte muito fraguoso e cuberto de hum espesso arvoredado , per onde se deixam vir dependurando muitos arroyos daguoa . Esta cidade he grandemente abastada de mantimentos . Foi antes da vinda dos Portugueses a estas partes emporio de toda a India , Persia , Arabia , Cambaya : o dia doje inda he frequentada de muitas gentes e mercadorias . A terra produz pimenta posto que nam seja em grande cantidade .

CONHECENÇA DA TERRA E RIO DE DABUL .

Hindo das partes do Sul pera a banda do Norte arredados da costa obra de huma legua, demorando-nos este rio ao Norte, veremos na terra dele que jaz da banda do Sul, hum morro grosso redondo talhado a pique, o qual faz huma testa e sombreiro, e até hum quarto de

legua quanto ao que parece, pera o Sul deste morro em cima da rocha que vem sobre o mar, veremos quatro arvores, muito juntas; mas destas arvores hum pedaço pela terra dentro, no alto de hum monte hum mamilo ou mama de molher aparece, e logo na terra da parte do Norte do rio se mostra huma terra alta e grossa sem arvores e vai á maneira de campos; mas muito metido por dentro do sertão, veremos dous picos muito erguidos, dos quais aquelle que está mais pera o Norte he mais agudo, e porem estes dous picos se nam veram hindo muito peguado com a ribeira.

ENTRADA DO RIO.

Quem ouver de entrar neste rio fará desta maneira. Va demandar a mato grosso que dixé fazer huma testa e sombreiro, o qual jaz na terra da banda do Sul do rio de fora da barra, e tanto que for dele espaço de dous tiros de pedra, irá ao longo da terra sem se afastar dela mais de hum tiro de bésta, por caso que pera a banda do Norte vai huma grande restingua d'area. Ho banco de baxa-mar tem mais de .4. braças, e como sam dele pera dentro crece o fundo muito; de frente da

Cidade na prea-mar ha .8. braças. E ave-mos de notar que na barra deste rio anda o mais do tempo grande escarceo, e vazando a maré corre ha agua tam rijo, e com tantas revessas que he grande periguo cometer a entrada sem piloto da terra. Aqui se perdeu Dom Alvaro, filho do Viso-Rei, na grande galé bastarda, cometendo a barra, vazando a maré, crendo o seu piloto que enchia, e afirmando-lhe muito a façalidade da entrada. Neste rio a maré espraya muito; ho fundo he vaza e alguns lugares area. A terra de cada parte que corre ao longuo do rio vai casi Leste Oeste. Dipois de sermos da barra pera dentro nenhum vento nos pode fazer nojo. A praya da cidade he sofeciente a varaçois de galés e navios de remo.

[TAVOA 6.^a]

DESCRIVÇÃO DA TAVOA.

Ho mato grosso qu'está de fora da barra e faz a testa ou sombreiro, a qual ha d'ir demandar ho navio que quer entrar a barra seja .A., e as duas pontas que os dous montes grandes despedem pelo rio dentro .B. e .C., entre as quais

se faz o seio muito encurvado. A restingua d'area que sai da praya da cidade de tanto avante como a casa dagua mostrem as letras .D. e .G.; e a casa dagua seja no ponto .I.; e loguo o espaço que jaz entre .G. e .B. denote o canal e bouqueiram per onde he a entrada do rio. A ponta mais conveniente pera se fazer o baluarte he .B.; a qual se corre com o mamilo .E., que he humna das conhecenças deste rio, Nordeste Sudueste quarta de Leste Oeste; mas ho lugar do sorgidouro onde faz bom abrigno do Noroeste e está boa aguada, de .F. pera .H. ho acharemos.

CAMINHO.

Ha .7. de Janeiro de .1539. me fiz a vela da barra de Dabul, em busca do Viso-Rei, o qual tinha ja recado seu que me esperava em Damda. O vento foi terreno bonança e calmaria; a viração veio escassa. Huma ora ante Sol posto sorgi obra de humna legua e meia avante da barra de Dabul.

POIMENTO DO SOL.

Este dia pos-se o Sol pola agulha .A. a

Loessudueste e tomava hum pouco pera Oeste .

Mas pola agulha .B. se pos o Sol a Loeste quarta de Sudueste, e tomava hum pouco pera Oeste .

E loguo pola agulha .C. se pos entre Oeste e a quarta do Sudueste, e alguma cousa parecia que se chegava mais á quarta .

Ora no meu estromento estando o Sol pera se pôr, o estilo lançou a sombra .12. graos de Leste contando pera o Norte .

Ha .8. de Janeiro de .1539. ventou todo dia ho Noroeste e estive surto .

NACIMENTO DO SOL .

.1.

Ha .8. de Janeiro naceo o Sol, o estilo lançou a sombra .33. graos $\frac{1}{2}$. de Oeste contando pera o Norte; loguo naceo o Sol .33. graos $\frac{1}{2}$. de Leste contando ao Sul .

.2.

E pola agulha .A. naceo o Sol a Lessueste e tomava huma quantidade muito pequena pera Leste .

.3.

E pola agulha .B. naceo o Sol a Leste quarta do Sueste, e tomava muito pouco pera Leste.

.4.

E loguo pola agulha .C. naceo entre o rumo do Sueste e a quarta de Leste, e alguma cousa senti, que se cheguava mais la quarta.

NOTAÇÃO.

Este mesmo dia oulhei com meu estrelabio, ao tempo que o Sol nacia, quanto espaço se alevantava sobre ho orizonte do estrelabio. A cousa que me trouxe a fazer esta ouservação foi considerar que pois o Sol se hergia per cima da terra, era rezam que quando quer que se nos mostrasse ja aver algum tempo que sobia pelo nosso orizonte verdadeiro, o qual a terra que tinhamos por ogeito nos impedia; ora esta terra nam era muito alta em demasia, e podia eu estar dela até legua e meia. Isto assi decrarado achei que apontando o Sol por cima da terra, estava hum grao e meio alçado sobre ho orizonte do estrelabio; do que vim a considerar que seria possivel, hindo em busca de huma terra, nam sabendo

se sou longe ou perto dela , pode-lo alcansar fazendo esta mesma ouservação; se por ela achasse que o Sol nam nacia , ouro e fio e muito justo com ho horizonte de meu estrelabio , mas alçado dele alguma cousa .

CAMINHO .

Ha .9. de Janeiro de .1539. Sol saido o vento era terreno bonança . A meio dia ventou a viração hum pouco largua . Duas oras de Sol , sorgi tanto avante como hos Ilheos de Dabul .

ALTURA E DESCRIVÇÃO DOS ILHEOS DE DABUL .

Obra de .4. leguoas $.\frac{1}{2}$. até .5. pera o Norte estam .3. ilheos muito peguados com a terra . A distancia que averá de hum a outro será hum tiro de besta . O mayor deles he aquele que jaz mais ao mar , e ho menor o que está no meio deles . Estando surto junto deles tomei o Sol e na mayor altura se levantava sobre ho horizonte .51. graos $.\frac{3}{4}$. ; a decrinação deste dia era .20. graos .25. menuetes ; do que se segue terem estes ilheos .17.

graos .50. minutos daltura . Este dia foi ver o ilheo mayor e a sua forma e sitio he desta maneira . Da parte qu'está oposta ao mar e vento Oeste he todo de hum forte rochedo , no qual se nam pode desembarcar ; mas da outra banda que olha a terra firme tem huma praya d'area , onde faz boa desembarcação , por onde ha muito arvoredosilvestre .

NACIMENTO DO SOL .

.1.

Ha .10. de Janeiro de .1539. estando o Sol no primeiro ponto de Acario , em apontando no horizonte, o estilo lançou a sombra .33. graos de Oeste contando pera o Norte ; logo naceo o Sol este dia .33. graos de Leste contando pera o Sul .

.2.

Mas pola agulha .A. naceo o Sol a Leste, tomando a meu joizo e do piloto obra que .4. graos pera Leste .

.3.

E pola agulha .B. naceo o Sol ao Sueste quarta de Leste tomando pera a banda de Leste obra de .4. graos .

.4.

E loguo pola agulha .C. naceo o Sol entre o rumo do Sueste e a quarta de Leste, mais cheguado á quarta que ao rumo. Esta largura do nacimiento do Sol tomei estando ao Norte destes ilheos casi huma legua ao mar.

Em quanto eu fazia estas operaçõis estava o piloto com o estrelabio na mão pera ao tempo que o Sol se descobrisse per cima da terra, a qual era alta, notar como lhe nacia pelo horizonte e graduação do estrelabio, e achou que apontando por cima da terra estava hum grao e meio sobre ho horizonte.

Este mesmo dia .10. de Janeiro estive surto por ventar todo dia o Noroeste, e fiz as operaçõis seguintes.

.1. *Operação ante meio dia.*

Estando o Sol em altura de.....30. graos.
A sombra do nhomam estava.....42. graos.
casi, contando do Norte pera Oeste.

.2.^a Operação ante meio dia.

Altura do Sol35. graos; —
 De sombra.....36. graos. $\frac{1}{2}$. ;
 contando assi mesmo do Norte pera Oeste a-
 té o ponto ou grao do circulo onde da a
 sombra do estilo.

.3.^a Operação ante meio dia.

Altura do Sol.....40. graos; —
 De sombra.....31. graos. $\frac{1}{2}$. ;
 contando do Norte pera Oeste.

.1.^a Operação dipois de meio dia.

Altura do Sol.....40. graos; —
 De sombra.....53. graos. $\frac{1}{2}$. ;
 contando do Norte pera Leste.

Foi loguo nesta operação ho arco de di-
 pois de meio dia mayor que ho dante meio dia
 .22. graos; he o meio deles .11., os quais he
 a cantidade que neste lugar a agulha Norestea.

.2.^a Operação dipois de meio dia.

Altura do Sol35. graos ;

De sombra.....59. graos ;
contando do Norte pera Leste .

Foi loguo nesta operação ho arco de di-
pois de meio dia mayor que ho dante meio dia
.22. graos $.\frac{1}{2}.$; he a sua ametade .11. graos
 $.\frac{1}{4}.$, que he a quantidade que neste lugar a a-
gulla Norestea .

.3.^a Operação dipois de meio dia.

Altura do Sol.....30. graos ; —
De sombra.....63. graos $.\frac{1}{2}.$;
contando do Norte pera Leste .

Foi loguo nesta operação ho arco de di-
pois de meio dia mayor que o dante meio dia
.22. graos ; ho meio deles será .11. graos , os
quais neste lugar a agulla Norestea .

POIMENTO DO SOL .

Estando o Sol pera se por , o estilo lan-
çou a sombra .11. graos de Leste pera o Nor-
te, ou .79. graos contando do Norte pera Leste,
que he o mesmo ; do que se segue por-se o sol
.11. graos da linha da-Loeste pera o Sul .

Foi loguo nesta operação cotejando-a com
a do nacimiento do Sol , ho arco de dipois de

meio dia mayor que ho dante meio dia .22. graos ; de que he o meio .11. graos, que a agulha neste lugar Noroeste.

Mas pola agulha .A. pos-se o sol a Oes-sudueste, e a joizo do piloto e meu tomava obra de .4. graos pera a linha da-Loeste.

Loguo tomado o nacimiento e poimento do sol por esta agulha, acharemos ho arco de dipois de meio dia ser igual ao dante meio dia ; do que se segue que fere directamente nos verdadeiros polos do mundo.

E loguo pola agulha .B. se pos o sol a Loeste quarta do Sudueste, e tomava pera a banda da-Loeste huma cantidade pequena que a meu ver poderia ser dous ou tres graos.

Loguo por esta agulha considerando o nacimiento e poimento do sol, acharemos ho arco de dipois de meio dia ser mayor que ho dante meio dia duas quartas ; das quais he o meio huma quarta, que he a cantidade qu'esta agulha, em esta operação e nas outras que a-tras tenho ouservado por ela, Norestea.

Ora pola agulha .C. pos-se o sol entre o rumo da-Loeste a quarta do Sudueste.

Loguo por esta agulha foi ho arco de dipois de meio dia mayor que ho dante meio dia, se bem oulharmos o nacimiento do sol, ca-

si tres quartas; das quais he o meio quarta o meia casi, que he a cantidade qu'esta agulha nesta operação e nas outras que sam feitas com ella, Norestea.

Currelario.

Destas operações que fiz oje .10. de Janeiro de .1539. per onde vim a conhecimento que a agulha de meu estromento Noroeste .11. graos, se segue que em hum mesmo meridiano pode a agulha Nordestear e Norestear mais e menos, o que se prova por esta maneira: na Ilha do Paguode de Baçaim achei que Nordesteava esta agulha .10. graos $\frac{1}{4}$, e em Baçaim .12. graos $\frac{1}{2}$, e aguora tanto avante como estes Ilheos de Dabul, Norestea .11. graos, jazendo estes tres lugares debaxo de hum meridiano; polo que parece cousa justa imaginarmos qu'estas tais variações sejam causadas dalguns particulares e propios segredos, os quais a natureza poderosa tenha guardados em suas grandes e secretas ofecinas.

CAMINHO.

Ha .11. de Janeiro de .1539. me fiz á ve-

la, sol saído. O vento era terreno bouança como Nordeste. Dipois de meio dia veio a viração. A oras de Compretas sorgi na qualheta e aguada de Quelecim.

Ha .12. de Janeiro de .1539. todo dia ventou ho vento Noroeste muito rijo, e dipois de meio dia me fui a soldar a Barra do rio e ver o sitio do lugar.

DESCRIVÇÃO DA ENSEADA E RIO DE QUELECIM.

Tres leguoas e meia dos Ilheos de Dabul pera o Norte, e sete e meia de Dabul, está huma grande enseada em cujo requanto mais intrinsequo corre hum Rio chamado de Quelecim. A forma da enseada he desta maneira. Obra de meia legua da barra pera o Sul está hum grande monte escavado, no qual nenhum jenero de arvores nem mato aparece. Este monte dece com huma comprida e grossa ponta ao mar, e tanto que se avezinha e toqua as suas agoas despede de si huma longua restingua de pedra que faz casi huma mostra darco, entrando grande espaço per dentro do mar. Da barra até esta restingua averá huma legua, e neste meio se estende huma

largua e muito encurvada praya, mas da outra parte do Norte até hum quarto de legua da barra, se alevanta outro monte muito mais grande e alto, o qual da parte qu'está virado escontra ho Ocidente dece com grande impito ao mar e mete per dentro dele huma ponta. Desta ponta se viram as prayas incontinente pera a barra, e fazem hum seio muito encurvado ou qualheta, onde jaz huma quieta e boa estancia contra ho importuno vento Noroeste, e nela corre hum ribeiro que tras grande cantidade da agua. Deshi; saber: desta qualheta, ao longuo da ribeira caminhando pera a barra e entrada do rio corre hum tavoleiro de rocha talhada á maneira de cais, ao qual huma alta e fermosa serra á maneira de mesa vai sempre sobre ele muito sobranceira, e casi perpendicular. Esta serra ou mesa está muito soberba e espantosa a quem a vê de dentro do rio, porque aos que entram parece estar no diametro que de suas cabeças vai até o Zenit. A parte desta mesa qu'está sobre o rio faz hum outeiro redondo á semelhança de cabeça d'omem, e loguo dece apique até chegar ha praya do rio, donde lança per ele dentro huma ponta ou focinho comprido, e aqui he ho mayor fundo do Rio; e tanto avante como esta

ponta he o mais estreito passo de todo ele , por quanto esta ponta entrando muito por ele dentro , e a praya que vai pela outra parte contraira ; saber : pola banda do Sul do rio , lançando huma grossa barrigua pera fora encontra a ponta , fazem neste meio hum apertado gorgonilo , no qual de baxa-mar averá hum tiro de pedra de intervalo .

DO TAVOLEIRO OU CAIS .

Mas porque o tavoleiro , ou cais , que corre ao longuo das baxas raizes da serra que faz ha mostra de huma mesa , como ja tenho dito , he huma das fermosas obras da natureza que tenho visto , direi alguma cousa dele , posto que sirva pouco , e seja saltar fora da materia do roteiro . Primeiramente este tavoleiro per obra da Grande Mestra he tam plano e posto ha olivel que a hum geometra fora muita groria imita-lo . Terá de longura perto de hum quarto de legua , e de larguo em partes .10. braças e a lugares .9. A illargua dele que corre da banda da terra alevanta hum muro de hum forte e duro rochedo , o qual vai fazendo sobre ho tavoleiro huma certa cousa como apendurada , per onde se vê arrebentar mui-

tas fontes , as quais derramando suas aguas decem muito dependuradas até cahir sobre o tavoleiro , e sempre desta maneira corre este tavoleiro até que chegua a huma praya qu'está de dentro do rio , na qual está huma prove povoação e huma mesquita de Mouros , metida dentro de huma pequena mas muito curva enseada .

DO RIO DE QUELECIM .

A foz de Quelecim está em altura de 18. graos justos . Corre-se o rio bem pelo meio Leste Oeste . Na entrada tem huns grandes baxos assi da parte do Norte como da banda do Sul , os quais jazem per esta maneira . Pouco mais de hum tiro despingarda da qualheta onde faz hõ abrigo do Noroeste , começam os baxos do rio qu'estam da banda do Sul . Correm-se Noroeste Sueste quarta de Norte Sul , e vão encontra o Sueste muito espaço até a praya da outra banda do rio ; e obra de hum pequeno tiro despingarda da mesma qualheta na terra qu'está da banda do Norte , estam os outros baxos . Estes somente entrarám ao mar dous tiros de pedra e comprehendem muito menores espaços que os que vão da outra parte do Sul .

Jazem huns per outros Norte Sul, e entre eles vai hum canal que terá de larguo menos de dous tiros de pedra, per onde he a entrada deste rio. Na boca deste canal de baxa-mar, sendo as agoas mortas, ha .8. palmos dagua, e vai assi neste fundo hum tiro de bésta, mas di por diante crece até nos pormos tanto avante como ho gorgomilo que he o mais estreito lugar do rio, onde na baxa-mar acharemos duas braças e meia dagua. O fundo deste rio, assi de fora da barra como de dentro, todo he area. Ora de tanto avante como este gorgomilo as prayas de huma banda e doutra do rio se começam a virar pera diversas partes, e ho rio a hir alargando. A praya qu'está da banda do Sul vira de supito ao vento Susueste, per hum cumprido canal que se faz entre esta praya e humas grandes coroas darea; de modo que como quer que da barra pera fora a praya seja muito encurvada fazendo grande enseada e deste gorgomilo pera dentro se lance caminho do Susueste, faz que o lugar de Quelecim fique casi em peninsula. Este canal que corre ao Susueste terá de larguo hum tiro de pedra. Na boca dele de baxa-mar nam ha mais de .4. palmos dagua, mas tanto que passamos o banco ha hu-

ma braça , e neste fundo vai até o cabo onde está o lugar de Quelecim e ho varadoiro de suas naos . Da barra pera dentro do rio per esta banda do Sul , toda a praya he muito alta , e assi desta banda do Sul como da outra que jaz da parte do Norte , vão muito boas varações pera galés e navios de remo . Dipois de sermos dentro deste rio fica o porto tam fechado de todas as partes com altissimos montes , que nenhuma força de ventos nem tormento de mar se pode sentir ; de modo que muito pequeno espaço do emisperio deixou a natureza e estes moradores pera aver de contemplar .

ENTRADA DO RIO .

A entrada deste rio he pola terra da banda do Norte nesta maneira . Ponde-vos de frente da qualheta , de que acima faço menção , obra de dous tiros de pedra grandes , e neste compasso ireis sempre ao longo do tavoleiro ou quais , até serdes com ho baxo qu'está da parte do Norte , o qual baxo estará da serra dous tiros de pedra ; e como quer que fordes entre este baxo e ho outro que jaz da banda do Sul governareis direito a Leste quarta do Sueste e levareis pola proa huma ponta do palmar qu'

está no lugar; saber: a ponta qu'está da banda de Leste, e tanto que fordes do banco pera dentro chegai-vos pera a terra da parte do Norte, porque por esta banda he o rio mais alto.

SOLDA DA BARRA DESTE RIO NA PREA-MAR.

Ha .12. de Janeiro soldei o banco deste rio na prea-mar e achei .13. palmos d'aguoa; de maneira que de baxa-mar a prea-mar alevantou ha aguoa neste banco .5. palmos, sendo as aguoas mortas.

Ora inquirendo eu os pilotos da terra affirmaram-me que d'aguoa vivas avia no banco duas braças e hum covado.

ALTURA DO RIO E LUGAR DE QUELECIM.

Ha .12. de Janeiro de .1539. tomei o Sol em terra e estando na mayor altura alevantava-se sobre ho orizonte .52. graos $\frac{1}{4}$.; a decrição deste dia era .19. graos .46. minutos; donde fica craro estar Quelecim em .18. graos justos pera a parte do Norte.

Outra altura de Quelecim.

Ha .13. de Janeiro de .1539. fui ao lu-

gar de Quelecim e o piloto comiguo a tomar o sol, e estando na mayor altura se alevantava sobre ho orizonte .52. graos $\frac{1}{2}$.; a decrinação deste dia era .19. graos .32. minutos; do que se segue estar este lugar em altura de .18. graos.

[TAVOA 7.^a]

DESCRIVÇÃO DA TAVOA DE QUELECIM.

Ho monte grande escalvitado no qual nem arvores nem mato aparece seja .A., e a restingua que despede per dentro do mar fazendo mostra de arco .B.; a praya muito encurvada que jaz entre esta restingua e a barra será .C. pera .D.; mas ho outro monte muito mayor e mais alevantado qu'está na terra da banda do Norte do rio se conhecerá pelo ponto .E.; e a sua ponta que entra muito ao mar donde as prayas se começam a virar pera a barra pola letra .F.; a qualheta ou seio muito encurvado esté no ponto .G., e o tavoleiro de pena talhada que corre ao longuo do mar polo pé da serra que parece mesa será .H. .I.; ho outro redondo desta serra que vai sobre a barra fazendo semelhança de cabeça humana mostre o ponto .K., e a sua ponta a qual decen-

DA COSTA DA INDIA.

do este outeiro muito a pique se mete pelo rio .L. ; e aqui será o mayor fundo do rio ; e de .L. pera .M. seja o gorgomilo e mais estreito passo deste rio . Ora pois a enseada pequena mas muito curva na qual está a prove povoação e mesquita ponhamos que seja .N. , e na letra .O. a ponta dos baxos que jazem da banda do Sul ; e .P. seja outrosi a ponta dos outros baxos que vam da parte do Norte : .Q. e .R. signifiquem o canal que vai per entre as coroas darea e a praya , per onde se vai ao lugar de Quelecim , e o ponto .S. amostre a ponta do palmar no qual tanto que me achar entre os baxos hei de por a proa .

ROTAS DO RIO DE QUELECIM.

§ . A barrigua que a praya lança per dentro do rio onde está a letra .M. , com a ponta da restingua que lança ho monte qu'está da banda do Sul do rio , a qual restingua tem a letra .B. , corre-se Nornordeste Susudueste . A-verá na rota huma grande legua .

§ . Esta barrigua da praya onde está mais metida dentro do rio , com ho outeiro que faz a semelhança de cabeça humana , corre-se Noroeste Sueste .

§. Esta mesma barrigua com a ponta que dece deste oiteiro e se mete per dentro do rio, onde he o estreito gorgomilo, corre-se Norte Sul e toma da quarta de Noroeste Sueste. Ha na rota de baxa-mar hum tiro grande de pedra.

§. Esta mesma barrigua do lugar mais metido pelo rio donde sempre se faz a comparação, com a ponta do morro ou monte alto qu'está da banda do Norte e tem a letra .E., a qual ponta está na qualheta onde corre o ribeiro, corre-se Leste Oeste quarta de Noroeste Sueste. Ha na rota hum quarto de legua.

§. Corre-se esta ponta que causa, ou de-la se começa a fazer a qualheta, com a ponta donde sai a restingua da banda do Sul, que atras se chama .B., Norte Sul quarta de Noroeste Sueste.

§. Corre-se o Rio bem polo meio Leste Oeste.

§. Corre-se o isteiro ou canal que vai por entre as coroas darea e a praya por onde vão ao lugar de Quelecim, Noroeste Sueste quarta de Leste Oeste.

CAMINHO.

Ha .14. de Janeiro de .1539. huma ora ante menham me fiz á vela da qualheta e enseada de Quelecim . O vento era terreno como Lesnordeste muito bonança . A meio dia acoadio a viração do Oesnoroste . Duas oras de sol sorgi na bahia de Cifardão .

DO NACIMENTO DO SOL HA .14. DE JANEIRO.

Este mesmo dia apontando o sol per de tras de huns montes altos estava .1. grao $\frac{2}{3}$. d'altura pelo estrelabio, e eu distava da terra per legua e meia.

DESCRIVÇÃO DA BAHIA DE CIFARDAÕ.

A bahia de Cifardam he huma das millores aquolheitas contra ho Noroeste que ha em toda esta costa. Da banda do Sul do rio, muito sobranceiro a ele, está hum grande outeiro mais que outro algum alevantado, o qual decendo ao mar, lança per dentro dele hum comprido focinho, que naturalmente parece tromba dalifante, mayormente quando demoira ao Nornordeste, indo huma legua da ter-

ra. Per detras desta ponta he a foz, e vai o Rio de Cifardam. Na volta desta ponta na terra qu'está da banda do Norte do rio, começa a praya correr muito encurvada, alevantando-se por ela muitas palmeiras, e vai assi até encontrar nas baxas raizes de hum grande e grosso monte casi redondo, o qual lançando dous compridos braços; saber: hum pera o mar e ho outro ao longuo da praya da bahia, fica neste meio hum seio muito escondido e encurvado. O sorgidouro deste recanto he entre a ponta ou braço que entra ao mar e a ponta do palmar, ao socairo do monte, onde acharemos o fundo seguinte. Em tres braços e meia de baxa-mar estaremos em grande abriguada e tranquillidade do enemiguo vento Noroeste, e neste fundo pode sorgir toda ha armada da India, e jazer em grande remanso, e chegando-nos mais ao monte em duas braços e meia nos nam pode fazer mal o vento Oeste que nesta costa he o traveção. Todo o fundo desta bahia he muito limpo e em nenhuma parte se pode sorgir que se nam ache vaza. A terra nam lança de si restingua nem cousa alguma que faça nojo. No requanto mais de dentro, que he na volta do segundo braço que corre ao longuo da praya

e he o começo da sobida do monte , estam tres grandes e poderosas arvores , ha sombra das quais está hum poço de muita e boa agua.

[TAVOAS 8.^a E 9.^a]

DESCRIVÇÃO DA TAVOA DA BAHIA DE CIFARDAM.

A ponta que sai do outeiro muito alevantado qu'está da parte do Sul da bahia , a qual ponta faz huma mostra e semelhança de tromba dalifante , seja .A. ; e loguo .B. a outra ponta que procede do monte qu'está da banda do Norte da bahia , o qual monte he grande e casi redondo . O ponto .C. senefique o braço que o monte lança ao longuo da praya , de modo que entre .B. e .C. será o lugar do sorgidouro muito abriguado do vento Noroeste , que sam os dous braços que a istoria diz lançar o monte . Este monte será conhecido pola letra .D. , mas o poço que tem muita agua e está apar das tres grandes e poderosas arvores , poremos no ponto .E. Entam de .E. até .F. va a praya que corre ao longuo da bahia hindo muito encurvada .

CAMINHO.

Ha .15. de Janeiro me fiz á vela da Bahia de Cifardam duas oras ante menham . O vento era Norte fresquo . Posemos a proa a Oesnoroste . Has .8. oras sorgi tanto avante como a ponta da enseada de Pero Soares , qu'está da banda do Sul . A causa porque sorgi foi por ser ja prea-mar e começar a vir a vazante .

DESCRIVÇÃO DA ENSEADA DE PERO SOARES.

De Cifardam pera o Norte espaço de huma legua deita a terra ao mar huma ponta muito comprida , baxa e delguada , a qual parece esporam de galé . Diante desta ponta está hum ilheo pequeno e redondo . Hum pouco a ré da ponta pera o Sul , bem á borda da guoa , está hum outeiro muito redondo e grande desapeguado da outra terra , e daqui ; saber : da ponta , começa huma grande e fermosa enseada que vulgarmente chamam Enseada de Pero Soares . He esta enseada a mayor que aja em toda esta costa , e corre até huma grande ponta qu'está ao Sul de Damda huma legua . Averá , de huma ponta á outra , mais

de duas leguoas . Neste espaço correm alguns rios pouco nobres . O lugar desta enseada onde avemos de sorgir pera buscar abrigo do Noroeste , he detras da segunda ponta qu'está sobre Damda como tenho dito , pera dentro da enseada , e por-nos-emos muito a par da terra . O sinal da terra onde faz melhor estancia he esta . Desta ponta pola terra dentro vam tres montes igualmente altos , e todos tres são muito semelhantes ; detras do ultimo , o qual jaz mais dentro da enseada , he o millhor sorgidouro .

[TAVOA 10.^a]DESCRIVÇÃO DA TAVOA , EM QUE SE DESCREVE
A PONTA DA ENSEADA DE PERO SOARES .

A ponta comprida , baxa e delgada , qu'está na enseada de Pero Soares da parte do Sul , seja .A. , e ho ilheo redondo e pequeno .B. ; mas ho outeiro grande e redondo qu'está desapegado da outra terra .C.

CAMINHO .

Ha .16. de Janeiro de .1539. me fiz á

*

vela da Enseada de Pero Soares, amanhecendo. O vento era Norte bonança; governaram a Loesnoroeste. Di a pouco alargou o vento e posemos a proa ao Noroeste. Ás 9. oras acalmou o vento e sorgi tanto avante como Damda. Dipois de meio dia ventou a viração do Noroeste, e loguo me fiz á vela governando ao Nornordeste; mas alarguando o vento duas quartas, posemos a proa no Norte. Tres oras dipois de meio dia sorgi na boca do Rio de Damda, e passando-me ao batel fui soldar a barra e ouservar o rio.

DESCRIVÃO DO RIO E LUGAR DE DAMDA.

Damda grande e nobre rio, está avido em toda a India em muita reputação, e o seu nome he alevantado e feito grande per muitas partes. Em sua foz e entrada ha .18. graos $\frac{1}{3}$. d'elevação do polo. O sitio da terra que jaz de huma e outra parte do rio he per esta maneira. Na boca do rio, na terra qu'está da banda do Sul, sai huma grossa ponta muito ao mar que faz em cima hum morro grosso casi redondo, e daqui começa a terra pouco a pouco a lançar pera dentro do rio até tanto que encontra hum alto e muito redondo outei-

ro , que se corre com a ilha da fortaleza , Nor-nordeste Susudueste ; e nesta parte he o mais estreito passo do rio . Averá na rota menos de hum tiro de falcão . Entre este outeiro e a ponta grossa da boca do rio muito mais vezinha ao outeiro que á ponta , está hum praya pequena onde faz bom sorgidouro pera naos , sem embargo que nam tem abrigo do vento Noroeste . Do rostro deste outeiro entra polo rio obra de hum tiro de pedra hum restinga , e logo a terra se começa a virar pera o Susneste até dar em hum pequena mas bem assombrada praya ; e aqui he a melhor estancia de todo rio ; porque em fundo de quatro braças e meia de baxa-mar , nenhum vento nem mar nos pode fazer nojo , e estaremos da praia per espaço de hum tiro despingarda . Corre-se o meio desta praya com a Ilha da Fortaleza , Norte Sul ; mas da ponta mais de dentro da praya volta incontinentemente a terra pera o Sul quarta do Sudueste , e vai correndo longo espaço , e ho rio apos ela perseguindo-a até que a perseguida terra torna a voltar contra o rio e cobrar alguma parte do que lhe tinha tomado , lançando per dentro dele hum grande e comprida ponta , e por esta causa fica feita entre esta ponta e ho outeiro redondo hu-

ma grande e curva enseada , a qual penetra tanto pelo interior da terra da banda do Sul , que por pouco se nam ajuntam as agoas deste rio com as da Enseada de Pero Soares ; e assi fica o mamilo que he a conheçença de Damda muito sobranceiro , e casi posto em cima desta enseada .

A terra que vai da outra banda do Norte ao longuo do rio, tanto avante como a boca do rio , mete per ele dentro huma ponta que dá muita mostra de cabeça de quão , e deshi corre a ribeira escontra o vento Sueste indo sempre direita , e em alguns lugares aparecem palmeiras ; mas tanto que chega tanto avante como a Ilha da Fortaleza , corre huma fermosa praya ao mesmo vento obra de meia legua , e no cabo fazendo huma ponta delgua da supitamente se vira ao Norte e corre nesta volta hum quarto de legua , e deshi encurvando-se hum grande espaço torna a virar muito caminho na volta do Sul ; de sorte que destes muitos e desvairados caminhos fica feito hum grande e penetrante cotovelo ou saquo , onde de nenhum vento nem revoltas de mar ha nenhuma noticia , e aqui neste remanso está assentado o lugar de Damda , entre muitas pal-

meiras e outros diversos arvoredos, dos quais os moradores recebem sombra e frutos, que os ajuda a passar as upressões e supitas mudanças desta vida.

DAS ILHAS DESTE RIO.

Dentro do rio jazem duas ilhas: a primeira está pouco metida da boca do rio pera dentro; he muito baxa e toda de pedra; a sua mostra he casi redonda; terá de comprido hum tiro despingarda e outro tanto de larguo; de prea-mar fica casi de todo cuberta; dista da terra do Norte que lhe he mais vezinha hum quarto de legua, e da ponta que parece cabeça de quam alguma cousa mais.

Mas a ilha onde está a Fortaleza terá de comprido hum tiro despingarda e pouco menos de larguo; no meio he muito alta e faz huma cabeça redonda em todo cima, onde he ho aposento dos moradores. Esta ilha per toda parte he muito fraguosa e cheia de grandes arvoredos, e jaz rodeada de grandes e emfenitas pedras soltas, as quais são tau lisas e escorregadias que fazem e defendem a desembarcação da terra. Esta ilha tem duas cer-

quas; a primeira cinge-a toda indo no andar e olivel da agoa; e a segunda vai mais per cima. Sam os muros, baluartes e cubelos de pedra ensossa, e fracos, segundo pude notar de fora, mas o sitio faz a obra fortissima e enespunhavel. Entre esta ilha e a terra firme; saber: a terra do rio que vai pola banda do Norte, averá hum tiro de bésta, e desta parte se faz huma qualheta muito estreita na qual averá de larguo .3. até .4. braças, onde he a desembarcação, e o porto; e somente nesta qualheta se pode desembarquar. Tem mais ha ilha da banda da terra huma estacada de paos muito compridos e bastos, pera defecultarem inda mais a chegada á terra, mas he ja posta em desbarato das idades que passam. Da ilha, assi pelo rio acima como por ele abaxo, sai duas restingas de pedra. Nam pude saber se tem dentro agoa nadivel.

ENTRADA E FUNDO DO RIO.

Na boca deste rio averá huma legua de larguo. Corre-se bem pelo meio Noroeste Sueste quarta de Leste Oeste. De fora da boca pera o mar, começando de huma restingua que jaz de fora do rio pera o Sudueste de

que se falará loguo, até tanto como hum tiro de berço do ilheo de pedra qu'está casi na boca do rio, achei sendo baxa-mar de todo .4. braças, e d'aqui como quer que me hia chegando ao ilheo achava o fundo d'alfaques; porque ora dava em .3. braças, ora tornava achar as .4., ás vezes dava em $.3.\frac{1}{2}$.; e por esta maneira hia o fundo até chegar hum tiro despingarda do ilheo, onde achei duas braças daguoa. Por todo este fundo n'humas partes avia area e noutras vaza; do que se segue que a verdadeira entrada deste rio he bem pelo meio, e daqui pera a terra que vai pola banda do Sul nos podemos achegar, porque tudo he hum fundo, e tanto qu'entrarmos pelo rio acima acharemos .5. braças daguoa de baxa-mar, e sinquo e meia, sem per todo aver baxa, pedra, restingua, que nos faça nojo, e ho fundo per todo he vaza muito forte. Ha aguoa dentro do rio corre pouco; na prea-mar alça muito, porque andando polo canal de prea-mar achava sempre .7. braças; entre a ilha onde está a fortaleza e a terra firme da banda do Norte por onde vai hum canal que tem de larguo hum tiro de bésta, de baxa-mar achei braça e meia; mas tanto avante como a quallheta está hum poço onde ha .5. braças de

baxa-mar, onde pode invernar huma nao mais quieta que dentro de huma caldeira de moinho; mas pela outra parte da ilha qu'está virada pera a terra da banda do Sul he o fundo muito alto, e pondo-nos desta parte hum tiro de pedra da ilha acharemos .5. braças de baxa-mar. O verdadeiro sorgidouro e estancia pera envernar neste rio será na praya que se faz em dobrando ho outeiro redondo, a qual se corre; saber: o meio dela com a ilha da fortaleza, Norte Sul; e neste lugar nenhum vento nos poderá fazer nojo.

DA RESTINGUA OU BAXA QU'ESTA'
DE FORA DO RIO.

Obra de meia leguaa pera o Sudueste, da ponta qu'está na boca do rio na terra que vai da banda do Sul, está huma restingua de pedra que será de comprido hum tiro despingarda. Aparta-se da mais perto terra obra de hum quarto de leguaa. Corre-se Norte Sul. Entre esta restingua e a terra, de baxa-mar ha tres braças largas; de modo que sem temor pode passar por aqui quem quijer. A restingua de baxa-mar parece toda e de preamar fica cuberta; nam he mayor do que tenho di-

to e do que pairesse. Corre-se com hum mamilo qu'está em cima de hum grande monte, o qual mamilo em todo cima tem huma arvore, Noroeste Sueste quarta de Leste Oeste.

§. Corre-se o meio desta restingua com ho meio da ilha onde está a Fortaleza, Lesnordeste e Oessudueste.

§. Corre-se esta restingua com ho ilheo de pedra qu'está casi na boca do rio, Nornordeste Susudueste.

§. Corre-se este ilheo de pedra com ha ponta da boca do rio qu'está na terra da banda do Norte, Nornoroeste Susueste e toma alguma cousa pera a banda de Noroeste Sueste.

§. Corre-se o meio deste ilheo com ha outra ponta da boca do rio qu'está na terra da parte do Sul, Norte Sul e toma da quarta de Noroeste Sueste.

§. Corre-se o meio deste ilheo com o meio da ilha onde está a Fortaleza, Noroeste Sueste quarta de Leste Oeste. Averá na rota mais de hum quarto de legua.

§. Corre-se o meio deste ilheo com ho outeiro redondo qu'está defronte da Fortaleza, onde o rio he mais estreito, Noroeste Sueste quarta de Norte Sul.

§. Corre-se o meio deste ilheo com a ponta qu'está casi no fim do rio entr'a qual e ho outeiro redondo jaz a enseada que mete muito, sobre a qual está o mamilo, Noroeste Sueste.

§. Corre-se o meio deste ilheo com a ponta de hum monte qu'está dentro do rio na terra da parte do Sul, e dele pera ho outeiro redondo se faz huma prayazinha desabriguada do vento Noroeste, Nornoroeste Susueste.

§. Corre-se o rio bem pelo meio Noroeste Sueste quarta de Leste Oeste.

[TAVOA 11.^a]

DESCRIVÇÃO DA TAVOA.

A ponta grossa qu'está da banda do Sul na boca do rio seja .A., e ho outeiro alto e redondo que se alevanta no lugar mais estreito do rio .B.; a praya que tem o sorgidouro

desabrigado do Noroeste será .C. , mas ha outra pequena praya onde nenhum vento nem mar nos empece demostre .D. ; e loguo entre os dous pontos .B. e .E. jaça a grande e mui curvada enseada , sobre a qual muito sobrançeiro pareça o mamilo .F. ; ha outra ponta da boca do rio qu'está da parte do Norte ponhamos que seja .G. , e ho ilheo de pedra que está casi tanto avante como a boca do rio, porem pera dentro dele , .H ; a ilha onde está a fortaleza será no ponto .I. ; e do ponto .K. começe a praya muito largua que corre directamente ao vento Sueste até chegar a huma ponta delgada chamada .L., da qual virando-se as prayas ao Setentriam e dipois de se encurvarem muito tornando a correr escontra o meio dia , deixando feito hum penetrante e grande cotovelo ou saquo , se verá pelos pontos .M. .N. ; ora pois .O. .P. será a restingua que jaz obra de meia legua pera o Sudueste da ponta da boca do rio qu'está da banda do Sul.

DO CORRER DAS AGUOAS.

Estando surto na boca deste rio de Dameda , vazando a maré, lancei per popa muitos molhos de feno, paos, casquas de coquo, e

outras cousas que se nam vam ao fundo , as quais todas elas em cahindo na aguoá rodeavam pola banda do Sudueste até me demorarem a-Loessudueste ; e como fiquavam nesta rota corriam per este rumo até as perder de vista sem fazerem desvio pera outra parte ; o que me deu ha entender que a maré vazava pera o rumo de Oessudueste , e que pera la corriam as aguoas ; polo que parece rezão que enchendo fação o caminho de Lesnordeste . Isto que ouservei per estes meios he fora da o-peniam comun dos marinheiros , que dizem nesta costa correrem as aguoas com as marés do Norte pera o Sul .

CAMINHO .

Ha .18. de Janeiro de .1539. me fiz á vela em nacendo o Sol . O vento era terreno como Nornordeste . Governaram ao Noroeste , mas antes de huma ora rodeou o vento e fes-se Noroeste ; polo que tornei a sorgir na boca do Rio de Damda .

ALTURA DA FOZ DE DAMDA .

Ha .18. de Janeiro tomei o Sol na foz

de Damda e na mayor altura se alevantava sobre ho horizonte .53. graos $\frac{1}{2}$. A deccinação deste dia era .18. graos .17. minutos; donde fica craro estar a foz deste rio em .18. graos .23. minutos. Esta mesma altura tomou o piloto.

CAMINHO.

Ha .19. de Janeiro me fiz á vela ante menhã. O vento era Norte bonança; posemos a proa a-Loesnoroeste. O vento hia refresquando, de modo que ás nove oras sorgimos hum bom pedaço da costa, mas ás duas oras dipois de meio dia me tornei a fazer á vela com o vento Noroeste fresco. Governaram ao Nor-nordeste. Huma ora de Sol sorgi ante Damda e Chaul, apar de huma grande renquea de penedos, qu'estam todos per ordem alevantados e em carreira.

DESCRIVÇÃO DESTES PENEDOS.

Entre Damda e Chaul lança a terra ao longo da ribeira huma ponta comprida, e entre ela e a terra firme se mete hum braço de mar pequeno, de sorte que a ponta fica co-

mo península . Nesta ponta está huma renquea de penedos pretos muito compridos e roliços , postos todos em carreira ao longuo do mar , os quais de fora parecem naturalmente cortiços ; sam per todos seis , os que fazem assi esta mostra , que he hum grande sinal pera quem hos vir saber em que paraje he , porque em toda esta costa , e creio que em todo o mundo , nam averá outra cousa que se pareça a esta . A terra que vai por cima he alta e tem por alguns lugares arvoredos . Assi a terra como os penedos , e arvores tem a mostra que aqui está pintado .

[TAVOA 12.^a]

CAMINHO .

Ha .20. de Janeiro de .1539. me fiz á vela amanhecendo . O vento era Nornordeste escasso . Governaram ao Noroeste quarta da Loeste . Menhã crara ouvimos hum tiro e di a pouco vimos ha armada do Viso-Rei obra de quatro leguoas avante de nós . Ás nove oras escasseou o vento e fes-se Nornoroeste , e loguo virei no bordo da terra governando ao Nordeste ; mas a oras de Vesporas foi o vento Nor-

oeste largo; posemos a proa ao Norte quarta de Nordeste. Duas oras de Sol sorgi fora da barra de Chaul.

CAMINHO.

Ha .21. de Janeiro amanhecendo me fiz á vela. O terreno era Nornordeste muito bonança; posemos a proa ao Noroeste. A meio dia acalmou o vento, e ventou a viração do Noroeste; polo que nos fizemos na volta da terra governando ao Nornordeste. Huma ora da noite sorgi entre ha armada qu'estava surta meia legua avante do Ilheo de Chaul.

CAMINHO.

Ha .22. de Janeiro em saindo o Sol se fez o Viso-Rei á vela. O vento era terreno como Nornordeste largo. Governamos ao Noroeste quarta de Norte. A meio dia foi o vento calma e ventou a viração do Oesnoroste; governaram loguo ao Norte. A oras de Compebras escasseou o vento e foi Noroeste; posemos a proa ao Nornordeste. Sol posto sorgimos de frente da Ilha de Maihim ou Boa-Vida, huma legua a ré do Rio do Paguode de Baçaim.

CAMINHO.

Ha .23. de Janeiro de .1539. se fez o Viso-Rei á vela , Sol saído; o vento era terreno mais que Leste . Governamos ao Nornordeste . Ás .10. oras sorgimos na Enseada do Rio do Pagnode de Baçaim .

DA BAXA QU'ESTA' NA ENTRADA DESTA
ENSEADA .

Este dia vindo eu á vela pera tomar o porto , trazendo o piloto o plumo na mão , mais por curiosidade que por lhe parecer neceçario , lançando ho plumo deu em huma baxa qu'está na entrada desta enseada , e loguo arribamos pera o mar ; mas tanto que a galé foi posta em salvo , me fui com ho piloto no batel em sua busqua , e sendo com ela lancei o plumo e achei pouco mais de duas braças , vindo o plumo muito escalavrado das pedras ; neste tempo que soldei a baxa seria meia agnoa cheia . Corre-se esta baxa com hum Illico que está nesta enseada da banda da terra que vai pola parte do Norte , Noroeste Sueste e toma hum pouco pera a quarta de Norte Sul ; e com hum dos dous picos qu'estam mui-

to alevantados no alto de huma serra fazendo grande mostra de torres e castelos, e de feito em hum está huma fortaleza chamada Carnala, e destes dous picos com ho qu'está mais ao Sul, jaz a dita baxa com ele Leste Oeste e toma alguma cousa da quarta de Noroeste Sueste. Ha desta baxa á terra da Ilha de Maíhim ou Boa-Vida casi meia legua, e á terra da Ilha do Paguode hum grande tiro de falcão.

ENTRADA DESTA BAHIA.

Pera entrarmos nesta bahia sem' dano nem receio desta baxa, cometela-emos pola banda da terra que vai da parte do Norte, onde está hum pequeno ilheo redondo e alto. Deste ilheo pera a terra, muito acheguado a ella, jaz outro ilheo raso, em que ha algum mato, o qual estando hum pouco arredado da terra parece que seja continuo com a terra firme.

ALTURA DO RIO DO PAGUODE DE BAÇAIM.

Ha .23. [de Janeiro] de .1539. tomei o Sol no Rio do Paguode de Baçaim estando em terra, e na mayor altura se alevantava sobre

ho horizonte .53. graos $\frac{3}{4}$. larguos ; era a de-
crinação deste dia .16. graos .53. minutos ;
do que fica manifesto estar a foz deste rio
em .19. graos .20. minutos escassos . Esta
mesma altura tomou o piloto .

NACIMENTO DO SOL .

.1.^a *Operação ante meio dia .*

Ha .24. de Janeiro de .1539. estando
surto nesta enseada onde está este rio que se
chama o Rio do Paguode de Baçaim , naceo
o Sol .30. graos da linha de Leste pera o Sul ;
o estilo lançou a sombra outros .30. graos con-
tando de Oeste pera o Norte .

Mas pola agulha .A. naceo o Sol entre
Lessueste e a quarta do Sueste qu'está a par
de Leste , mais cheguado hum pouco á quar-
ta que á meia partida .

.2.^a *Operação ante meio dia .*

O Sol em altura de.....20. graos ;—
De sombra do estilo.....52. graos $\frac{1}{2}$;
contando do Norte pera Oeste .

.3.^a Operação ante meio dia.

O Sol em altura de.....35. graos ;
 De sombra do estilo.....40. graos ;
 contando do Norte pera Oeste.

.4.^a Operação ante meio dia.

O Sol em altura de.....45. graos $\frac{2}{3}$. ;
 De sombra do estilo.....26. graos ;—
 contando do Norte pera Oeste .

.1.^a Operação dipois de meio dia.

Tornando o Sol estar em altura de.45. graos $\frac{2}{3}$. ;
 O estilo lançou a sombra.....51. graos ;—
 contando da linha do Norte pera Leste .

Foi loguo nesta operação ho arquo de di-
 pois de meio dia mayor que o dante meio dia
 .25. graos; he a sua metade .12. $\frac{1}{2}$. , que he
 o que neste lugar a agulha Norestea .

.2.^a Operação dipois de meio dia .

O Sol em altura de.....35. graos ;
 De sombra do estilo.....65. graos ;
 contando da linha do Norte pera Leste .

Foi loguo nesta operação ho arquo de dipois de meio dia mayor que o dante meio dia .25. graos; he o meio deles .12. $\frac{1}{2}$., que he o que neste lugar a agulha Norestea .

.3.^a Operação dipois de meio dia .

O Sol em altura de.....20. graos ;
De sombra do estilo77. graos ;
contando da linha do Norte pera Leste . .

Foi loguo nesta operação ho arquo de dipois de meio dia mayor que o dante meio dia .24. graos . $\frac{1}{2}$.; he a sua metade .12. graos . $\frac{1}{4}$., que he o que neste lugar a agulha Nor-
esteia .

CAMINHO .

Ha .24. de Janeiro de .1539. anoitecen-
do me fiz á vela de Baçaim por mandado do
Viso-Rei; o vento era Lesnordeste bonança .
Ás duas oras dipois da meia noite sorgi de fo-
ra da barra . Ha do Rio do Pagode a Ba-
çaim .3. leguoas .

DAS ESTACADAS QU'ESTAM POR ESTE MAR .

Entre o Rio do Paguode e Baçaim , per

todo mar apparecem grandes estacadas distando da terra espaço de huma legua e meia, as quaes são de arequeiras e outros grandes e poderosos paos, de grossura de mastos de mezenas de caravelas; obra sem duvida illustre e digna de ser vista e contemplada, onde craramente se nos mostra quanto mais pode a neccidade que ha arte, quanto mais aguça os ingenhos a fome que a doutrina! como sobrepujam os artificios feitos pera nosso reparo e sustentamento aos do ensino, causados per a curiosidade e fama, considerando como os moradores destas prayas pera enganarem os pezes do mar pera remedio de suas vidas fizeram obra que a Cesar deu grande nomeada, avendo entre estas duas partes tamanha desigualdade; porque a Cesar nam faltava em seu campo grandes arietes, tistudines, e outros espantosos istromentos, pera que com grandes e pesados golpes tanchassem os mastos no fundo dos rios pera que sobre eles como sobre culunas fizessem pontes, nem menos avia mingua de architetos em seo arrayal, porque neles andava Vetrivio e outros singulares barões; e assi mesmo nem Cesar nem os Romãos eram a este tempo esquecidos da fortuna, ante parecia que a tinha de sua mam, cujo favor pa-

rece ser a parte principal de todas as cousas. Mas estes vezinhos que potencia? que copia de instrumentos? que abastança de sciencias lhe vemos? que sortes de ferramentas, artelharias possuem? Certamente que á primeira vista pouca deferença fazem de bestas salvajes; eles vivem nós, suas casas são muito abaxo na pulideza e artificio, dos ninhos das aves, e covas e moradas das feras; na vida nam tem algum concerto e primor; de todo são remotos d'artes; neles nam parece poder alguma cousa ho insino; as terras que moram mais per sua grande fertilidade e abundancia, que per seos beneficios e cultura lhe dam os frutos; e sendo isto assi, apertados das neccidades cotidianas buscaram modo pera poder viver, e em suas proves e fracas almadias levam grandes e notaveis paos ao alto mar, e lá, as mãos carregando neles, os metem no fundo fazendo tamanhos lanços de estacadas que parece fazerem grande enjuria ao magno oceano e quererem-no atravessar com pontes. E são tam fortes estas estacadas, as quais ao fazer dam muita materia de rir, e se ter per obra de nenhuma sustancia e fundamento, que nem a força das aguças que neste lugar he grandissima, nem ho impito e furia dos ventos ha po-

dem deneficar e desmanchar . Lançando o plumo neste lugar das estacadas achei .7. braças d'agua e o fundo vaza .

CAMINHO .

Ha .25. de Janeiro de .1539. ao meio dia me fiz á vela, e entrei dentro do Rio de Baçaim .

ALTURA DO LUGAR DE BAÇAIM.

Ha .27. de Janeiro de .1539. tomei o Sol em Baçaim estando em terra, e na mayor altura se alevantava sobre ho Orizonte .55. graos; a deccinação deste dia era .15. graos $\frac{2}{3}$.; do que se segue estar Baçaim em .19. graos $\frac{1}{3}$. pera a parte do Norte. Esta mesma altura tomou o doutor Lois Nunes.

CAMINHO E ALTURA DA BARRA DE BAÇAIM.

Ha .29. de Janeiro de .1539. me fiz á vela de dentro do Rio de Baçaim, e sorgi de fora da barra. Pondo-me na prea-mar em cima do banco lancei o plumo e achei duas braças e meia; porem dixeram-me os pilotos da

terra que tinha comiguo, que no outro canal que vai ao longuo da mata de pedras de que na descripção deste rio se trata, avia tres braças d'agua de prea-mar. Nesta barra ha tres canais e per todos entram dentro do rio; hum deles corre ao longuo da mata de pedras, outro peguado com ho ilheo qu'está da banda do Norte da barra; mas o terceiro vai per entre estes dous, o qual no inverno se muda muitas vezes, o que jamais acontece aos outros. Este mesmo dia a oras de Sol posto chegou o Viso-Rei com toda sua armada á barra de Baçaim e sorgio de fora.

CAMINHO.

Ha .31. de Janeiro de .1539. nos fizemos á vela amanhecendo; o vento era terrenho como Nordeste bonança; governamos ao Nor-noroeste. Ao meio dia acalmou e começou a ventar o Noroeste, e loguo demos fundo obra de meia legua da Ilha das Vacas pera o Sul.

CAMINHO.

Ao .1. dia de Fevireiro de .1539. amanhecendo nos fizemos á vela; o vento era da

terra como Nordeste; posemos a proa ao Nor-noroeste; mas crescendo o dia escasseava o vento. A oras de meio dia ventava ja do Noroeste; governamos ao Norte quarta de Nordeste. Ás duas oras dipois de meio dia sorgimos casi tanto avante como onde está hum monte alto que em todo cima tem hum quocoruto que parece marmelo, do qual atras he feita menção.

Ha .2. de Fevereiro opposição; oras...17.½.

CAMINHO.

Ha .2. de Fevereiro de .1539. meuhã crara nos fizemos á vela; o vento era como Sueste calmam; quanto os navios governavam governamos ao Noroeste. A oras de meio dia ventou a viração do Sudueste galerna; fizemos o mesmo caminho. Huma ora ante de se por o Sol foi o vento de todo calma, e demos fundo em .16. braças, obra de .4. leguoas da mais perto terra, demorando-nos o piquo de Danu a Leste. Este dia da Vespora por diante orvalhou muito.

NOTAÇÃO DA DERROTA DESTE DIA .

Observando o caminho que fizemos neste dia , achei acontecer-nos o contrario da navegação que fizemos deste mesmo lugar Vespóra de Janeiro ; porque partindo daqui tal dia com o vento Nordeste governamos ao Noroeste até oras de Vespóras , e deshi saltando o vento ao Norte posemos a proa a-Loesnoeste até se por o Sol ; e em todo este tempo jamais o quocuruto ou marmelo qu'está no alto do monte , de que acima falo , nos deixou de demorar a Leste sem desviar pera parte alguma . Mas o dia doje vimos manifestamente o contrario ; d'esta maneira : tanto que marquei a cabecinha redonda do monte , que faz huma mostra como de hum marmelo , e me demorou em Leste , oulhei se me fazia alguma mudança ou nam , como quer que fizessemos o caminho do Noroeste como aconteceo os outros dias passados ; saber : Vespóra de Janeiro ; e vi que assi como hiamos andando assi nos hia a cabeça demorando pera o Sueste ; de sorte que quando ha perdemos de vista ja nos demorava ao Sueste quarta de Leste tomando inda pera o rumo do Sueste . A causa destes acontecimentos tam diferentes atrebohi ha a-

correnteza das agoas nestes dous tempos serem pera diversas partes.

OUSERVAÇÃO DO CORRER DAS AGUOAS.

Ora dipois destarmos surtos em fundo de .16. braças como ja tenho dito, vazando a maré lancei muitos paos ao mar desejoso de alcançar por qualquer via pera que parte corriam as agoas. Estes paos tanto que eram no mar incontinente os levava ha agooa tam tesos como setas caminho do Sul tomando hum pouco pera a quarta do Sueste, sem jamais se desviarem deste caminho; mas vendo eu que nam podia enxergar muito espaço estes paos, mandei lançar ao mar grandes feixes de feno, e todos fazião o mesmo caminho do Sul tomando da quarta do Sueste. Ao tempo desta ouservação andava o mar muito chaom e a galé estava virada á maré da mesma maneira que caminhavam os paos e feixes de feno.

OUSERVAÇÃO DA ORDEM QUE GUARDA
A MARE' COM A LUA.

Por quanto muitas vezes tinha notado nes-

ta costa da India que se contem de Guoa até Chaul , que ante da Lua apontar em nosso orizonte começa encher a maré , e isto em todo o tempo do anno , quiz ouservar se guardava o mar aqui esta ordenança ou nam ; e achei muita diversidade : porque neste lugar como a maré começou a encher , estava a Lua alevantada sobre ho orizonte .44 . graos .

CAMINHO .

Ás .8. oras e $\frac{1}{2}$. da noite começou encher a maré e loguo nos fizemos á vela ; o vento era da terra muito bonança como Nordeste . Posemos a proa ao Noroeste fazendo este caminho até ás .3. oras dipois da meia noite , que demos fundo em .19. braças $\frac{1}{2}$. por causa de a maré começar a vazar ; podiamos estar arredados da costa .5. ou .6. leguoas .

CAMINHO .

Ha .3. de Fevreiro de .1539. nacendo o Sol marquei com ha agulha .A. o lugar do orizonte onde apontava , e demorava-me entre a meia partida de Lessueste e a quarta do Sueste qu'está a par de Leste , tomaudo mais

pera a quarta que encontra a meia partida . Isto assi feito mandei lançar grandes feixes de feno ao mar vazando a maré , e até os perder de vista sempre fizeram o caminho de entre a meia partida do Susudueste e a quarta do Sudueste qu'está a par do Sul , sem desviarem cousa alguma pera outra parte ; e este tempo o vento era todo calma , e o mar estava mais manso e quieto que hum rio ; a galé estava virada á maré desta mesma sorte . Ora sendo ja nove oras do dia e baxa-mar nos fizemos á vela ; o vento começou a ventar de Lessueste mais muito calmam ; governamos a-Loesnoroeste . Lançando o plumo , em nos fazendo á vela , achei .17. braças , de modo que de prea-mar a baxa-mar abaxou ha aguoá .2. braças . $\frac{1}{2}$. A oras de meio dia acalmou o terreno e ventou a viração do Oesnoroeste muito bouança , e loguo saltou ao Noroeste ; ora punhamos a proa a-Loessudueste , ora ao Sudueste , até ás tres oras dipois de meio dia que sorgimos em fundo de .20. braças , sendo a este tempo prea-mar .

DA AGUOA TURVA DESTA ENSEADA .

Nam he de passar sem fazer menção da

turva e poenta aguoá desta enseada, principalmente quando a maré enche, porque nam he menos de hum polme muito basto, sendo verdade que ha aguoá corre muito mais rijo quando vaza que na enchente. O que me disto pareceo he, que como quer que nesta enseada na vazante da maré corre a aguoá com grandissima violencia, deve ser que na baxamar e inda dipois de começar ha encher, correm as aguoas pelo fundo pera a parte da vazante; mas como da outra banda contraira venham as aguoas seo caminho pera encher, encontrados estes dous movimentos diferentes, fazendo cada hum força pera vencer e passar por diante, nesta repunhancia revolverão o fundo que he vaza e area; e dipois de movido, como seja leve, virá á soperficia do mar, donde ficará assi turvo e poento. Tambem vi por esta enseada grandes manchas vermelhas e muito barrentas. Na baxamar de todo lancei o plumo e achei .18. braças.

DO CORRER DAS AGUOAS VAZANDO A MARE'.

Estando surtos tanto que a maré começou a vazar nam levando inda grande impito, lancei ao mar alguns feixes de feno, os

quais até os perder de vista fizeram o caminho per entre o Sul e quarta do Sueste ; mas tanto que a maré começou a correr com toda sua força, lançando paos e feixes de feno fizeram sempre o caminho per entre o Sueste e a quarta do Sueste qu'está a par do Sul; o que aconteceu da mesma maneira do que ousei oje pola manhã; a galé assi mesmo estava virada á corrente pela propia via.

Ha .4. de Fevreiro de .1539. todo dia estivemos surtos sem ventar bafo de vento . A meio dia tomei o Sol e na mayor altura se alçava sobre ho orizonte .56. graos . $\frac{1}{3}$. ; a decrinação deste dia era .13. graos .7. menutos ; do que fica craro estarmos em altura de .20. graos .27. menutos . Esta mesma altura tomou o piloto . Acabado per esta maneira de tomar o Sol , ousei que oras fazia o relógio quando per meo estrelabio começace o Sol a decrinar , e em sentindo que decia eram no relógio huma ora e hum quarto dipois de meio dia .

PERA QUE PARTE CORREM AS AGUOAS
NA PREA-MAR .

Feita minha consideração, notando que en-

chia a maré, lancei ao mar paos e feixes de feno pela ordem costumada; a este tempo seria meia aguoá cheia, e até perder de vista estes paos e valizas sempre jamais fizeram o caminho do Nordeste quarta do Norte, tomando pouca cousa pera a meia partida do Nornordeste; porem sendo obra de tres quartos da guoa cheia, fazendo a mesma operação achei que faziam os paos outro caminho; saber: pera entre o Nornordeste e a quarta do Nordeste qu'está a par do Norte; e isto aconteceu até ser preamar de todo. Segue-se logo que de tres quartos da guoa por diante corre a maré pera a parte contraira donde vaza, e assi mesmo que quando a maré começa ha encher as agoas correm ao Nordeste quarta do Norte, e quanto a maré se vai chegando a preamar, tanto as agoas vão correndo pera o Norte.

DO QUE ALÇA HA AGUOA.

Sendo preamar lancei o plumo e achei .20. braças, mas na baxamar achei .18.; logo neste lugar alça ha aguoá duas braças de agoas vivas.

CAMINHO.

Ha .5. de Fevireiro de .1539. nacendo o Sol nos fizemos á vela; o vento era Lesnordeste muito bonança; a maré vazava; governamos ao Noroeste. Das .7. oras por diante começou o vento de refresquar, e das .10. oras até o Sol posto governamos a-Loesnordeste; o vento das .4. oras dipois de meio dia acalmou. Sol posto sorgimos em .15. braças $\frac{1}{2}$.; o fundo era area. Todo este dia fui soldando e as deferenças do fundo que achei sam estas.

Ás .7. oras da manham	18. braças.—
Ás .10. oras.	12. braças $\frac{1}{2}$.
Ás .11. oras.	15. braças.—
Ás .12. oras.	15. braças $\frac{1}{2}$.
Ha .1. ora	17. braças.—
Ás .2. oras.	17. braças.—
Ás .3. oras $\frac{1}{2}$	17. braças $\frac{1}{2}$.
Ás .4. oras $\frac{1}{2}$	16. braças $\frac{1}{2}$.
Ás .5. oras $\frac{1}{2}$	13. braças $\frac{1}{2}$.
Hum pouco Sol posto	16. braças.—
Sol posto	15. braças.—

He de notar que de todas estas vezes que fiz lançar o plumo achei vaza; somente quando acharam .13. braças $\frac{1}{2}$, e em dando fundo, achamos area. Este dia nam andou ha a-

guoa tam turva e envolta como os dias passados, e casi noite começando a vazar a maré lancei ao mar paos e feixes de feno e levaram o caminho do Sudueste quarta da-Loeste; ha aguoas a este tempo corria pouco.

DAS MANCIAS VERMELHAS E DO GRANDE
CORRER DAS AGUOAS NESTA ENSEADA.

He cousa dina de se notar a grande corrente das aguoas nesta enseada, porque tenho visto muitas vezes que humas almadias muito bem esquipada como quer que se desamarrava, jamais podia tornar a cobrar o navio donde se partira. Vencendo estas almadias em toda outra parte a furia dos ventos e corrente do mar, aqui são vencidas das aguoas, de sorte que sua grande ligeireza nam tem aqui lugar, e per esta maneira se pagam e vingam das forças e injurias que se fazem. Assi mesmo he de considerar como per todo este parcel aparecem grandes manchas muito vermelhas como sangue. Creio que nam devia ser mayor ha ocasiam que deu ao Sino Arabico nome de Mar Roxo. Onde quer que apparecem estas manchas se mostra ha aguoas turva e emborilhada, e algumas vezes se vê huns

espaços muito grandes vermelhos; a causa disto ser assi nam a pude alcançar, nem me satisfez rezam alguma que me dessem.

CAMINHO; E OUSERVAÇÃO DO SOL
E CORRER DAS AGUOAS.

Ha .6. de Fevireiro de .1539. nacendo o Sol, o estilo lançou a sombra .25. graos escassos da linha da-Loeste pera o Norte; assi que naceo o Sol .25. graos escassos contando da linha de Leste pera o Sul. Mas fazendo ouservação pela agulha .A. , achei que naceo o Sol a Leste quarta do Sueste e tomava hum pouco pera a meia partida de Lessueste; a este tempo o vento era de todo calma e esteve a mayor parte do dia sem ventar de nenhuma parte. Ora sendo hum quarto daguoa vazia, lancei ao mar muitos paos e feixes de feno, e sempre levaram directamente o caminho do Sudueste sem desviarem pera outra parte; e tanto que ha aguoa teve vazado dous quartos daguoa, loguo começou andar turva e poenta e virem grandes rolheiros daguoa muito vermelhos e cheios de poo; e todo outro tempo esteve aguoa crara e limpa. Sendo ora e meia ante Sol posto nos fizemos á vela;

o vento começou a ventar do Oessudueste bonança; governamos ao Noroeste até ás .10. oras da noite, onde sendo preamar demos fundo em .14. braças. Em quanto foi dia soldei duas vezes; de huma achei .14. braças $\frac{1}{2}$., e da outra .15.; mas de noite fazendo lançar tres vezes o plumo, da primeira achamos .12. braças $\frac{1}{2}$., da segunda .13., da terceira .13. $\frac{1}{2}$. Este dia querendo-se por o Sol, o estilo lançou a sombra .2. graos contando de Leste pera o Norte, ou .88. graos do Norte pera Leste que he o mesmo; e pola agulha .A. pos-se o Sol a-Loeste quarta do Sudueste e tomava hum pouco pera a meia partida da-Loessudueste.

CAMINHO .

Ha .7. de Fevireiro de .1539. Sol saído nos fizemos á vela; o vento era Norte calmam; governamos a-Loesnoroeste; a maré vazava. Das .8. oras por diante foi o vento alargando, e refesquou até ventar de Leste galerno. A meio dia tomei o Sol e na mayor altura se alevantava sobre ho horizonte .57. graos; $\frac{1}{3}$. a deccinação deste dia era .12. graos .5. minutos; do que se segue estarmos em altura

de .20. graos .35. minutos. Passado meio dia obra de meia ora , vimos terra e logo governamos ao Nornoroeste. Huma ora ante Sol posto fomos com ela , e sorgimos em .12. braças, huma leguaa pera o Sul do Rio de Madrafava , do qual rio e terra a conhecença he esta . Este dia andou a aguaa, muito crara, e nam vimos as manchas vermelhas .

CONHECENÇA DA TERRA E RIO DE MADRAFAVA.

Vindo de mar em fora parece huma terra muito baxa , a qual faz huma cor brancaça e alvaçam. Nesta terra nam se alevantam arvores algumas ; e muito metido pela terra dentro está hum monte alto casi redondo , mas em todo cima he agudo . Deste monte pera a banda de Leste sai hum comprido lanço de serra, indo em huma mesma altura nam se erguendo tanto como o monte ; e assi como se vai esta serra arredando do monte , assi se vai abaxando, e parecendo mais igual do campo ; mas do monte pera a parte da-Loeste nam se mostra salvo huma terra baxa , e hum espinhaço que sai das raizes deste monte correndo na mesma volta de Oeste *;

* Nota que deste espinhaço se alevanta hum

e em toda esta terra este monte somente está herguido, o qual demorando-nos ao Noroeste ficar-nos-ha a boca do Rio de Madrafava ao Norte. A costa nesta parte se corre Leste Oeste quarta de Nordeste Sudueste. A mostra do monte he como aqui está pintado *. Este mesmo dia soldei, metendo huma ora pouco mais ou menos entre solda e solda; e o fundo que achei he o seguinte:

Solda do parcel.

A primeira vez achamos.....	13. braças.	—
Segunda.....	13. braças.	—
Terceira.....	13. braças.	$\frac{1}{2}$.
Quarta.....	14. braças.	—
Quinta.....	14. braças.	$\frac{1}{2}$.
Seista.....	15. braças.	—
Setima.....	15. braças.	—
Oitava.....	14. braças.	$\frac{1}{2}$.
Nona.....	14. braças.	—

Este dia que foi .7. de Fevereiro de .1539. fiz as operações que se seguem.

montezinho que parece coricheo e está perto do monte grande. — *Nota marginal do A.* —

* Falta a pintura desta mostra do monte. Em branco se acha a folha que lhe era determinada. — *O Publicador.* —

.1. *Operação ante meio dia.*

O Sol apontando no horizonte0. —
 O estilo lançou a sombra65. graos;
 contando do Norte pera Oeste; do que se segue nacer o Sol .65. graos contando do Sul pera Leste.

.2. *Operação ante meio dia.*

Estando o Sol em altura de.....29. graos;
 O estilo lançou a sombra51. graos;
 contando do Norte pera Oeste.

.3. *Operação ante meio dia.*

Estando o Sol em altura de....40. graos; —
 O estilo lançou a sombra.....40. graos $\frac{1}{2}$.;
 contando do Norte pera Oeste.

.1. *Operação dipois de meio dia.*

Tornando o Sol estar em.....40. graos; —
 O estilo lançou a sombra.....64. graos $\frac{1}{2}$.;
 contando do Norte pera Leste.

Foi loguo nesta operação ho arco de dipois de meio dia mayor que o dante meio dia

do, nos fizemos á vela ; o vento era Norte calmam ; caminhamos ao longuo da costa . Das dez oras por diante começou a ventar a viração , e ás .4. oras dipois de meio dia sor-gimos diante da grande cidade de Dio . Nosso Senhor seja louvado . Corre-se a costa do Rio de Madrafaba até Dio , Leste Oeste quarta de Nordeste Sudueste . Ha na rota .5. leguoas .

Estando dentro da cidade e rio de Dio fiz as ouseruações que se seguem .

NACIMENTO DO SOL .

Ha .10. de Fevireiro de .1539. estando o Sol no primeiro grao de Pices , pelo estromento da lamina naceo .23. graos $.\frac{1}{2}.$, contando da linha de Leste pera o Sul ; o estilo lançou a sombra outros .23. graos $.\frac{1}{2}.$ contando de Oeste pera o Norte .

Mas pela agulha .A. naceo o Sol a Leste quarta do Sueste e tomava muito pouco pera a banda do Sueste , em que podia aver .2. graos .

ALTURA DE DIO .

Ha .16. de Fevereiro de .1539. tomei o Sol estando em terra, e na mayor altura se alevantava sobre ho orizonte .60. graos $\frac{1}{2}$. largos; a decrição deste dia era .8. graos .48. minutos; do que fica craro estar Dio em altura de .20. graos $\frac{2}{3}$. escassos; esta mesma altura tomou o piloto .

SOLDA DA BARRA DE DIO .

Ha .14. de Fevereiro de .1539. soldei a barra de Dio sendo baxa-mar, e achei huma braça e meia daguoa; e isto aconteceu sendo as aguoas mortas .

Outra solda da mesma barra .

Ha .16. de Fevereiro de .1539. tornei a soldar a barra de Dio sendo prea-mar de todo, e achei .15. palmos daguoa; e no mesmo dia soldando de baxa-mar achei .10. palmos escassos .

Outra solda .

Ha .17. de Fevereiro de .1539. tornei a

soldar a mesma barra sendo prea-mar, e achei .16. palmos daguoa; e soldando na baxa-mar deste dia achei .8. palmos $\frac{1}{2}$.

Ha .18. de Fevereiro de .1539.,
Conjunção, oras 7. $\frac{1}{2}$.

Outra solda.

Ha .18. de Fevereiro de .1539. sendo a Lua nova tornei a soldar esta barra, e sendo prea-mar achei .16. palmos daguoa; e soldando na baxa-mar deste dia achei .8. palmos escassos.

Outra solda.

Ha .19. de Fevereiro de .1539. tornei a soldar a barra e sendo prea-mar achei .16. palmos daguoa; e soldando na baxa-mar deste dia achei .8. palmos.

Ha .22. de Fevereiro de .1539. me fui a terra, e levando meu estromento comiguo fiz as seguintes operações.

.1. Operação ante meio dia.

Estando o Sol em altura de.....34. graos ;
 O estilo lançou a sombra.....55. graos ;
 contando do Norte pera Oeste .

.2. Operação ante meio dia.

Estando o Sol em altura de43. graos $\frac{1}{2}$.;
 O estilo lançou a sombra.....47. graos ;—
 contando do Norte pera Oeste .

.3. Operação ante meio dia.

Tendo o Sol d'altura50. graos ;
 O estilo lançou a sombra.....38. graos ;
 contando do Norte pera Oeste .

.1. Operação dipois de meio dia.

Tornando o Sol a estar em.....50. graos ;—
 O estilo lançou a sombra.....60. graos $\frac{1}{2}$.;
 contando do Norte pera Leste .

Foi loguo nesta operação ho arquo de di-
 pois de meio dia mayor que o dante meio dia
 $\frac{22}{100}$. graos $\frac{1}{2}$.; he a sua metade $\frac{11}{100}$. graos
 $\frac{1}{4}$. , que he a quantidade que neste lugar a a-
 gulha Norestea .

.2. Operação dipois de meio dia.

Estando o Sol em altura de...43. graos $\frac{1}{2}$. ;
 O estilo lançou a sombra70. graos ; —
 contando do Norte pera Leste.

Foi loguo nesta operação ho arco de di-
 pois de meio dia mayor que ho dante meio .23.
 graos ; he o meio deles .11. graos $\frac{1}{2}$. , que
 he o que a agulha Norestea .

.3. Operação dipois de meio dia.

Estando o Sol em altura de....34. graos ; —
 O estilo lançou a sombra77. graos $\frac{1}{2}$. ;
 contando do Norte pera Leste.

Foi loguo nesta operação ho arco de di-
 pois de meio dia mayor que o dante meio dia
 .22. graos $\frac{1}{2}$. ; a sua ametade he .11. graos
 $\frac{1}{4}$. , que he o que a agulha Norestea .

ALTURA DE DIO .

Este mesmo dia que foi .22. de Fevirei-
 ro de .1539. tomei o Sol e na mayor altura
 se alevantava sobre ho orizonte .63. graos es-
 cassos ; a decrimação deste dia era .6. graos
 .52. menutos ; do que se segue estar Dio em
 .20. graos $\frac{2}{3}$. , escassos .

SOLDA DA BARRA DE DIO.

Ha .23. de Fevereiro de .1539. soldei a barra e sendo baxa-mar achei .8. palmos dagua; e vindo a preamar tornei a soldar e achei .16. palmos $\frac{1}{2}$.

Outra solda.

Ha .26. de Fevereiro tornando a soldar a barra sendo baxa-mar, achei .10. palmos dagua.

Outra solda.

Ha .28. de Fevereiro de .1539. tornei a soldar a barra e sendo preamar achei .15. palmos dagua e na baxa-mar .10. palmos.

Outra solda.

Ha .2. de Março de .1539. tornei a soldar a barra e sendo preamar achei .16. palmos dagua.

*Ha .4. dias de Março de .1539.,
Oposição; oras .8., minutos .34.*

Outra solda da barra.

Ha .6. de Março de .1539. tornei a soldar a barra, e sendo preamar achei .16. palmos dagua largos; e sendo baxamar tornei a soldar e achei .9. palmos escassos.

NACIMENTO DO SOL.

Ha .10. de Março de .1539. me fui á lagea de Dio sendo baxamar, e nacendo o Sol o estilo lançou a sombra .11. graos $\frac{1}{2}$, contando da-Loeste pera o Norte; logo naceo o Sol outros .11. graos $\frac{1}{2}$. contando de Leste pera o Sul.

Mas pola agulha .A. naceo o Sol directamente a Leste sem desviar pera nenhuma parte.

E logo ouservando pela agulha .B., naceo o Sol por ela a Leste quarta do Sueste justamente.

E pola agulha .C. naceo o Sol a Leste quarta do Sueste tomando hum pouco pera Lessueste.

POIMENTO DO SOL.

Querendo-se por o Sol o estilo lançou a

sombra .11. graos contando de Leste pera o Norte ; logo pos-se outros .11. graos contando da-Loeste pera o Sul .

Mas pela agulha .A. pos-se o Sol diretamente a-Loeste , sem desviar pera nenhuma parte .

E logo pola agulha .B. se pos o Sol a-Loeste quarta do Noroeste justamente .

E pola outra agulha chamada .C. se pos o Sol a-Loeste quarta do Noroeste tomando hum pouco pera Oesnoroste .

Currelario .

Destas cousas se segue que a agulha do meu estromento Norestea .11. graos $\frac{1}{4}$., que val hum quarto da circumferencia da agulha ; e que ha agulha .A. julga direito sem variar pera nenhuma parte ; e assi mesmo se segue que ha agulha .B. Norestea huma quarta , e que ha outra agulha chamada .C. Norestea mais de huma quarta .

NACIMENTO DO SOL O DIA DO EQUINOCIO .

Ha .11. de Março de .1539. fui amanhecer á mesma lagea , levando comigo o piloto

e onze agulhas, e fiz a seguinte observação, sendo presente o doutor Lois Nunes.

.1. *Agulha.*

Primeiramente nascendo o Sol o estilo lançou a sombra .11. graos $\frac{1}{2}$. contando da-Loeste pera o Norte; logo nasceu o Sol .11. graos $\frac{1}{2}$. de Leste pera o Sul.

.2. *Agulha.*

Mas pola agulha .A. nasceu o Sol directamente a Leste.

.3. *Agulha.*

E logo pola agulha .B. nasceu o Sol a Leste quarta do Sueste.

.4. *Agulha.*

E pola outra agulha chamada .C. nasceu o Sol a Leste quarta do Sueste tomando hum pouco pera Lessueste.

.5. *Agulha.*

Per outra agulha nasceu o Sol entre Les-

te e a quarta do Sueste alguma cousa mais chegado á quarta que ho rumo .

.6. *Agulha* :

Per outra agulha naceo o Sol a Leste quarta do Sueste .

.7. *Agulha* .

Per outra a Leste quarta do Sueste .

.8. *Agulha* .

Per outra agulha naceo o Sol a Leste quarta do Sueste .

.9. *Agulha* .

Per outra agulha naceo o Sol casi a Les-sueste .

.10. *Agulha* .

Per outra agulha naceo o Sol casi a Les-sueste .

.11. *Agulha* .

Per outra agulha naceo o Sol a Leste quar-

ta do Sueste, e tomava hum pouco pera Lessueste.

.12. *Agulha.*

Per outra agulha naceo o Sol a Leste quarta do Sueste e tomava alguma cousa pera Leste.

Acabado per esta maneira de ouservar o nacimiento do Sol per estas agulhas, pera mais certificação detreminei de marcar todas estas agulhas com huma certa balisa fixa, a ver se o joizo que eu e ho piloto fizemos no nacimiento do Sol concertava nestoutra consideração. E logo tomando ha agulha .A. marquei o meio da Torre do Baluarte do Mar, e corria-se com a lagea, Leste Oeste quarta de Noroeste Sueste; e fazendo o mesmo com as outras agulhas borneando muito devagar achei as propias deferenças que sentimos no nacimiento do Sol; quero dizer, as duas agulhas que mais Noresteavam, per ambas se corria o meio da Torre com esta lagea Noroeste Sueste quarta de Leste Oeste, tomando alguma cousa escontra Lessueste; e pelas agulhas que naceo o Sol a Leste quarta do Sueste, se corriam estas marcas Lessueste Oesnoroste; e

assi mesmo as outras na mesma quantidade que descreparam da agulha .A. no nacimiento do Sol, desviaram nestas duas balisas e rota da lagea com o meio da Torre : polo que julguei a operação estar bem feita.

ALTURA DE DIO.

Este mesmo dia que foi aos .11. de Março e dia do Equinocio , tomei o Sol estando no Baluarte do Mar , e na mayor altura se alevantava sobre ho horizonte .69. graos casi ; loguo o que faltava pera o meu Zenit era elevação do polo , e o que faltava era .20. graos $\frac{2}{3}$. casi , que he ha altura de Dio .

DESCRIVÇÃO DA ILHA DE DIO .

A ilha onde está edificada a nobre e guerreira Cidade de Dio terá huma legua e meia de comprido , e de larguo pouco mais de hum quarto de legua . O rio que divide esta ilha da terra firme pola mayor parte nam será mais larguo de hum tiro de pedra , e onde se alargua mais chegará até hum tiro de bésta . Este rio sendo baxa-mar per tres lugares fica em sequo , e por estes tres passos

atravessam da terra firme ha ilha ; o que nam acontece per toda outra parte , assi por aver muita aguaoa , como por caso da vaza e atoleiros que leva o fundo do rio . Obra de huma legua da barra está o primeiro passo e mais vezinho á cidade , no qual ao presente os Guzarates lavraram huma manifica ponta mossiça , deitando no fundo do rio grandes pedras , e tanto que ho entulho chegou á superficie da aguaoa fizeram ha obra de pedra e qual muito fermosa . Toda esta ilha he muito cham . Ha nela muitos poços de boa aguaoa . A parte della que se opoem ao nacimiento do Sol no Equinocio , he muito estreita , e tanto mais quanto se avezinha ao mar e rompe per ele dentro , onde ja muito adelguaçada acaba fazendo hum angulo agudo alevantado e sobranceiro sobre o mar , de viva pena talhada ; a este angulo chamam os Portugueses a Ponta da Fortaleza , diante da qual ponta jazem huns penedos muito grandes , e deles pola façe do mar sai huma restingua de pedra que comprehende pouco espaço .

DESCRIVÇÃO DA CIDADE DE DIO .

Dio he cidade muito moderna , porem no-

bre e conhecida em todo ho oniverso . Nela o polo do Norte se alevanta .20. graos $\frac{2}{3}$. casi. Jaz edeficada na ponta da ilha que olha o nacimiento do Sol o dia do Equinocio . A sua fegura he triangular , porque do angulo agudo , que acima dixे chamar-se a Ponta da Fortaleza , sai dous lanços de muro muito compridos ; hum deles corre ao longuo da costa na volta da-Loessudueste até encontrar com hum grande e poderoso Baluarte chamado de Dioguo Lopez de Siqueira , por combater por aqui a cidade ; e tem este lanço de muro de comprido mil e onze braças , ha .8. palmos a braça , e todo vai fundado sobre hum alto e enespunhavel rochedo ; mas ho outro lanço que sai do mesmo angulo ou ponta da Fortaleza vai diretamente caminhando a-Loeste quarta de Noroeste pela borda e praya do rio ; tem este lanço do muro de comprido mil e trinta e cinco braças , e onde se termina s'alevanta hum grande e fermoso baluarte ; e daqui corre o terceiro lado , levando o caminho do Norte Sul quarta de Nôroeste Sueste até dar no Baluarte de Dioguo Lopez ; tem este lanço de comprido setecentas e sinquoenta e seis braças , avendo per todo ele muitas torres e baluartes . A largura do muro he de onze pees ; nam he

lavrado com cal, mas tem muito fermosa cantaria pela faça de fora e de dentro, e no meio vai hum entulho de casqualho. Diante deste muro corre huma grande e largua cava que o cinge todo de mar a mar: assi que todos os tres lanços deste muro comprehendem duas mil e oitocentas e duas braças.

RIO.

O porto e rio desta cidade jaz ençarrado entre a ponta da Fortaleza e outra ponta que lança a terra firme qu'está da outra parte do rio da banda do Nordeste. Averá de huma ponta á outra caminho de huma legua; correm-se ambas Lesnordeste Oessudueste, e neste meio jaz huma grande lagea, da qual per cada hum dos lados sai huma comprida restingua de pedra; huma corre directamente á ponta da Fortaleza, e outra pera a oposita parte. Terá cada huma destas restinguas de longura tiro e meio de pedra. Esta lagea com a ponta da Fortaleza estam em rota de Nordeste Sudueste quarta de Leste Oeste, e assi mesmo com a ponta da terra firme; mas a lagea com a Couraça da Fortaleza jaz Leste Oeste quarta de Nordeste Sudueste, e com o

meio do rio Leste Oeste quarta de Noroeste Sueste. O espaço que dela pode aver á ponta da Fortaleza nam passará de hum tiro de berço. Ora quanto á terra que vai a longuo do rio de cada parte, he de saber, que da ponta da Fortaleza pera dentro do rio corre a terra directamente ao Ocidente, mas da outra ponta contraposta a esta; saber: a que lança a terra firme, se vira a praya pera dentro da terra e dipois de fazer muita entrada torna a virar pera a cidade, metendo-se pelo rio acima, e no cabo mete huma comprida e estreita lingua darea, onde está huma fortaleza a que chamam Gogala, e os Portugueses a Vila dos Rumes. Na ponta desta lingua darea fizeram os Portugueses hum fermoso baluarte muito redondo; a grossura das paredes tem .24. pees; e loguo desta ponta a praya se torna a recolher e virando por de tras da Vila dos Rumes, entra apos ela hum isteiro, o qual cerqua este sitio de tal sorte que per esta parte o isteiro e pela outra o rio fazem esta Vila dos Rumes peninsula. Polo isteiro dentro, de baxa-mar acharemos huma braça e meia, e o fundo vaza; ha aguoá corre pouco; de dentro dele nam aparece a Cidade, Fortaleza, nem o Baluarte do Mar; he bo-

nissima estancia pera emvernar. E avemos de saber que a terra que se mete entre o istei-ro e rio, per de tras da Vila dos Rumes, tem de larguo .76. braças, tudo darea muito raza, na qual a tres e quatro palmos acham aguoa. Dentro da Vila dos Rumes ha muitos poços mas de roim aguoa. Ora este espaço que diguo de .76. braças que jaz entre o rio e isteiro, quigera el-Rei de Cambaya cortar e fazer-se aqui forte vindo os Mogores apos eles; mas ha obra nam foi acabada e somente ficou ametade por fazer, ora seja que a sua morte entreteve a obra, ora qualquer outra causa que nam he cheguada á minha noticia. E certamente que considerando muitas vezes no sitio desta Vila dos Rumes, parece-me nenhum outro aver mais forte; porque da banda do isteiro pera a terra he tudo alagadiço, e da parte da angostura por onde se começou a cortar vai huma estreita e comprida planicia, e das outras bandas a cerqua o rio. Corre-se este rio bem pelo meio Leste Oeste quarta de Noroeste Sueste.

DO BALUARTE DO MAR.

Entre ha fortaleza de Dio e a Vila dos

Rumez, casi no meio do rio, está hum forte lagedo e penedia, sobre a qual está edeficado hum grande e fermoso baluarte com hum comprida couraça, o que juntamente chamam o Baluarte do Mar. Ho edeficio todo he desta maneira.

Sobre a barra e de dentro da boca do rio está hum baluarte muito grande, e casi redondo, com muitas bombardeiras ao lume dagueo; a longura dele he .18. braças e .9. a largura; a grossura do muro e ameas tem .8. palmos; e loguo no cabo deste baluarte, qu'está mais pelo rio acima se alevanta hum poderosa torre quadrada; a longura sua he .7. braças $\frac{1}{2}$, e .4. a largura; as paredes tem a grossura deferentemente; porque da banda do mar; saber: de Leste, a grossura do muro he .17. palmos, mas da banda da cidade donde se vira ao Poente tem .9. palmos o muro e da outra parte .6.; porem a quadra qu'está oposta á Vila dos Rumes tem o muro .12. palmos. Desta torre pelo rio acima; saber: na volta da-Loeste sai hum couraça, que tem de comprido .32. braças e de larguo .4.; esta couraça de hum e outra parte he cheia de bombardeiras ao lume dagueo; tem o muro

desta couraça .8. palmos de grosso. Esta torre , baluarte, e couraça nam sam lavrados com cal , mas a faça de fora e de dentro de fermosa cantaria e no meio entulho de cascalho. Ha entrada do rio he bem pelo meio deste baluarte e a fortaleza ; averá de huma parte á outra hum tiro ^{de}despingarda ; mas deste baluarte á Vila dos Rumez e terra firme hum grande tiro de berço ; e por aqui ao longuo deste baluarte se faz hum canal muito estreito por onde somente por esta banda da terra firme se pode passar, muito cosidos com o baluarte e couraça ; o que he causado por esta rezam . Da Vila dos Rumez , de que ja tenho feito menção, sai huma restingua d'area muito comprida , a qual correndo pera a barra ao longuo do baluarte pára hum pouco avante dele , de sorte que entre a restingua e ho baluarte fica hum estreito canal, per onde he huma das entradas. Em todo este canal o mais baxo he na entrada, onde de baxa-mar ha sete palmos e de prea-mar .14. A restingua d'area na baxa-mar fica toda descuberta, e por ela estam muitas estacadas, que fazem a entrada mais defecultosa e defensavel. Ora do baluarte que dixee estar sobre a barra e entrada do rio sai huma restingua de pedra arte-

fecial, a qual fizeram os Mouros pera fortaleza e defensão do rio; esta restingua entra até meio do rio, correndo diretamente escontra a Couraça da Fortaleza, e faz o caminho do Sul quarta do Sudueste. Esta couraça, torre, baluarte se pode alargar, .16. braças, e alongar .10., sobre huma forte e dura penedia.

ENTRADA DA BARRA DE DIO.

Estando de dentro da lagea vereis a ponta da terra firme que acima dixé, e querendo entrar pera dentro da barra ponde-vos Leste Oeste e tome da quarta de Nordeste Sudueste com esta ponta. Isto assi feito vereis á borda do rio hum caramanchão que se faz em huma barroca, o qual está com a ponta que dixé na mesma rota; de sorte que avemos sempre de levar a proa neste caramanchão ou morrozinho, a qual irá a-Loeste quarta do Sudueste nam variando nada a agulha; e desta maneira pelo alto do canal e meio do rio; saber; per entre o Baluarte do Mar e a Fortaleza; e indo assi passareis pouco mais de hum tiro de manqual da ponta da restingua que lança o Baluarte do Mar; mas tanto qu'es-

tiverdes de dentro desta restingua , poreis a proa no Baluarte da Vila dos Rumes que fizeram os Portugueses, e nam vos chegueis mais ao Baluarte do Mar, e indo assi cada vez achareis mais fundo. O lugar do sorgidouro he na praya da cidade perto da terra; e aqui sendo baxa-mar ha .3. braças, e nesta parte a largura do rio será hum tiro de bésta. Esta barra cometeremos sempre indo da lagea, porque encontra a Vila dos Rumes e terra que vai por essa banda he baxo.

ALTURA DA AGUOA NA BARRA .

Nesta barra de agoas vivas acharemos .16. palmos . $\frac{1}{2}$. dagua, sendo prea-mar; e de baxa-mar .8.; porem de agoas mortas de prea-mar .15. palmos e de baxa-mar .9. folgados; e nesta barra nas conjunções da Lua alevanta a agoa mais que nas oposições, e todolas enchentes e vazantes sam mayores di-noite que de dia .

HA ORDEM QUE GUARDAM AS MARE'S.

Em este rio apontando a Lua no orizonte he baxa-mar de todo; e começando a so-

bir per nosso emisperio loguo a maré começa a encher até a Lua se por no merediano da cidade, onde he prea-mar; mas como quer que a Lua dece e caminha pera ho orizonte, a maré começa a vazar até a Lua se por no circulo do orizonte, onde he baxa-mar. Esta ordem e concerto he tam pontual, que parecem estes dous movimentos serem hum mesmo.

Ha .20. de Março, Conjunção; oras .6. ante meio dia, minutos .18.

DE HUMAS GRANDES ENCHENTES, QUE
FORAM COM A LUA DE MARÇO.

Ha .21. de Março de .1539. creceo tanto o rio que nos pos a todos muito espanto, correndo ha aguoas com tamanho impito que nenhuma força de remos a podia vencer; soldando a barra achei de prea-mar .17. palmos e meio, na baxa-mar .7.; polo que parece que teve rezam Plinio de dizer no Livro .2.º Capitulo .99. que no Equinocio de Primavera alevantavam as agoas muito. Ora rodeando nesta baxa-mar o Baluarte do Mar, vi a penedia sobre qu'está assentado por ficar descarnada com a grande mingunte, a qual he

cousa fortissima e pera sobre ela se edefiquar huma grande força.

Outra mayor enchente.

Ha .22. de Março de .1539. foram outras mayores agoas neste rio, onde na baxamar descobrio toda a restingua que sai do Baluarte do Mar, e assi a estacada que corre ao longuo dela; soldando a barra na baxamar achei .6. palmos $\frac{1}{2}$. , e de preamar .18.

Outra enchente mayor.

Ha .23. de Março de .1539. foi outra enchente mayor que as passadas, porque o Baluarte da Vila dos Rumes ficou ilha; e o quais onde desembarcam foi cuberto dagua; e entrou o mar pelas bombardeiras da Couraça do Baluarte do Mar e o mesmo aconteceu na Couraça da Fortaleza. Nam pude nesta enchente medir a barra salvo dipois que ha agoa começava ha vazar espaço de hum ora, no qual tempo achei .19. palmos largos. Este dia foi o vento Sul e Sudueste muito bonança, e a lagea nam aparecia algum sinal donde estava.

[TAVOA DE DIO].

DESCRIVÇÃO DE DIO. (*)



CAMINHO.

Ha .24. de Março de .1539. nacendo o Sol me fiz á vela , levando comiguo as reliquias da Armada que hi deixou o Viso-Rei ; o vento era Oesnoroste galerno ; até ás .10. oras do dia governamos ao Sueste ; e deshi até se por o Sol saltou o vento ao Sul assi mesmo galerno ; governamos á meia partida de Lessueste. Ao tempo que se punha o Sol demorava-nos Dio ao Noroeste quarta d'a-Loeste ; podia aver na rota .6. leguoas até .7. ; e o monte alto e redondo , que he a conhecença da cidade , ao Nornoroeste e tomava alguma cousa escontra o Noroeste ; estariamos da mais perto terra obra de .4. leguoas .

* Falta no original a integra desta descripção , que deveria ser em referencia á *Tavoa* ; e ficou em branco o espaço que o A. lhe réservára. — *O Publicador.* —

Dinoite alargou mais o vento alguma coisa ; até ás .10. oras governamos ao Sueste , mas di até amanhecer posemos a proa ao Sueste ; foi toda a noite o vento muito bonança.

CAMINHO.

Ha .25. de Março de .1539. amanhecendo foi o vento Nornordeste fresco ; governamos ao Sueste quarta de Leste . Dipois de meio dia abonçou o vento e foi o mesmo ; fizemos o caminho do Sueste quarta de Leste até anoitecer . Este dia soldei .3. vezes ; saber : pola manhã achei .18. braças , e ao meio dia .18. , e ha Vespora .20.

Dinoite obra de duas oras da Prima governamos ao Sueste , e ouvimos hum tiro grosso , e di a pouco vimos hum foguo que nos demorava a Leste , e loguo governamos a ele , crendo que o fazia Dom Joham Mascarenhas , que a noite passada se perdeo da companhia ; e governando ao foguo per espaço de huma ora , considerando o grande resprandor que dava , e assi mesmo parecer ser feito em lugar alto , e juntamente a estas causas se ajuntava apparecerem outros algum tanto separados ,

incontinentemente mudei conselho; e tirando hum tiro virei na volta do Susueste, avendo que o fogo se fazia em terra, sem embargo que na galé avia a openiam comum em contrario. Ora indo assi no quarto da Modorra fes-se o vento Norte e ventou rijo; duas oras ante meinhã tomei a vela grande e caminhei com o traquete, levando sempre a proa ao Susueste. Esta noite mandei lançar o plumo .3. vezes e de todas achamos .19. braças.

CAMINHO .

Ha .26. de Março de .1539. amanhecendo vimos a terra qu'está sobre Baçaim, demorando-nos a serra alta e mesa, que he a conhecida do lugar, a Leste; podiamos ser da barra .4. leguoas; e logo governamos pera a terra pondo a proa a Leste. Ás .10. oras eramos com ella. A este tempo fes-se o vento Noroeste e ventou muito rijo alevantando grande mar, polo que corremos a fim de roda ao longuo da ribeira. Sol posto eramos tanto avante como Chaul.

Dinoite no quarto da Modorra foi o vento de todo calma; polo que sorgimos na bocca do Rio de Damda.

CAMINHO .

Ha .27. de Março de .1539. até oras de Compentras estivemos surtos sem ventar bafo de vento ; mas di por diante começou a vir o vento da banda d'a-Loeste muito bonança ; e loguo me fiz á vela caminhando ao longuo da ribeira . Sol posto eramos tanto avante como a ponta da Enseada de Pero Soares da banda do Norte .

Dinoite foi o vento Noroeste muito bonança ; governamos ao som da costa até amanhecer .

CAMINHO .

Ha .28. de Março de .1539. amanhecendo eramos tanto avante como Quelecim ; o vento era Noroeste e começava a refresquar ; caminhamos ao longuo da costa . De meio dia por diante ventou o Noroeste muito rijo ; fizemos o caminho acostumado . Sol posto eramos tanto avante como o Rio do Betele .

Dinoite , todo quarto da Prima foi o vento Noroeste bonança ; na Modorra e Alva re-

fresquou ; toda a noite governamos ao longo da ribeira .

CAMINHO .

Ha .29. de Março de .1539. amanhecendo eramos tanto avante como o Rio de Tambona ; todo dia foi o vento Noroeste galerno ; fizemos o caminho acostumado . Sol posto eramos tanto avante como o Rio de Bamda .

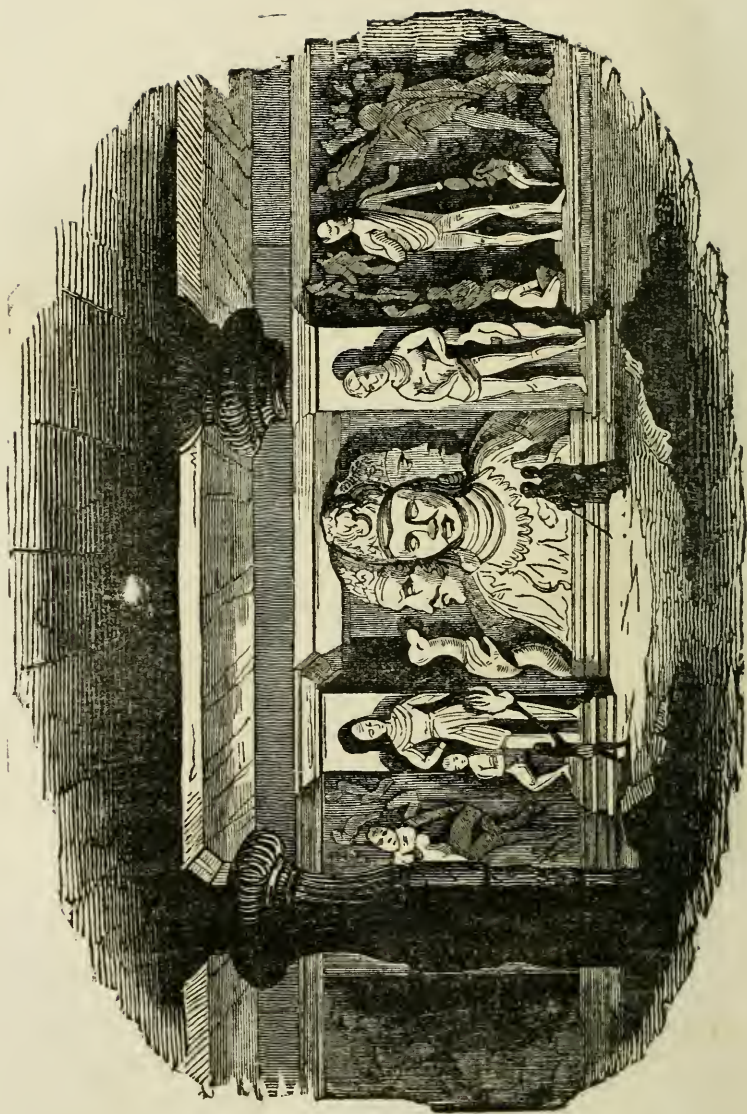
Dinoite foi o vento bonança , caminhandoo ao longo da ribeira ; á meia noite sorgimos na barra de Goa onde achamos o Viso-Rei com toda ha armada: Nosso SENHOR seja sempre louvado: onde se acabou nossa viaje e este livro .



OBSERVAÇOENS

E

NOTAS.



OBSERVAÇOENS E NOTAS.

☞ Encontrão-se neste Roteiro muitas palavras antiquadas , as quaes , todavia , não tomaremos a cargo nosso , uma vez que ellas se achem nos Diccionarios de Moraes e Constancio. Tambem quizeramos advertir , que nossas notas são destinadas á generalidade dos Leitores , que não aos doutos e lidos nos nossos Classicos.

1.

Dedicatoria , pag. III....

*Ao Serenissimo e Invitissimo Principe
o Ifante Dom LOIS.*

“ O Infante Dom Luiz , Duque de Beja , e Condestavel de Portugal , filho quarto de El Rei D. Manoel , de gloriosa memoria , e de sua segunda mulher a Rainha D. Maria , foi verdadeiro exemplar de Príncipes perfeitos , illustre igualmente nos negocios da paz e da guerra. Nascido em 3 de Março de 1506 na Villa de Abrantes , como de boa arvore brotam neces-

sariamente formosos ramos, assim soube corresponder na criação, junta a sua excellente natureza, aos desejos dos pais, que se esmeraram em depositar nelle as Reaes qualidades, em que tanto eram assignalados, que logo na tenra idade deu mostras, do que havia de ser ao diante. Sendo de pouco mais de um anno El Rei seu pai lhe nomeou por governador de sua casa a Rui Telles de Menezes, Senhor de Unhão, por Carta passada na Villa de Abrantes a 10 de Maio de 1507, e pouco depois lhe deu o mesmo por Camareiro mor a 12 do dito mez por outra Carta passada em Alenquer. Aprendeu as Mathematicas com o famoso Pedro Nunes (*), que naquella idade e ainda agora gosa o credito do maior professor dellas; e no estudo desta sciencia tanto adiantou pela viveza de seu engenho, e comprehensão, como se a houvera de ensinar; e assim nella como nas mais, a que por inclinação foi dado, e em que escolheu para mestre a Lourenço de Caceres, homem de muita erudição, e doutrina, que fez depois seu Secretario, sobreexcedeu muito a todos os Principes do seu tempo. Foi mui generoso, e magnanimo, aos estranhos benigno, affavel aos naturaes, e com todos geralmente liberalissimo; e tanto por estas e outras virtudes reconhecido e louvado, que para de todo cumprir a natureza com os dotes, que lhe deu, como bem disse delle Damião de Góes, lhe houvera tambem de conceder occasião para poder conquistar mores Reinos, e Senhorios do que o fez Alexandre, por que para a execução disso lhe sobejou animo, sem lhe faltar mais que nascer Rei. Sahiu especialmente na arte militar excellentissimo, nos exercicios de montarias, justas, e torneios em alto gráo venturoso, merecendo, sempre que a elles concorreu, por singular destreza e desenvoltura, os públicos applausos. Por sua muita prudencia e valor era de todos o assombro, e se de-

(*) V. a Notá N.º 6.

sejoso de grandiosas emprezas , não chegou a executar , como pudera , seus pensamentos pelas poucas occasiões de guerras , que em seu tempo se moveram , não faltaram algumas , em que bastantemente acreditou a sua fama por todo o mundo. Quando o Imperador Carlos V. , seu primo e cunhado , no anno de 1535 , resolveu , empenhando sua pessoa , sair de Barcellona com poderosa armada a castigar a insolencia de Barbaroxa , que com atrevimento maior que de pirata , devassando com incrível fortuna os mares , sobre desapposar do Reino por enganos , e lançar fora d'elle a Muley Hascem , com os olhos na Itália ameaçava destruir toda a Christandade , achou a seu lado , e em seu soccorro o Infante D. Luiz , que com determinação igual ao seu valor se havia secretamente sahido de Évora , onde então se achava a Côrte , contra voto , e parecer del Rei D. João III. que com rasões differentes lhe persuadia o contrario , antepondo á vontade , e respeito de irmão o amor da gloria a que muito aspirava , e não querendo perder a occasião que se lhe offerencia em empreza de tamanha honra. Não estranhou El Rei D. João III. esta resolução que a principio lhe foi molesta , e mandou para o acompanhar muitos Fidalgos de authoridade , dando-lhe em tudo a elle o primeiro lugar , como a sua pessoa era devido , e ordenando-o assim por carta a Antonio de Saldanha , a quem enviara por Capitão General da armada auxiliar de gente mui luzida áquella expedição , para que por todos fosse obedecido onde quer que estivesse , como a elle mesmo se fizera , se presente fosse. Foi a primeira tenção do Imperador desalojar o inimigo de Tunes , onde se havia fortificado , para que se tornasse ao mar , em que só poderia accommetter com forças vagas ; e ainda que a empreza foi tão difficil como arriscada , deveu-se á animosa deliberação do Infante contra o parecer de muitos Capitães antigos e experimentados , o felicissimo successo , com que se con-

cluiu ; cortando com o decantado , e espantoso galeão que governava de trezentas e sessenta e seis peças de bronze, a fortissima cadeia , que atravessava o porto de Goleta , dando-lhe assim a elle Imperador a victoria , com a honra , que por ella veio ao nome Portuguez.

.....

Ficou grandemente acceito ao Imperador , que em galardão de seus merecimentos , e de tão grandes , e memoraveis serviços , como foram os que fez naquella gloriosa facção , entrou em pensamento de lhe dar a investidura de Millão , vago por Francisco Esforcia, Duque daquelle Estado , a quem por morte não ficára descendencia ; o que não houve effeito por se lhe opporem as pertençaes de França , que tiveram por longo tempo duvidoso seu direito , e arriscado seu dominio. Nas cousas de Religião foi mui pio e devoto , de que dão testemunho o Mosteiro das Religiosas da Ordem de S. João de Malta , unico que a Ordem tem neste Reino , que fez erigir na Villa de Estremoz, e os dous da Provincia da Arrabida de que foi grande benfeitor; o primeiro de Nossa Senhora da Piedade em Ribatejo entre Benavente e Salvaterra , fundação sua , onde residia a maior parte do anno , tão recolhido dia e noute em continuo silencio , abstinencia e oração sem faltar aos outros rigores da clausura , como se professara Religião ; e o segundo , para que deu somente o sitio no termo e vizinhança de Lisboa , de Santa Catharina de Ribamar , que depois veio a fundar a Infante D. Izabel , mulher do Infante D. Duarte , além de outras acções meritorias em que muito reluziu a sua caridade. Obra sua he o deposito de muitas reliquias na ermida de S. Braz da Villa de Belver , na provincia da Beira e Priorado do Crato.....

a elle se devem tambem as imagens , que se collocaram na capella dos Castros no Convento de Bemfica , unico despojo que escolheu para si , e quiz somente accetar da gloriosa expedição de Tunes , as quaes en-

tregou a D. João de Castro , que foi Vicerei da India..... Como o Infante era mui amado de seu pai El Rei D. Manoel por estas nobres qualidades , e não menos del Rei D. João III. seu irmão , teve a mercê de muitos cargos , e dignidades , e muitos mais possuiria ainda , se por sua grande modestia os não engeitára. Foi Fronteiro mor da Comarca dentre Tejo e Guadiana por Carta del Rei D. Manoel dada em Lisboa a 16 de Novembro de 1521. Esta mesma mercê lhe confirmou El Rei D. João III. em Coimbra por outra Carta sua de 5 de Agosto de 1527. , cou a clausula expressa de cumprir a vontade del Rei D. Manoel seu pai , e recommendação feita a elle a tempo de seu falecimento ; Teve Carta de mercê do titulo de Duque de Beja , e de doação em sua vida das Villas da Covilhã , Cêa , Almada , Moura , Serpa , Marvão , Conselho de Lafões , e Besteiros , dada em Coimbra por El Rei D. João III. no mesmo dia 5 de Agosto de 1527, em que declara faze-lo assim por cumprir , e trazer a effeito a vontade del Rei D. Manoel seu pai, que ja o tinha mandado fazer por uma Carta sua ainda por elle não assignada a tempo de seu falecimento , a qual lhe recommendou assignasse por não estar em disposição de o poder fazer Da Cidade de Beja teve Carta de doação das rendas , e senhorios , e todo o seu termo dada em Evora a 29 de Março de 1534..... Foi Condestavel do Reino por Carta passada em Coimbra com as mesmas clausulas acima apontadas em 5 de Agosto de 1527. Ultimamente Administrador perpetuo com jurisdicção no Priorado do Crato por Carta de 10 de Março dada em Lisboa anno de 1529 , na qual se declara ser já Commendatario do dito Priorado por mercê del Rei D. Manoel seu pai. Não foi o Infante D. Luiz casado , como com Damião de Góes , que o conheceu , di-

zem todos os Historiadores , que delle escrevem ; não faltaram com tudo muitas negociações , e contratos de cazamentos correspondentes á sua pessoa e merecimentos que se não effeituarão..... Todos estes consorcios eram devidos ás boas qualidades do Infante , e lhe foram solicitados pela Fortuna , empenhada ao que parecia em lhe não querer negar a sorte de Rei , que por algumas lhe pertencia ; mas a mesma Fortuna lh'os atallhou , por fazer poucas vezes alliança com o merecimento. Deixou um filho bastardo , que houve de Violante Gomes , natural da Torre de Moncorvo , mui discreta , e formosa , a quem por isso chamaram a Pelicana , para o qual impetrou ser delle successor no Priorado do Crato : foi este o Senhor D. Antonio , que pertendeu com grandes instancias a posse deste Reino por fallecimento do Rei Cardeal D. Henrique no anno de 1580. Estando na sua Villa de Salvaterra adoeceu gravemente de umas terças tão rebeldes , que foi obrigado a retirar-se á côrte , e junto do Mosteiro de S. Bento dos Loios em uma quinta que pertencia a D. Antonio de Noronha , Conde de Linhares , acompanhando-o , por ordem del Rei , D. Antonio de Ataide Conde da Castanheira , e Pedro de Alcaçova Carneiro , Secretario e do Conselho del Rei , em poucos dias com mostras de verdadeiro Christão rendeu o espirito , em uma quarta feira 27 dias de Novembro de 1555 , pelas dez horas da noute , na idade de quarenta e nove annos oito mezes e vinte e tres dias , com tamanha magoa , e tão geral sentimento , quanto a tal Principe era devido. Na quinta feira seguinte foi levado com grande pompa ao Mosteiro de Belem , acompanhado dos Capellães da Capella Real , e de muitos Fidalgos , onde o esperava a Irmandade da Misericordia. No seguinte dia se lhe fizeram exequias e disse a Oração fúnebre em lingua Latina o P. Pedro Perpiniano da Companhia. Jaz na segunda sepul-

tura da Capella collateral da parte do Evangelho, juntamente com o Infante D. Carlos seu irmão, que falleceu de poucos annos. A letra da sepultura pertence a ambos, a que a elle toca diz assim:

MAGNUS CONSILIIS INFANS LUDOVICUS, & ARMIS
HOC SILET ANGSTO, MORTE JUBENTE, LOCO.

Outras mais acções da sua vida, que não cabem neste Elogio, acham-se largamente escritas por Damião de Góes no cap. 101. da Part. 1. da Chronica del Rei D. Manoel, na del Rei D. João III. por Francisco de Andrade Part. IV. cap. 115; e na Vida particular, que escreveu D. José Miguel João de Portugal, IX. Conde do Vimioso, e III. Marquez de Valença, e em outros; assim como a relação das suas Obras na Bibliotheca Lusitana por Diogo Barboza Machado Tom. III. Era de estatura mediana, cabello louro, olhos vivos, de gentil e agradável presença. O seu retrato verdadeiro conserva-se com grande veneração no Convento dos Religiosos da Provincia da Arabida, que fundou entre Benavente e Salvaterra. (*Resumido dos Retratos e Elogios dos Varoens e Donas &c.*)

O Retrato do Infante, de que nesta noticia se falla, julgamos ser aquelle que hoje em dia, por fortuna, existe na Galleria de Pinturas pertencente á Bibliotheca Publica Eborense. É pequeno e de meio corpo; tem no alto do painel a letra seguinte:

ICON LUDOVICI REGIS EMANUELIS FILII
HUJUS PLÆ DOMUS MUNIFICI POSITORIS.

O Retrato do mesmo Infante que havia na

Salla dos Actos do Collegio d'Evora, de corpo inteiro, deve achar-se em poder da Academia das Bellas Artes de Lisboa. Fizemos diligencias para obtermos alguma noticia delle, mas em vão. *Talvez exista enrolado e bolorento em algum celleiro humido e escuro a que em Lisboa se chama Deposito!*

Assim não havendo pessoa em Evora que nos podesse copiar o Retrato ali existente, vim-nos obrigados a mandar lithographar aquelle que se acha na Obra acima referida do Conde de Vimioso, — e que tambem serviu de typo aos *Retratos* e *Elogios*. O fac-simile que lhe ajuntamos é copiado de autographo seu na Torre do Tombo.

2.

Dedicatoria, pag. III.

Emborilhado.

Modernamente *Embrulhar*; em Italiano *Imbrogliare*; no sentido figurado, *confundir*; *embaraçar*: donde, *ando emborilhado*, *ando confundido*, *ando embaraçado*. *Emburi-lhar* e seus derivados vem nos Classicos.

3.

Dedicatoria, pag. III.

Per invenções de novos istromentos.

Veja-se adiante a Nota N.º 5.

4.

Dedicatória, pag. IV.

Argumentos sotis forjados contra os tristes pilotos.

Não podemos resistir á tentação de transcrevermos uma bem assentada censura feita pelo grande Pedro Nunes á ignorancia dos Pilotos do seu tempo. Parecêra que D. João de Castro tomára aqui a defeza dos Pilotos praticos contra os Mathematicos theoreticos, a quem adiante pag., VI, elle não concede senão *a sombra e não a verdadeira sciencia* da Navegação. Mas não lhe ficão os pilotos em nenhuma obrigação, que na Dedicatória do seu Roteiro ao Mar Roxo elle é muito mais severo que o proprio Pedro Nunes. A actual passageira desculpa dos Pilotos é mui engenhosamente introduzida por D. João de Castro para os fins rethoricos da presente bem escripta Dedicatória. Serve-lhe para fundamentar a escolha do seu assumpto, assim por sua utilidade real como pela circumstancia de pela sua rudeza excitar a attenção do principe a quem a dedica, e serve-lhe para indicar a sua capacidade para a tratar como nautico e como mathematico.

“ Bem sey quam mal sofrem os pilotos que fale na India quem nunca foy nella, e pratique no mar quem nelle nam entrou. Mas justificam-se mal : poys

lhes nós sofremos a elles, que com sua maa lingua-gem e tão barbaros nomes, falem no Sol, e na Lua, nas Estrelas, nos seus circulos, movimentos e declinações; como nagem, e como se poem, e a que parte do horizonte estam enclinados; nas alturas e longuras dos lugares do orbe, nos astrolabios, quadrantes, balhestilhas e relogios: em annos comuns e bisextos, equinocios e solsticios: nam sabendo nada nisso. E posto que elles nos digam que ho navegar he outra cousa per si, sabemos certo que se aproveitam muito disto; e que se algum delles vem a ter presunção de saber na esphera, quer logo triunfar dos outros que a nam sabem.” [*Tratado que ho doutor Pedro Nunez fez em defensam da Carta de marear &c.*]

E D. João de Castro, no lugar citado:

“ Considerando, ó Fellicissimo Principe, com quanta dilligencia os antigos, nam perdoando a nenhum trabalho, e fadiga, commeteram saber os segredos do ceo, e assento de nossa redondeza onde habitamos; e tanto que teueram sabido huma cousa, e outra, com quanto cuidado ho screueram, pera proueito e remedio dos que depois delles viessem. Certamente que muitas vezes me enuergonho, e ei doo, de ver a pouquidade, e miseria nossa. Por que no tempo dago-ra nam pomos menos industria em esconder a sciencia, e trabalho, pera a auer de alcançar, e nos apro-cuitar com ella. E nesta arte conhecidamente os vencemos, e leuámos ventagem, em a qual nam somente nos mostramos ingratos a nossos maiores, e preceptores; mas cruees a nos mesmos, e imigos ao humano genero: e nas outras todas sem nenhum pejo somos vencidos. Esta doença, bem que seja geral a todos, os que vivem; todavia, a meu parecer, nos

navegantes, e homens do mar jaz mais arreigada, e irremediauel, os quaes em nenhuma cousa lhe sabemos curiosidade, senam em esconder o que sabem. E o que pior he, que lhes parece pôrem autoridade a sua sciencia, se a nam ensinam. Ora pois, por que cousa desta vida confessarám aprenderem? nem terem aprendido? nem poderem aprender? Os estromentos, com que se seruem em suas navegações, como são Strollabios, Quadrantes, Balhestilhas, Agulhas, Relogios, Cartas, Pomas, Tauoas, para saberem o lugar do Sol, e a declinação daquelle dia, a cantidade das legoas, que responde hum gráo por cada hum dos rumos. Todas estas cousas, nam tam somente se contentão dizerem, serem os homens do mar os inventores; mas cada hum delles cree de si e pello menos quer dar a entender, ser o proprio, que as inventou: E isto com uma soberba, e presunção, como se nelles stevesse encerradá a Strologia de Iparco, a Mechanica tam habundosa de Archimedes, a Cosmographia de Tholomeo, a Geometria de Euclides, o engenho, e habillidade de Aristotiles, a viuva, e natural inclinação de Plinio, de experimentar os effectos da natureza. E assi como se nelles estivessem todas estas graças sam preuilegiados de todo-los homens, e tidos como soberanos. Por que elles somente podem matar sem pena, como diz Plinio dos fisicos, e destruir em as fazendas, e a substancia de todos. Pois cada hora uemos, que dando com as Naos a través per suas culpas, nam ha quem lhe peça conta dos mortos; mas he lhes muito agradecido, e tido por humanidade quererem dar razão de si, e a desculpa do infortunio, pondo mil alleiues ao Ceo, Ventos, Mar, com outros achaques infinitos. Ora, dizendo que a naao lhe leuava furtado tantas legoas; ora, que as agoas com suas correntes os lançaram fôra do caminho. De sorte que, nam digo já por suas ignorancias, e contumacias lhe ser dado pena, e reprehensam

de seus erros : Antes em este lugar negoceam modos de os apasiguar , e buscam muitas razoes para lhes absolverem o naufragio , attribuindo suas culpas , e males a fortuna , como que o mundo seria perdido , se nelle nam ouvesse Pilotos ”...

5 .

(Dedicatoria , a pag. VII.)

Mandado per Vossa Alteza a investigar algumas obras secretas da natureza ;

Quaes fossem estes segredos da Natureza constará do extracto seguinte do Roteiro de Lisboa a Goa , ainda inedito : —

“ Sabbado Treze de Abril , (1538,) amãhecendo , vimos a Palma , que he huma da Ilhas das Canareas , e logo fiz prestes a lamina e estormento de sombras , de que o muito excellent Principe o Iffante Dom Luiz me fêz mercê , com grande desejo de verificar duas cousas ; a primeira se nestas ilhas variavão as agulhas , ou não : por ser pratica de muitos pilotos , que neste lugar e incrediano feria o Norte de suas agulhas no verdadeiro polo do mundo : e a segunda , se era verdadeira e punctual a regra que nos deu o Doctor Pero Nunez pera em toda a hora do dia , em que fizer sombra , sabermos a elevação do Polo , &c. ”

A isto se refere o Infante quando em 19 de Março de 1539 lhe escreveu :

“ Huma vossa carta recebi do Porto de Moçambique, feita a 5 d’Agosto do anno passado..... O que me dizeis que tendes escrito, que vos a experiencia nesta viagem mostrou, estou eu mui contente, e espero com grande alvoroço *pera ver o fruyto de nossos instrumentos*, e mais principalmente de vosso bom engenho, e segundo vossa carta promete, he mui grande; por que dê vossas premissas se enferem cousas mui proveitosas e necessarias a esta navegação, e até agora humas não comprehendidas, e outras não consideradas, e todas o seram muyto de nim, quando vir vossa escritura *pera vos ajudar*, em parte, a levar o peso de tam grande e delicada filosofia, em que deve aver mui altos misterios.” (*Vida de D. João de Castro por J. F. d’Andrade, nas Notas pelo hoje Ex.^{mo} Patriarcha de Lisboa, a pag. 400*).

Desta lamina e instrumento de sombras falla repetidas vezes D. João de Castro em seus roteiros. No mesmo Roteiro inedito, em Quinta feira 27 de Junho, (1538,) lemos o seguinte:

“ O instrumento de sombras inventado pelo Doctor Pero Nunez, famoso Mathematico entre os que vivem em nossos tempos, e feito per mãos de João Gonçalves, cujo engenho triumpho o dia de hoje em toda a Europa; e sobre tudo approvado pelo muito excellent Princepe o Infante D. Luis, o qual entre outras muitas mercês que de sua Alteza recebi *pera esta jornada*, foi este instrumento, com o qual vimos a alcançar a *levação do polo a toda ora do dia*, e assim a verdadeira *variação*, que fazem as agulhas, e pela tal *variação a longura das terras* (*) e differença

(*) A idéa, sobre a qual subsequentemente tanto e em vão se trabalhou, de achar a *longitude* pela *variação magnetica*, é portanto originariamente Portugueza.

de meridianos. Pelo que será justo darmos fé a instrumento de tamanha autoridade e o que por elle se achar, haver de ser o certo.”

Descreve este instrumento o proprio Pedro Nunes, no seu *Regimento da altura*, incorporado no *Tratado em defensam da carta de marear* . . . (Lisboa 1537.)

“ Teremos huma lamina circular, de alguma materia solida e de conforme grossura, que com o tempo nam faça mudança; e será boa de latão como sam as do Estralabio, assim planas mas mais grossas. Graduaremos o circulo em 360 partes e lançar-lhe-hemos seus diametros que o repartão em quartas, e no centro poremos hum estilo perpendicular sobre a mesma lamina para nos amostrar para que parte vão as sombras; e em qualquer dos semidiametros em igual distancia do centro e da circumferencia, faremos sobre hum ponto hum pequeno circulo que se cavará quanto baste, para que embaixo em outro centro que responde ao de cima, sobre que se fez o pequeno circulo que se cavou, possa andar livremente huma agulha como a dos relogios (*) accustomed; e pela mesma arte será feito este pequeno circulo e acabado com seu espelho eincima; mas a agulha será mais comprida e mais sotil, e por baixo della irá a linha que responde ao diametro do circulo grande que se graduou, por modo que delle não discrepe cousa alguma. É porque nos ha de ser necessario enderençar esta agulha sobre a dita linha justamente, para mais justificaçam poremos dous pontos pretos nas pa-

(*) Isto é, *relogios de Sol*, que erão naquelles tempos os que se usavão em mar. Havia tambem *relogios d'arêa* para marcar as divisões dos *quartos* da vigia.

redes desta caixa da agulha em direito do seu diametro , para que tendo endereçada a agulha a estes pontos , saibamos de certo que está direita com os diametros do circulo pequeno e do grande , que ambos vam por direito . Nas costas desta lamina , defronte do centro , encastoaremos hum pião grande e pesado , lavrado a torno , para que mettendo a dita lamina nas balanças e caixa da agulha acostumiada , fique sojugada por causa do peso e não saya do oulivel ; e as balanças seram torneadas e de eixos dobrados e mui livres : e se , sem embargo de o assim fazermos , acharmos que a lamina não fica a oulivel acrescentar-lhe-hemos pela parte de dentro algum peso onde comprir para que finalmente nos fique perfeitamente oulivelada ; porque nam sendo assim , não nos serve . E portanto se parecer melhor que esta lamina se pendure por alguma arte que fique direita he a mesma tenção ; posto *que a que se fez para Sua Alteza* , de marfil , com as balanças torneadas e de eixos dobrados , era tam prima que nenhuma cousa discrepava ! tendo mais de hum palmo de diametro .”

No Roteiro de Goa a Dio , agora publicado , vemos menção feito delle a paginas 82 e 86 .

No Roteiro do Mar Roxo falla delle a pag. 25.

“ Agulha..... de que me tenho aproveitado na
 ,, Costa da India , com a qual puz em ordem todas
 ,, aquellas prayas e barras , que dentro dellas se con-
 ,, tem , como se mostra pollos Commentarios que da-
 ,, quella costa tenho feitos .”

No Roteiro de Lisboa a Goa daremos conta , que aqui não quadra , do modo como Pedro

Nunes trata o problema de achar a Latitude por duas ou mais observações da altura do Sol feitas em outras horas que não o meio dia ; e nesse Roteiro veremos como D. João de Castro praticou esse , até ali desconhecido, methodo . No presente escripto não fez uso d'elle . O leitor curioso pode desde já consultar a obra de Pedro Nunes : “ *Tratado que ho doutor Pero Nunez Cosmographo del Rey nosso Senhor fez em defensam da Carta de marear ; com o Regimento da altura . Dirigido ao muyto esclarecido e muito excelente Principe o Infante D. Luys &c.*” Este tratado encontra-se n’uma colleção de algumas obras de Pedro Nunes impressa em Lisboa no anno 1537, que começa com o “ *Tratado da Sphera com a theorica do Sol, e da Lua &c....*”

6.

Dedicatória pag. VII.

Sendo eu criado em sua Real caza.

Houve alguém que dissesse que foi em consequencia da recommendação do Doutor Pedro Nunes , que o Infante D. Luiz teve mais particular conhecimento de D. João de Castro , e o honrou com sua amizade . Não era necessario o nosso texto para provar a inexactidão desta asserção , por quanto em Damião de Góes , que foi contemporaneo do Infante , assim em seu

nascimento como em sua morte , encontramos (Chronica d'el Rei D. Manoel , Parte 3.^a , Cap.^o 40 ,) que D. João de Castro , já aos 12 annos de idade , e quando ainda andava *em pelote* , (*) vivia no Paço , assistia á meza d'el Rei , e tinha assento nos livros da cozinha . Desses tempos de certo é que começou a amizade entre este Principe e D. João de Castro , que lhe era superior em idade por 6 annos .

Ainda para nós não he mui claro que o Infante D. Luiz fosse discipulo (no sentido stricto da palavra) de Pedro Nunes , embora tenhamos presente Damião de Góes , na Chronica citada , Parte 1.^a Cap.^o 101 , onde este Autor claramente o affirma , e tambem sabemos que este insigne mathematico gozasse de huma pensão de 40\$000 rs. , concedida por serviços feitos ao Infante . Duvidamos porem que estes serviços fossem feitos na qualidade de seu mestre de mathematica e de philosophia , como affirma Stockler , (“ Origem e progressos das mathematicas em Portugal ” , pag. 41 *in fine* ,) que se refere ao Liv. 14 da Chancellaria de El Rei D. Sebastião a fol. 352 , sem declarar *litteratim* o theor do ali mencionado alvará de lembrança . Não ha porem duvida que o Infante D. Luiz , assim por sua geral estimação dos sabios , como por sua singular affeição ás sciencias mathematicas , tivera intercurso litterario com Pedro Nunes , e delle muita cousa aprendêra pela commu-

(*) Isto é: *Sem Capa*.

nicação de ideias e de escriptos : e neste sentido he que supponmos que Damião de Góes usára do termo de discipulo em relação ao Infante. Nos varios escriptos que nos restão de Pedro Nunes não encontramos huma unica allusão ao Infante D. Luiz como seu discipulo; em quanto pelo contrario achamos nelles repetidas referencias ao Infante D. Henrique, nessa mesma qualidade, mesmo em dedicatorias ao proprio Infante D. Luiz, onde por essa occasião era mui natural uma identica menção em relação a este ultimo principe.

Todavia, não são isto senão duvidas e conjecturas. Mais affoutos repugnamos que fosse D. João de Castro discipulo do mesmo insigne mestre, no sentido já referido da palavra *discipulo*. D. João de Castro, tendo nascido em 1500, embarcou para Tangere aos 18 annos de idade. Não sabemos com certeza a epoca do nascimento de Pedro Nunes; todavia suporemos (seguinto a Nicolau Antonio e outros) que nasceu no anno de 1492; o que lhe dará 82 annos de duração de vida. Em 1518 tinha portanto o Infante D. Luiz 12 annos, D. João de Castro 18, e Pedro Nunes 26. Podemos fixar as epocas das nomeações de Pedro Nunes a varios cargos, mas nenhuma dellas nos authorisa a suppor, que já nessa idade e nesse tempo Pedro Nunes fôra mestre no Paço. Acontece com D. João de Castro para com Pedro Nunes o mesmo, que já notamos no Infante D. Luiz. D. João de Castro, que falla tantas

vezes do Doutor Pedro Nunes, nos dous Roteiros de Lisboa a Goa, e de Goa a Dio, nem humavez o menciona como seu mestre, embora lhe faça grandes elogios como insigne nas sciencias mathematicas. Assim do mesmo modo como no caso do Infante D. Luiz, supponmos que as relaçoens entre Pedro Nunes e D. João de Castro não passarão daquellas, que consigo traria a amizade entre dous grandes homens que mutuamente se prezavão, e daquella comunicação de conhecimentos que neste caso he natural de suppor, e cujo resultado seria em beneficio do menos instruido em qualquer ramo que o outro mais a fundo conhecesse. Quiseramos collocar esta epoca da vida de D. João de Castro, entre os annos de 1527 até 1535, annos durante os quaes nada se sabe da vida de D. João de Castro, e nos quaes sómente podemos suppor-lhe aquelle descanso que he essencial ao estudo das sciencias exactas.

O que é certo é que por esses tempos era Pedro Nunes mestre do Infante D. Henrique; e que D. João de Castro a *habilidade* que tinha em 1538, *trove-a do Real paço do Infante D. Luiz*; expressão pela qual, com tudo, podemos entender o Paço d'el Rei D. João 3.º

7.

Roteiro, na 1.ª pagina.

Cosmografia e Descriçãõ do Reino do

*

Daquem.

Daquem e Daquão lhe chamão os nossos antigos Geographos. Barros e Couto lhe chamarão Decan, que os modernos escrevem Deccan.

O Deccan não he tanto uma divisão politica de reino, como uma extensão de paiz com feiçoens salientes e limites naturaes. São estes os rios — o Nerbudda ao Norte, e o Kishna ao Sul. — Desde as epochas mais remotas a que podem chegar os documentos historicos, foi esta parte da Peninsula da India dividida em varios estados, e governada por Principes Hindús, de maior ou menor authoridade, segundo os limites determinados por suas intestinas guerras e convençoens. Um imperio tão extenso como aponta Castro, nunca coube a Rei algum do Deccan.

Este paiz, bem que muitas vezes invadido e em parte subjugado, nunca foi na sua totalidade sujeito ao dominio dos Soberanos Mahometanos de Delhi.

A primeira irrupção que estes fizerão no Deccan foi no reinado de Julal-u-din-Khilji, o fundador da Dynastia dos Khiljis, a 2.^a Dynastia Afgan. Foi esta primeira irrupção capitaneada por Ala-u-din, seu sobrinho. Foi feita ahi por 1294.

Usurpou-lhe o imperio o proprio Ala-u-din. Este foi envenenado por um seu escravo; e succedeo-lhe Mobaric, que sendo morto por outro

escravo, teve por successor a Gheias-u-din Toglac, o qual em 22 d'Agosto de 1321, fundou no Delhi a 3.^a Dynastia Afghan.

Succedeo-lhe em 1323 seu filho mais velho Aluf Khan, que tomou o nome de Mahommed Toglac, e que é de quem julgamos aqui fallar D. João de Castro.

Todos estes principes invadirão o Deccan. No tempo de Ala-u-din tomou-se Daultabad (1306), — mas nenhum chegou a possuir maior imperio ao Sul do Nerbudda que Mahommed Toglac. Foi este o que quebrou a moeda, fazendo passar *cobre* no valor d'ouro; e no meio de sua ambição quiz transportar a capital de Delhi para Daultabad, mas morreo com a maior parte de suas provincias revoltadas, — inclusivamente o Deccan, que no tempo de seu successor Firuz Toglac, quebrou de todo o jugo, e em Calbriga (ou Calburga) se estabeleceu um novo reino Mohometano que durou por longos tempos. Desde Hassan-Gangu, ou Ala-u-din, em 1347, até Mahmud II, em 1482, contão-se 14 reis do Deccan, da Dynastia *Bahmani*. Por este ultimo tempo começárão a desenvolver-se aquellas ambiçoens que trouxerão a final o desmembramento deste reino, e sua divisão nas Dynastias do Adil Shah, ou Adil Khan, (o Idalcão dos Portugueses) em Visapor; do Nizam Shah, ou Nizam-l-mulk, (o Nizamalucco) em Ahmednaggar; do Kutb Shah, Kutb-l-mulk, o (Cotamalucco) em Golconda; e do Barid Shah (o Verido de Castro) em Bider. Os limites d'

alguns destes estados extendião-se alem daquelles do Deccan proprio.

O Remundarao de Castro talvez seja o Rajá Ram-du , levado prisioneiro para Delhi em 1306.

Barros , (na Decada 2.^a, Livro 5.^o cap.^o 2.^o) e Couto (na Decada 4.^a Livro 10.^o, Cap.^o 4.) tratão largamente da conquista do *Deccan* pelos Mahometanos , do estabelecimento do reino de Calburga , da divisão desta monarchia em provincias , do estado de isenção a que se elevaão os capitaens , — e da sujeição em que pizerão os Monarchas , que d'ahi por diante não forão senão nominaes , até que em 1526 , se acabou com esse acátado simulacro de rei.

Couto é mais extenso que Barros ; — ambos concordão substancialmente na relação dos varios factos , que todavia attribuem a diversas pessoas e tempos ; — discrepando ambos da verdadeira chronologia . Outro tanto acontece a D. João de Castro. Nem isso admira ; que não tinha então os dados historicos que hoje em dia temos.

O Rei de Calburga cujo nome falta no original deve ser , segundo Couto , no lugar citado , Daudar Soltão. Segundo a mais acertada chronologia , o ultimo destes reis Bahmanis , que exerceo livremente as funçoens da realza , foi Mahmud II , que começou a reinar em 1482 . O autor Persa Ferishta trata longamente dos Reis do Deccan , e subsequentes divisoens de Dynastias. Ha uma traducção Ingleza deste autor.

As cidades do Deccan, que menciona Castro, encontram-se ainda hoje nos Mappas com alguma differença de orthographia. Dos Rios, em *Crusna*, *Guodavam*, e *Tapi* reconhecem-se o Kishna, Godavery, e Tapti, dos modernos. O Bivra julgamos ser o *Tum-budra*; o *Purnadi* será o Nerbudda, embora fique fora dos limites que D. João de Castro assigna ao Deccan; e *Malaprare* talvez seja o Mahanaddi.

O Autor diz que por alguns é o Crusna chamado *Hinapor*; supponmos que se deve ler Visapor.

Cintacora, cuja latitude falta no texto, está na altura de 15° Norte, pouco mais ou menos.

Engana-se D. João em julgar que *Canarim* é corrupção de *Concani*. O antigo Canará ou Carná-thacá chegou a comprehender o Concan; e de Canará se denominão ainda hoje em dia Canarins aos habitantes desta costa.

Foi no Carná-thacá (ahi por 1220, segundo Couto) que se levantou o grande reino Hindú de Vijaia-naggar — cidade da conquista ou da victoria. — pelos Portuguezes chamado Bisnagá, — ou Narsinga (Deos em forma humana) do nome do Rajá que nelle imperava quando os Portuguezes começaram a conhecê-lo.

O Leitor, que quizer instruir-se nas divisões politicas do Hindostão, deve ler os Capitulos de Couto em que elle trata do Deccan, Guzarate, e Bisnagá, que são na Decada 4.^a, Livro 10, cap.^o 4; Livro 9, cap.^o 6; e na De-

cada 6.^a Livro 5.^o Cap.^o 5.^o Deve depois cotejar o que ahí tiver lido com algum historiador moderno da India, e destes os Ingleses offerecem rica copia; — e ao mesmo tempo comparar os Mappas antigos, de Anville (1751) por exemplo, com os modernos: — tarefa, na verdade, assaz impertinente e enfadonha, pela muita confusão que encontrará.

8.

Pag 6, linha 19.

Com os ventos levantes, que os Indianos chamam Avara.

Avara, tudo unido e com *v*, escreveo D. João de Castro. Couto, Dec. 5.^a Liv.^o 6.^o Cap.^o 6.^o, narrando a presente viagem, diz, que no 1.^o de Janeiro deu na armada “huma tormenta muito grande a que chamam *a vara* de Choromandel.”

Julgamos que Couto errou em separar o *a*, quando a palavra deve ser *Avará*, — assim como em dizer que o temporal deu com este vento, conferindo a *Avará* a significação que lhe dá Castro. Durante essa tormenta, que nosso Autor descreve em seu lugar, o vento foi *Norte*.

N.^o 9.

Pag. 9, linha 15.

Cem aldeas.

Ou antes trinta aldeas, segundo Couto e Barros, nos lugares citados.

N.º 10.

Pag. 17. linha 12.

Escalvitados.

Escalvitados não se encontra nos dictionarios; encontra-se sim *escalvado*, privado de vegetação.

11.

Pag. 39, linha 4.

Naufragio da grande Galé bastarda.

Deste naufragio, acontecido na presente jornada, falla o Autor a paginas 133. e 138.

As galés, pelos tempos de Duarte Barbosa (1521 — 22) dividião-se em *bastardas* e em *subtis*.

“As bastardās erão de vinte e sete banquos cada huma de tres remos em banco; as sotis de vinte e cinco bancos cada huma, de outros tres remos; e as *fustas* de dezasete bancos duas dellas, e as tres de vinte, todas de dous remos em banco.....

A artilharia que traziam (*os Turcos*) erão cento e dez tiros grossos de metal, desta maneira; a saber: seis baseliscos de vinte e cinco palmos em comprido

cada hum, que tirão cento e vinte libras de pelouro de ferro coado e outras tantas de polvora; e hum meio baselisco, e dez canhoens de dezoito palmos que tiram noventa libras de pedra, e vinte e nove de dezasete palmos que tiram sessenta e cinco libras de pedra, e sessenta e quatro colubrinhas de dezoito palmos em comprido que tiram vinte e cinco libras de pilouro de metal. É mais traziam trezentos e vinte e cinco berços de metal com tres camaras cada hum, que tiram tres libras de pelouro de metal

Cada *galé bastarda* tiravã sete tiros grossos em que entrava hum baselisco; e cada huma das *sotis* cinco grossos, e as *fustas* dous grossos; afóra todos seus berços." (*Exemplar do Livro de Duarte Barbosa* (1521 - 22) na *Bib. Pub. Port.*)

É preciso ter em lembrança que a artelheira grossa jogava somente na proa dos navios de remo. Os *berços* pelas bordas.

Daqui é claro que a *galé bastarda* era maior que a subtil. Subsequentemente vemos feito menção de *galés reaes*. Na armada que D. Garcia de Noronha ajuntou para ir em socorro de Dio, havia, segundo F. d'Andrade, e ja se vio, 13 *galés reaes*, alem de *outras galés*, e huma *galé bastarda*. Ignoramos a differença entre as duas primeiras qualidades de *galés*. O que fosse a *bastarda* se deduz dos Mappas do presente Roteiro. Na *Tavoa de Dabull* temos uma *galé bastarda*; nos outros mappas vemos as *galés usuaes*. Da mesma *Tavoa* podemos concluir o motivo da denominação *bastarda*.

Galé bastarda era aquella que participava

da forma da *náo*, embarcação de coberta, convez, e vellas sómente, e muito maior que a galé. Diferençava-se a galé bastarda das usuaes em ter o mastro de traquete duas vellas redondas, e cestos de gavea, como as náos.

Ja que fallamos em *fustas* diremos que é hum absurdo defini-las embarçaçoens do lote de 200 a 300 tonelladas, como escreveo o Autor do Diccionario de Constancio. A fusta tinha hum mastro só, e nisto se differençava essencialmente da galé. Era tambem, como vimos e aliás sabemos, menor que a galé subtil. Destas galés, as que acima citamos, tinhão de equipagem e soldadesca 130 a 140 homens; — a fusta tinha menos, e embarçaçoens desta ordem não podião levar 200 a 300 tonelladas, que nem se quer erão proprias para carga, por não terem coberta enxuta em toda sua extensão. A fusta, em que Diogo Botelho veiu a Portugal dar parte a el Rei da fundação da fortaleza de Dio por Nuno da Cunha, era pequenissima. Differia das ordinarias na robustez de sua construcção, e em ter huma coberta de pôpa a proa. Diz Barros que esta fusta era de vinte e dous palmos de comprido, doze de largo, e seis de pontal. Levou quarenta quintaes de Cravo, alem dos mantimentos e agoada para a tripulação. Consistia esta em dezasete escravos e oito Portugueses; todavia a tripulação desta fusta, por ter coberta, era menor que a das fustas usuaes, as quaes, como vimos no extracto de Duarte Bar-

bosa , tinhão sessenta e oito , e oitenta remeiros.

12.

Pag. 48, linha 21.

*Chaul feito nobre com a morte de
D. Lourenço.*

D. Lourenço d'Almeida , filho do Vice-Rei D. Francisco . Veja-se Dam. de Goes , Chr. de D. Manoel , Parte 2. Cap. 26. , Barros , Dec. 2. Liv. 2. Cap. 8.

13.

Pag. 49 , linha 14.

A favola do carbunculo.

Do carbunculo , ou rubim , se fabulou que brilhava de noute ; outro tanto julgou D. João de Castro que se contava deste monte .

14.

Pag. 53 , linha 6.

*Este rostro do monte com o Ilheo
de Chaul *****

A Rota , ou o Rumo , pelo qual se cor-

rem estes dous pontos, falta no original. É facil de corrigir a lacuna, pela rota antecedente, e a da pag. 56, linha 9. Deve ler-se: *Nor-noroeste Susueste.*

15.

Pag. 56, linha 18.

Loguo a duvida fique a Apolo.

Veirão-se as phrases analogas a pag. 61: *Mas esta duvida com ha do ilheo de Nagam fiquem pera determinar Apolo*; pag. 93: *Solvat Apolo*; pag. 128. *Solvat Apolo.*

Tivemos alguma difficuldade na intelligencia destas phrases assim por não as termos encontrado em outro algum autor, como pela orthographia com que D. João de Castro as escreve. Na citação que faz o assumpto desta nota, escreve o autor: *A duvida fique a polo*; e a paginas 93 e 128 escreve: *Solua* no fim d'huma linha, e *da polo* no começo d'outra. Nós, consultando o Roteiro de Lisboa a Goa, onde encontramos: *Fique a determinação disto a Apolo*; *Fique a duvida pera o Doutor Pero Nunes*; e lembrando-nos do *Sis mihi magnus Apollo* de Virgilio, julgamos dever interpreta-las nesse mesmo sentido, e por isso não duvidamos de alterar a orthographia, especialmente nas duas passagens latinas, que, escriptas como se pronunciação, á Portugueza, talvez nem se entendessem. —

16.

Pag. 65 , linha 22.

Descrição do Edeficio do Pagode .

É D. João de Castro o primeiro autor que encontramos descrevendo este Templo , que tanto tem sido visitado pelos Europeus , e que tantas discussões tem suscitado , sobre a éra em que foi excavado , o povo que o executou , e as Divindades , cujas formas e effigies em suas paredes se achão esculpidas . A mui resumida mas exacta descripção , que lemos em nosso autor , é em tudo conforme com a que nos deu Couto , que o visitou cincoenta annos depois de Castro , na sua Dec. 7. Liv. 3. Cap. 11. , confirmada ha poucos tempos pelo Snr. José Joaquim Lopes de Lima , no Jornal da sua Viagem de Goa para Lisboa , pelo Estreito de Suéz . A sua entrada do Norte pouco differe hoje em dia do que então era . Damo-la em estampa , no nosso frontispicio , por ser D. João de Castro seu primeiro , embora até aqui esquecido , historiador .

Hoje em dia um mais profundo estudo da Mythologia Indiana tem decidido o que então se ignorava , a saber : que este edificio he dedicado a Siva , huma das manifestações , na Religião Brahminica , do Ente Supremo , na forma de hum Deos inferior , que juntamente com os seus Socios , Brahma e Vishnu , formão o que

erroneamente se tem chamado a Trindade Indiana; pois que os tres Deuses subordinados são entes perfeitamente distinctos, cujo culto, e com especialidade os de Vishnu e de Siva, tem feito esquecer esse Ente Supremo, reconhecido somente na theoria e lembrado pelos philosophos. Nas suas especulaçoens mythologicas, Brahma representa o principio creador, Vishnu o principio preservador, e Siva o principio destruidor. Foi este culto de tres Deuses, e a sua representação em figuras de tres cabeças, que tanto induzirão em erro os primeiros Portugueses que na India tratárão.

Que este Templo subterraneo é dedicado a Siva, é evidente pelo Simbolo que nelle se encontra, e que é caracteristico do seu culto. No mundo material não ha destruição completa. Não ha senão mudanças de forma. Destruir é por tanto regenerar com outras apparencias. Assim o simbolo do culto de Siva destruidor é o mesmo emblema do poder regenerador que empregarão os antigos, cujo *phallus* é o mesmo que o *Linga* dos Hindús. A este simbolo refere D. João de Castro, quando falla do altar posto no meio de huma Capella, e *em cima huma grande bolla que deve significar o mundo*. Não admira que elle se enganasse, por que, segundo diz o Snr. José Joaquim Lopes de Lima, “estes torpes emblemas, nem ao menos imitão bem aquillo que representam”; sendo hum cylindro de pedra, que occupa o lugar de imagem, em todos os templos con-

sagrados a Siva, e que não suscita suspeitas de sua significação original.

Um dos objectos notaveis deste Templo, é o busto que D. João de Castro descreve, como hum homem, *que se mostra da cinta para cima, com tres grandes rostos, e quatro braços*; e que nós damos em uma das nossas estampas. Por muito tempo se suppôz que era isto huma representação do *Trimurti* ou Trindade Indiana. Mas inclinão-se os investigadores modernos, a que seja huma figura do proprio Siva, que, dizem tambem se representa com tres cabeças e quatro braços, sendo esta uma das invençoens toscas dos Hindús para representar intelligencia e força.

Outra das Capellas descriptas por Castro, vem a ser a segunda do lado direito, entrando no Templo pelo lado do Norte. Couto e Castro concordão nas generalidades em quanto á descripção desta figura. Tem com tudo havido controversia entre os viajantes sobre a mão, a que Couto chama *a terceira mão esquerda*; discordando-se sobre o que ella empunhava, e a sua significação. *E na terceira mão tem huma Caldeira, e sobre ella hum idolozinho*, diz Couto, no lugar citado. Nos cincoenta annos que decorrerão desde o tempo em que D. João de Castro a vio, e aquelle em que Couto a visitou, parece que esta parte da figura soffreu detrimento, por quanto diz Castro, que tinha *hum vaso como escudela, e nella huma cadea de cabeças de meninos e huma co-*

bra. De maneira que nem Niebuhr (*) tinha razão, quando dizia que a escudela serviria para apanhar o sangue do menino; nem Hunter, (**) que suppunha que serviria para conter a cabeça já cortada do mesmo, pois que no tempo de Castro, assim como no de Couto, a cabeça do menino não estava separada, como hoje em dia está, do corpo.

A Amazona por muitos tem sido considerada como Parvati, Dévi Bhaváni, ou Durga, a mulher de Siva; outros incluíam-se a que é hum Hermaphrodita, formado de Siva e sua mulher.

O que tem dado objecto a maior discussão, tem sido a questão do tempo em que este Templo subterraneo foi excavado, não havendo para o decidir senão conjecturas; por quanto em todo o edificio não se achára inscripção que indicasse a éra de sua fundação. Parece-nos, porem, que a questão poderá, ha muito, ter sido satisfactoriamente elucidada.

Diogo de Couto, depois de ter descripto o Pagode da Ilha do Elefante, escreve o seguinte:

“ Quando logo os Portuguezes tomarão estas terras de Baçaim, e de sua jurisdição, que forão ver este pagode, lhe tirarão huma formosa pedra, que estava sobre a porta, que tinha hum leteiro de letras mui bem abertas e talhadas, e foi mandada a El Rei, depois do Governador da India que então era

(*) *Voyage en Arabie.*

(**) *Archæologia.*

a mandar ver por todos os Gentios e mouros deste Oriente , que ja não conhecêrão aquelles caracteres : e El Rei Dom João o terceiro trabalhou muito por saber o que estas letras dizião , mas não se achou quem as lêsse : & assi ficou a pedra por ahi , & oje não ha ja memoria della.”

E já no capitulo antecedente elle tinha fallado na mesma pedra :

“ A pedra que estava sobre a porta do pagode do Alifante , que tinha aquellas letras , que se mandou a El Rei D. João o terceiro , que nunca se achou quem as podesse ler.”

Ora esta pedra é evidente a mesma que hoje em dia se vê em Cintra , e cuja inscripção, escripta na lingua Sanscrita e no character Diva-nagari, sendo resumidamente traduzida por Charles Wilkins, vem copiada com essa traducção, nas Viagens de James Murphy em Portugal. Della se conclue que o Templo foi feito ahi pelos annos de 1286.

Desta traducção, mal podemos entender exactamente quem fosse o fundador. Mas ou fosse Valmikirasi, que na mesma inscripção é depois chamado Tripurantaka; ou fosse Gandaranaka-vrihaspati; elles são contemporaneos; e a inscripção foi posta no referido anno por Tripurantaka. A nós parecêra-nos que Vrihaspati fosse o primeiro edificador, e que Tripurantaka depois dotou e ornou o templo; mas isto é alheio ás presentes consideraçoens, que somen-

te olhão á chronologia. E chamamos a attenção dos investigadores das Antiguidades Indianas a este ponto, que até agora tem escapado ás suas indagaçoens.

A mesma inscripção confirma a dedicação a Siva, e explica muitas das figuras em relevo que no templo se veem.

Fica ainda questão sobre quem trouxe a pedra a Portugal. Segundo Couto, foi Nuno da Cunha; segundo outros, foi o Vice-Rei D. Constantino de Bragança; — e ha quem queira que fosse o proprio D. João de Castro.

Não entendemos exactamente a significação da palavra *romano*, que D. J. de Castro usa duas vezes nesta descripção. Conjecturamos que por ella elle quer significar o que nós agora chamamos *relevo*.

A maioria dos viajantes Inglezes, seguida por muitos dos seus jornáes litterarios, cyclopedias, encyclopedias &c., aproveitão a occasião de suas visitas a este Templo, para fulminarem o fanatismo dos Portuguezes, que contra o edificio assestárão artilheria a fim de o arruinaem e estragarem. Temos tanta authoridade para negar o facto, como elles tem para o asseverar. Que os Portuguezes não pouco arruinassem o edificio não é de admirar, e nós lh'o concederemos, porque era esta ilha muito frequentada pelas armadas dos Portuguezes, que á enseada de Bombaim vinhão refrescar e descansar; e isso mesmo confessa Couto: mas não era esta humra destrui-

ção systematica e acintosa , como se quer inculcar, mas sim filha da falta de reflexão e da *travessura* , como diz o citado Chronista , dos soldados dessas armadas . Mas, destas e outras injustiças , consolêmo-nos com as reflexoens de *Reginald Heber*, Bispo de Calcuttá. Elle visitou Baçaim no anno de 1825 , e descreve esta Cidade , como ainda cercada de muros e baluartes , mas perfeitamente deshabitada , e não contendo senão hum unico pequeno Pagode em bom estado , e huma vista melancholica de casas e Igrejas arruinadas . “ *Estas ultimas , diz elle , são tristes objectos para ver; são todavia monumentos de grandeza passada , de hum amor de magnificencia muito superior á paixão de ajuntar dinheiro pela qual outras Naçoens tem sido principalmente influidas , e de hum zelo por Deos , que , se não concorde com a verdade , era todavia zelo , e zelo sincero. Foi-me nesta occasião penosa a reflexão , de que quão poucos restos de sua Religião , do seu poder , e de sua magnificencia Civil, e Militar, deixarião os Inglezes na India , se della fossem hoje expulsos.* (Narrative, Vol. 3.º, pag. 90 e 91.)

A melhor descripção do Templo da Ilha do Elephante, é a de William Erskine , que vem nas *Transactions of the Bombay Litterary Society* Vol. 1. Esta não podemos ver senão em extractos . No 4.º vol. da obra *Asiatic Researches* vem outra descripção do Pagode

por J. Goldingham, em 1795. Traz uma estampa da figura chamada o *Trimurti*, de que temos fallado, e uma planta-baixa da excavação. Esta ultima, confrontada com Couto no capitulo citado, dá muito boa idéa de sua forma. É preciso corrigir um erro typographico em Couto, como adverte o Snr. J. J. Lopes de Lima. Em seguida ás palavras: “Aqui acabou o lanço occidental &c.”, “onde diz.. “ Voltando daqui para o *Ponente*”, deve ler-se: “para o *Nascente*.”

Pag. 71. linha 12.

Em nenhuma parte se acha rastro nem sinal de Cal.

Outro tanto lemos de Gogá, destruida por Antonio de Saldanha: “ — Em muitas partes mostra ainda pedaços de muros muy largos, ... todos de cantaria, d'huma pedra parda, que cada huma hé de mais de 4 palmos de comprimento, e muito perto de 3 de largo, e outro tanto de alto, que se não lião humas com outras com betume, nem cal, somente feitas humas encarnadas no meyo de cada pedra em igual distancia, com humas mechas de pao ferro, em que as pedras de cima se vão encaixar, tão justas e tão primas, que parese parede de huma só pedra.” (Couto, Dec. 4. Liv. 7. Cap. 5.)

Pag. 71 , linha 25 .

*Esta cidade (Thaná)... foi destruida...
tres vezes , as duas dos Portuguezes.*

Tanná fez-se tributaria a Heitor da Silveira em 1529 , (Barros , Dec. 4. Liv. 2. Cap. 16); mas não foi então destruida como erroneamente , e em contrario ao texto , indica o titulo do Cap. 6.º da Dec. 4. Liv. 5.º de Couto . Foi sim destruida por Diogo da Silveira nos fins de 1531 , (Couto , Dec. 4. Liv. 7. Cap. 13.) Depois da destruição de Baçaim por Nuno da Cunha , mandou este dar em Tanná , (Couto , Dec. 4. Liv. 8. Cap. 4); mas do capitulo seguinte se colhe que Manoel d'Albuquerque , a isso mandado , se contentou em obrigar o Tannadar a pagar as páreas acostumadas .

Tanná , como indica D. João de Castro , foi cidade muito antiga , como se conclue de monumentos e chapas de cobre escriptas , ahi encontradas . Foi subseqüentemente assento d'uma colonia de 60 familias portuguezas . Hoje em dia é uma villa florescente , onde ainda se distinguem os descendentes dos Portuguezes .

Pag. 75 , linha 9.

Do Paguode de Salsete.

Parece-nos que D. João de Castro descreve aqui dous templos . A descripção do 1.º co-

meça na pag. 75 e acaba na linha 18.^a da pag. 77, com as palavras *longuras do tempo*. Segue-se a do 2.^o O primeiro julgamos nós, combinando com o que temos lido a este respeito, ter sido um templo Brahminico, dedicado a Siva; o segundo é evidentemente o bem averiguado templo de Buddhá; conjunção algum tanto extraordinaria, attento o odio que existe, e sempre existiu, entre os sectarios de Brahmú e os de Buddhá. *No orago da adoração* da pag. 77, julgamos ver o *Linga*; e *na redonda bola, a qual tem 9 braças e meia de roda*, é-nos evidente o *chat-tá*, que distingue a seita pantheistica e contemplativa de Buddhá.

Conto descreve mui summariamente este pagode na sua Dec. 7. Liv. 3. Cap. 10; e diz-nos que esta ultima parte foi consagrada pelos Portuguezes em igreja da invocação de S. Miguel. O de Manapaser na mesma ilha foi consagrado em templo da invocação de nossa Senhora da Piedade. Um *sabio* Encyclopedista estrangeiro diz que os Portuguezes pintárão e *adoptárão* (!!!) para figuras de santos, as estatuas de Buddhá de que falla Castro.

Pag. 81, linha 4.

Da ilha de Bombai ou Mayim que he o mesmo.

O nome proprio da ilha é Mumbái (El-

phinstone, Prefacio). Mayim é hoje uma povoação grande e populosa.

Pag. 87, linha 9.

Disto fiquei muito pensativo.

Todas estas duvidas de D. João de Castro sobre a variação das agulhas e phenomenos magneticos são muito interessantes. Combinando-as todas, ver-se-ha como pôde dellas concluir varios factos de muito valor para o progresso das sciencias naquelle tempo. Estas cousas são hoje em dia tão sabidas que escusamos dilatar-nos sobre estes pontos.

Pag. 98, linha 5.

O Doutor Lois Nunes.

Quem fosse este Doutor Luiz Nunes ignoramos. Nos Livros das Moradias de D. João 3.º, achamos um *Luiz Nunes, sobrinho de Violante Rodrigues de Beja*. Consultando os Nobiliarios nos titulos dos *Rodrigues de Beja*, nada adiantámos.

O certo é que elle veiu á India com D. João de Castro, e que o acompanhou na presente viagem. N'uma e n'outra occasião parecêra que ia no mesmo navio em que ia D. João, — e que ia eucarregado mais particularmente da verificação da regra dada pelo Dou-

tor Pedro Nunes para achar a latitude em toda a hora em que houvesse sol.

No Roteiro de Lisboa a Goa teremos de voltar ao assumpto.

Pag. 113, linha 1.

Do reino de Cambaya.

As divisoens politicas deste paiz estão hoje totalmente alteradas.

Nos Resbutros reconhecerá o leitor os Ráj-púts dos modernos; e saberá dar desconto ás idéas de D. João de Castro sobre as crenças dos *Bramenes*. Os *Banecanes* são sectarios de Buddhá. Amadabá é o nome moderno que o Autor escreve Madabá.

Pag. 128, linha 22.

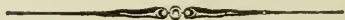
Do Temporal.

Pareçera que F. d'Andrade, ao escrever o Cap.º 67 da 3.ª Parte da Chronica d'el Rei D. João 3.º, tivera presente este titulo do nosso Roteiro. Há porem um erro a corrigir em Andrade, que em vêz de D. *Christovão* da Gama, falla em D. *Paullo*.

Pag. 141 , linha 9.

Notação.

D. João de Castro não é aqui mui claro, e, receamos, nem muito exacto. Conhecendo-se a *altura* da terra sobre o nivel do mar, e observado o angulo de que falla D. João de Castro, pode conhecer-se a *distancia* em que estamos da costa; e vice-versa.



INDICE.

Prefacio do Editor.....	[VII.]
Erros Typographicos e Emendas.....	XLIV.
PRIMEIRO ROTEIRO DA COSTA DA INDIA.....	I
Ao SERENISSIMO E INVITISSIMO PRINCIPE O } ...	III
IFANTE DOM LOIS.....	
<i>Cosmographia e Descriçãõ do Reino do Daquem</i>	XV
Descriçãõ da Ilha e cidade de Guoa.....	8
[Tavoã de Guoa a nova]	10
Descriçãõ da Tavoã da Cidade de Guoa.....	„
Entrada da Barra.....	12
[Tavoã de Guoa a velha].....	14
Descriçãõ da Tavoã de Guoa a velha.....	„
CAMINHO	16 v.º
Derrota da Costa.....	16
Altura dos Ilheos Queimados.....	„
Descriçãõ destes Ilheos Queimados.....	„
Rota que se deve levar.....	17
Do Canal que vai per meio destes ilhecs.....	18
Acolheita do Noroeste.....	19
Rios que correm nesta Costa.....	20
CAMINHO	„
Derrota da Costa.....	21
Da Enseada dos Malavares.....	„
<i>Rios que correm dos Ilheos Queimados até Zam-</i> } <i>gizara e Enseada dos Malavares</i>	22
1.º Rio. De Carli.....	„
2.º Rio. De Malumdí.....	„
3.º Rio. De Acharaa.....	23
4.º Rio. De Tamaraa.....	„
5.º Rio. De Carapatão.....	„
Descriçãõ deste Rio.....	24
(Tavoã 1.ª).....	28
Derrotas deste Rio.....	29
6.º Rio. De Ceitapor.....	31
(Tavoã 2.ª).....	„

7.º Rio. Do Betele.....	31
Entrada do Rio do Betele.....	33
(Tavoá 3.ª).....	34
Notação do Rio do Betele.....	35
8.º Rio. De Zangizara.....	36
Alturas.....	”
Conhecença de Zangizara.....	73
CAMINHO.....	”
Derrota da Costa.....	38
<i>Rios que ha de Zangizara até Chaul.....</i>	”
1.º Rio. De Dabul.....	39
2.º Rio. De Quelecim.....	”
3.º Rio. De Beçoim.....	40
Descrição do Rio e lugar de Beçoim.....	”
Entrada da Barra.....	43
(Tavoá 4.ª).....	44
Rotas.....	45
4.º Rio. De Cifardam.....	47
5.º Rio. De Damda.....	48
6.º Rio. De Chaul.....	”
Barra do Rio.....	50
(Tavoá 5.ª).....	52
Rotas deste Rio.....	”
CAMINHO.....	54
Rota.....	55
<i>Descrição da Costa que se contem da Barra de</i>	
<i>Chaul até o rio do Pagode.....</i>	”
Da Pedra qu'está ao mar do Ilheo de Nagaom.....	56
De huma restingua e hum ilheo.....	57
Do Ilheo de Chaul.....	”
Da propriedade que tem duas pedras deste Ilheo...	59
Da Bahia de Bombai.....	62
Da ilha do Caramjá.....	64
Da ilha do Alifante.....	”
Descrição do Edificio do Pagode.....	65
Da ilha de Salsete.....	69
Da Cidade de Thana.....	70
Do Rio de Thana.....	72
Dos Rios de Galleana e Biomdi.....	74
Do Paguode de Salsete.....	75

Da Ilha de Bombai ou Mayim que he o mesmo...	81
Operaçoens que fiz no Rio do Pagode de Baçaim } pera alcançar a variação das agulhas..... }	82
Alturas do Rio do Pagode de Baçaim.....	85
Largura do Nascimento do Sol	„
Notação da Mudança da Agulha do meu estromento.	86
Descrição e Solda do Rio do Pagode de Baçaim..	87
Baxa qu'está nesta Enseada.....	90
CAMINHO	„
Derrota da Costa.....	91
Largura do Nascimento do Sol na Barra de Baçaim..	„
Notação sobre o meio dia dos relogios e agulhas....	92
Currelario	„
Largura do Nascimento do Sol e operaçoens para } alcançar a variação das agulhas na Barra de } Baçaim..... }	93
Notação.....	97
Largura do Nascimento do Sol na Barra de Baçaim.	101
Notação.....	102
Largura do Nascimento do Sol na Barra de Baçaim..	103
Decraração da maneira que tinha no bornear por } estas agulhas..... }	104
Largura do Nascimento do Sol na Barra de Baçaim...	105
Descrição da terra e Rio de Baçaim.....	106
Baluarte.....	109
<i>Do Reino de Cambaya</i>	113
CAMINHO	116
Descrição da Ilha das Vacas.....	„
Derrota da Costa.....	117
Rio de Agacim.....	„
<i>Summario da Costa que jaz da Barra de Guoa } até huma ponta qu'está avante da Ilha das } Vacas, obra de duas legouas pera o Norte.. }</i>	118
Baxas.....	120
Rios , Enseadas , Bahias.....	122
De tres montes que de lonje parecem ilhas.....	123
Ilheos que jazem per esta costa.....	124
CAMINHO.....	126
Notação do cevar da Agulha.....	„
CAMINHO	127

Notação sobre o caminho deste dia	127
Do Temporal	128
Descrição do Rio e lugar de Dabul.....	134
Da Cidade de Dabul.....	136
Conheçença da Terra e Rio de Dabul.....	”
Entrada do Rio.....	137
[Tavoia 6. ^a].....	138
Descrição da Tavoia.....	”
CAMINHO.....	139
Poimento do Sol.....	”
Nascimento do Sol	140
Notação.....	141
CAMINHO	142
Altura e descrição dos Ilheos de Dabul.....	”
Nascimento do Sol e operações para alcançar a va- riação das agulhas.....	143
Poimento do Sol.....	146
Currelario.....	148
CAMINHO	”
Descrição da enseada e Rio de Quelecim.....	149
Do Tavoleiro ou Caes.....	151
Do Rio de Quelecim.....	152
Entrada do Rio.....	154
Solda da Barra deste Rio na Preamar.....	155
Alturas do Rio e Lugar de Quelecim .. .	”
[Tavoia 7. ^a].....	156
Descrição da Tavoia de Quelecim.....	”
Rotas do Rio de Quelecim.....	157
CAMINHO	159
Do Nascimento do Sol ha 14 de Janeiro	”
Descrição da Bahia de Cifardão.....	”
{ Tavoia 8. ^a e 9. ^a }.....	161
Descrição da Tavoia da Bahia de Cifardão.....	”
CAMINHO	162
Descrição da Enseada de Pero Soares.....	”
(Tavoia 10. ^a).....	163
Descrição da Tavoia, em que se descreve a Ponta da Enseada de Pero Soares.....	163
CAMINHO	”
Descrição do Rio e lugar de Damda.....	164

Das Ilhas deste Rio	167
Entrada e fundo do Rio.....	168
Da Restingua ou baxa qu'está de fora do Rio.....	170
[Tavoá 11. ^a]	172
Descrição da Tavoá.....	"
Do correr das agoas	173
CAMINHO	174
Altura da Foz de Damda.....	"
CAMINHO	175
Descrição destes penedos[d'entre Danda e Chaul]..	"
[Tavoá 12. ^a].....	176
CAMINHO	"
CAMINHO	177
CAMINHO	"
CAMINHO	178
Da baxa qu'está na Entrada desta Enseada[de Baçaim]	"
Entrada desta Bahia.....	179
Altura do Rio do Pagnode de Baçaim.....	"
Nascimento do sol e operaçoens para alcançar a va- riação das agulhas.....	180
CAMINHO	182
Das estacadas qu'estam por este mar.....	"
CAMINHO	185
Altura do lugar de Baçaim.....	"
CAMINHO.....	"
CAMINHO.....	186
CAMINHO	"
CAMINHO	187
Notação da derrota deste dia.....	188
Ouservação do correr das agoas.....	189
Ouservação da ordem que guarda a maré com a lua.	"
CAMINHO.....	190
CAMINHO.....	"
Da agoa turva desta Enseada.....	191
Do correr das agoas vasando a maré.....	192
Pera que parte correm as agoas na prea-mar.....	193
Do que alça ha agoa.....	194
CAMINHO.....	195
Das manchas vermelhas e do grande correr das a- guas nesta enseada.....	196

CAMINHO	197
CAMINHO	198
Conhecença da terra e Rio de Madrafava	199
Solda do parcel.....	200
CAMINHO.....	202
Nascimento do Sol.....	203
Altura de Dio....	204
Soldas da Barra de Dio.....	”
Operaçoens para alcançar a variação das agulhas....	206
Altura de Dio....	207
Soldas da barra de Dio.....	208
Operaçoens para alcançar a variação das agulhas....	”
Nascimento do Sol	209
Poimento do Sol	”
Currelario.....	210
Nascimento do Sol o dia do Equinocio	”
Altura de Dio.....	214
Descrição da Ilha de Dio	”
Descrição da Cidade de Dio.....	215
Rio.....	217
Do Baluarte do mar.....	219
Entrada da Barra de Dio.....	222
Altura da agoa na Barra.....	223
Ha ordem que guardam as marés	”
De humas grandes enchentes, que foram com a lua de Março.....	224
Outra maior enchente.....	225
Ditto.....	”
[Tavoas de Dio].....	226
Descrição de Dio.....	”
CAMINHO	”
CAMINHO	227
CAMINHO	228
CAMINHO	229
CAMINHO	”
CAMINHO	230
Notas e Observaçõens.....	233

F I M .

LISTA DOS SENHORES ASSIGNANTES.

EXEMPLARES.

Agostinho Julio Coelho d'Araujo	<i>Campello..</i>	1
Agostinho Per. ^a Peixoto de Queiroz e Menezes	<i>Amarante</i>	1
Alexandre Miller... ..	<i>Porto..</i>	1
Alexandre Soares Pinto	<i>Porto..</i>	1
Alfred Field.....	<i>Porto..</i>	1
André Joaquim Ramalho e Souza	<i>Lisboa..</i>	1
Antonio Alves Pereira Veras..	<i>Figueira..</i>	1
Antonio de Azeredo Pinto e Mello ..	<i>Loivos do Monte..</i>	1
Antonio Bernardo da Costa Cabral.....	<i>Lisboa..</i>	1
Antonio Brandão Pereira	<i>Braga..</i>	1
Antonio Emygdio Ribeiro Pereira.....	<i>Porto... 1</i>	1
Antonio Joaquim de Carvalho	<i>Penafiel..</i>	1
Antonio José d'Avila.....	<i>Lisboa... 1</i>	1
Antonio José d'Azevedo Guimaraens.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Antonio José Maria Campello	<i>Lisboa.. 1</i>	1
Antonio José Pereira d'Oliveira.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Antonio José Rebello da Silva Basto.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Antonio Maria de Sousa Lobo.....	<i>Lisboa.. 1</i>	1
Antonio de Mello Vaz de Sampaio.....	<i>Goivinhas.. 1</i>	1
Antonio Pereira dos Reis	<i>Lisboa.. 1</i>	1
Antonio Roberto Jorge.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Antonio Rogerio Gromicho Couceiro.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Antonio de Souza.....	<i>Paradelinha.. 2</i>	2
Arthur Archer... ..	<i>Porto.. 1</i>	1
Assemblea Portuense		1
Barão de Lordello.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Bento de Mena Falcão	<i>Porto.. 1</i>	1
Bispo do Porto.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Bernardo Alvares de Almeida Guimaraens ..	<i>Porto.. 1</i>	1
Bernardo José Pereira de Carvalho....	<i>Figueira.. 1</i>	1
S. Eminentia o Cardeal Patriarcha.....	<i>Lisboa.. 1</i>	1
Caetano Joaquim Pereira Lopes Vasconcellos	<i>Numão.. 1</i>	1
Camillo Aureliano da Silva e Souza.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Carlos Candido da Cunha Coutinho	<i>S.^{ta} Marinha.. 1</i>	1
Carlos Luis Gubian.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Carlos Ribeiro.....	<i>Porto.. 1</i>	1
Christovão Cunha Lima Sampaio Junior....	<i>Porto... 1</i>	1
Constantino Alves Pinto Villar.....	<i>Celleiroz.. 1</i>	1
Cornelis Steur	<i>Porto... 1</i>	1
Cosme da Cunha Cabral.....	<i>Porto.. 1</i>	1

Custodio Teixeira Pinto Basto.....	<i>Porto..</i>	1
Custodio Teixeira Pinto Basto Junior.....	<i>Porto..</i>	1
Dionizio Ignacio Pinto de Lemos.....	<i>Lisboa..</i>	1
Domingos Ribeiro dos Santos..	<i>Villa Nova de Gaia..</i>	1
Eduard A. Cox.....	<i>Porto..</i>	1
Eduard Moser.....	„	1
Edwin J. Johnston.....	„	3
Forrester (D. Eliza).....	„	1
Forrester (José James).....	„	6
Forrester (James).....	„	1
Forrester (José James Junior).....	„	1
Felix Manoel Borges Pinto.....	<i>Folgosa..</i>	1
Francisco Adolfo de Varnhagem	<i>Lisboa..</i>	1
Francisco Carlos de Azeredo Pinto e Mello	<i>Penalva</i>	} 1
<i>d'Ancede</i>		
Francisco Cramp.....	<i>Porto..</i>	1
Francisco José Pinheiro.....	<i>Sto Thyrso..</i>	1
Francisco José Coutinho.....	<i>Porto..</i>	1
F. J. Coelho	<i>Lisboa..</i>	1
F. G. Lopes	<i>Lisboa..</i>	1
Francisco Lopes de Azevedo Velho.....	<i>Azevedo..</i>	1
Francisco Manoel da Costa	<i>Braga..</i>	1
Francisco Maria Montano.....	<i>Porto..</i>	1
Francisco Rodrigues Ferreira Cardoso.....	<i>Porto..</i>	1
Francisco de Souza.....	<i>Villa Nova de Gaia..</i>	1
Frederico Vanzeller.....	<i>Porto..</i>	1
Gabriel Francisco Ribeiro.....	<i>Porto..</i>	1
Guilherme Frederico da Fonseca....	<i>Viana do Minho..</i>	1
Hugh Dunlop.....	<i>Porto..</i>	1
Henry Smithes.....	<i>Porto..</i>	1
Ignacio Fernandes Coelho.....	<i>Figueira ..</i>	1
Jacinto de Lemos Azevedo Monteiro.	<i>Goivaens..</i>	1
James Dawson Harris	<i>Porto..</i>	1
João de Almeida Moraes Pessanha	<i>Paradella de Guiães</i>	1
João Alvares de Moura.....	<i>Porto</i>	1
João Archer.....	<i>Porto..</i>	1
João d'Azeredo Pinto e Mello....	<i>Esmoriz d'Ancede..</i>	1
João Borges Pacheco.....	<i>Braga..</i>	1
João Eduardo de Brito e Cunha.....	<i>Porto..</i>	1
João Elias da Costa Faria e Silva.....	<i>Lisboa..</i>	1
João Feio de Magalhaes Coutinho.....	<i>Braga..</i>	1
João Ferreira dos Santos Silva.....	<i>Porto..</i>	1

João Fernandes Thomaz.....	<i>Figueira</i> ...	1
João Lourenço Ferreira Braga.....	<i>Porto</i> ..	1
D. João de Mello Manoel da Camara.....	<i>Lisboa</i> ..	1
João Pinto de Faria.....	<i>Porto</i> ..	1
João da Silva Soares de Menezes.....	<i>Figueira</i> ..	1
João Thomaz Quillinan.....	<i>Porto</i> ..	1
João Teixeira de Mello.....	<i>Porto</i> ..	1
João Xavier de Souza Trindade.....	<i>Lisboa</i> ..	1
Joaquim Augusto Köpke.....	<i>Porto</i> ..	1
Joaquim da Cunha Lima Oliv. ^a Leal	<i>Villa Nova de Gaia</i>	1
Joaquim Cardozo de Carvalho e Gama	<i>Arcos de Val de Vez</i>	1
Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.....	<i>Evora</i> ..	1
Joaquim Ferreira Cabral.....	<i>S.ta Cruz do Douro</i> ..	1
Joaquim José da Costa e Simas.....	<i>Lisboa</i> ..	1
Joaquim Maria da Cunha Lima	<i>Villa Nova de Gaia</i> ..	1
Joaquim da Silva Soares.....	<i>Figueira</i> ..	1
Joaquim Ribeiro de Faria Guimaraens.....	<i>Porto</i> ..	1
Joaquim Ventura de Magalhães Reis.....	<i>Porto</i> ..	1
Jorge Laidley.....	<i>Figueira</i> ..	1
José Albino de Santa Rita.....	<i>Porto</i> ..	1
José de Amorim Braga.....	<i>Porto</i> ..	1
José Antonio Gonçalves Serodio (Padre)	<i>Fermentões</i> ...	1
J. A. Ferreira.....	<i>Porto</i> ..	1
José Antonio Loureiro.....	<i>Figueira</i> ..	1
José de Azeredo Pinto da Fonseca	<i>S. João d'Oril</i> ..	1
José Augusto Salgado.....	<i>Porto</i> ..	1
José Bernardo da Silva Cabral.....	<i>Lisboa</i> ..	1
J. B. Thomson.....	<i>Porto</i> ..	1
José Constantino Pereira.....	<i>Donello</i> ..	1
José Eleutherio Barbosa de Lima.....	<i>Coimbra</i> ..	1
José Ferreira Pestana.....	<i>Lisboa</i> ..	1
José Ferreira dos Santos Silva.....	<i>Porto</i> ..	1
José Gonçalves de Campos Vianna.....	„ ..	1
José Fernandes Ribeiro.....	„ ..	1
José Gomes Monteiro.....	„ ..	1
José Gregorio Lopes da Camara Sinval.....	„ ..	1
José Izidoro Ferreira da Silva.....	„ ..	1
José Jacintho Henrique da Silva Pereira	<i>Pezo da Regoa</i> ..	1
José Jacintho Valente Farinho.....	<i>Lisboa</i> ..	1
José Joaquim de Mattos.....	<i>Porto</i> ..	1
José Joaquim Per. ^a d'Almeida Vasconcellos	<i>Paço de Souza</i>	1
D. José de Lacerda.....	<i>Lisboa</i> ..	1

José Maria Rebello Valente.....	Porto..	1
José Maria de Souza Lobo.....	Porto..	2
José Maria da Veiga Cabral e Sampaio	<i>Cazal de Loivos.</i>	1
José Maria Ribeiro Pereira.....	Porto..	1
José Perry.....	Porto..	1
José Pinto Peixoto de Vasconcellos	<i>.... Pendurada..</i>	1
José da Silva Passos.....	Porto..	1
José da Silva Soares.....	<i>Figueira..</i>	1
José Vieira de Carvalho Júnior.....	Porto..	1
Luiz Antonio Pereira da Silva	<i>.... Porto..</i>	1
D. ^r Kunstmann.....	<i>Lisboa..</i>	1
Manoel Carneiro Pinto.....	Porto..	1
Manoel Freire de Faria.....	<i>Lisboa..</i>	1
Manoel Joaquim Pereira da Silva.....	Porto..	2
Manoel Henrique da Silva Pereira.....	<i>Peso da Regoa..</i>	1
Manoel Luiz Pereira Rebello.....	<i>Lisboa..</i>	1
Manoel Theotônio Ribeiro Vieira de Castro...	<i>Porto..</i>	1
Miguel Joaquim de Moura Coutinho	<i>Villa Nova de Gaia</i>	1
Manoel Ferreira Cabral.....	<i>Campello..</i>	1
Manoel Ribeiro Guimarães.....	<i>Porto..</i>	1
Manoel Rodrigues d' Amorim....	<i>Villa Nova de Gaia</i>	1
Manoel da Silva Passos.....	<i>Porto..</i>	1
Manoel dos Santos Fonseca.....	Porto..	1
Nicolao C. Köpke.....	Porto..	1
Offley, Webber, Forrester & C. ^o	<i>Londres..</i>	1
Offley, Webber, & Forrester	<i>.... Porto..</i>	1
Offley (Guilherme J. ^r).....	<i>Londres</i>	1
Patricio Maclagan.....	<i>Lisboa</i>	1
Raimundo Borges de Souza Pinto Medeiros	<i>S.ta Cruz</i>	1
<i>do Douro.....</i>	<i>}</i>	
Ricardo Vanzeller.....	Porto..	1
Roberto Cramp.....	Porto..	1
Robert Woodhouse.....	Porto..	6
Rodrigo da Fonseca Magalhães.....	<i>Lisboa..</i>	1
Sebastião de Almeida e Brito.....	Porto..	1
Thomaz Archer.....	Porto..	1
Thomaz Joaquim Dias.....	Porto..	1
Thomaz Norton.....	Porto..	1
Webber (Carlos Jorge).....	<i>Londres..</i>	1
William Richard Harris.....	Porto..	1
Zeferino Maximo Pereira de Carvalho	<i>.... Penafiel..</i>	1

m
h



VK
898
C3
1843

Castro, João de
Primeiro roteiro da costa
da Índia

Physical
Applied Sci

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 10 11 06 015 0